



OS GUINLE

A HISTÓRIA DE UMA DINASTIA

Clóvis Bulcão



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

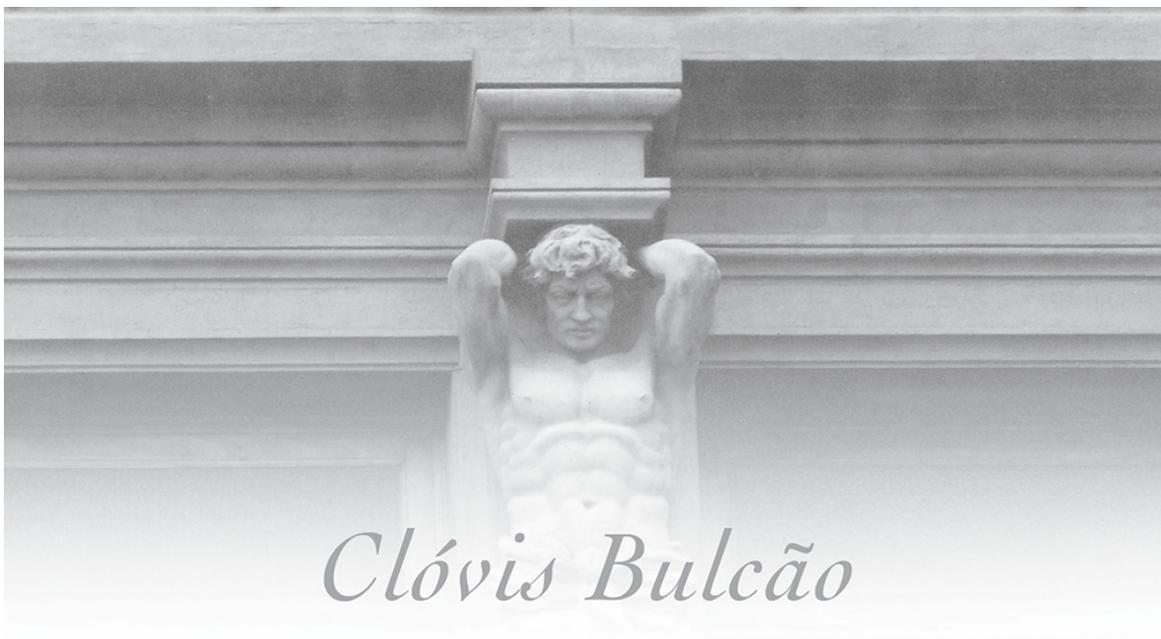
A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



Clóvis Bulcão

OS GUINLE

A HISTÓRIA DE UMA DINASTIA



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



“Quando desaparece um Guinle,
morre um pouco do nosso passado.”

NELSON RODRIGUES

Família Guinle

Cronologia

Introdução: O francês que virou gaúcho

Eduardo Palassim Guinle

Eduardo Guinle

Guilherme

Arnaldo

Carlos

Octávio

Celina e Heloísa

Os herdeiros

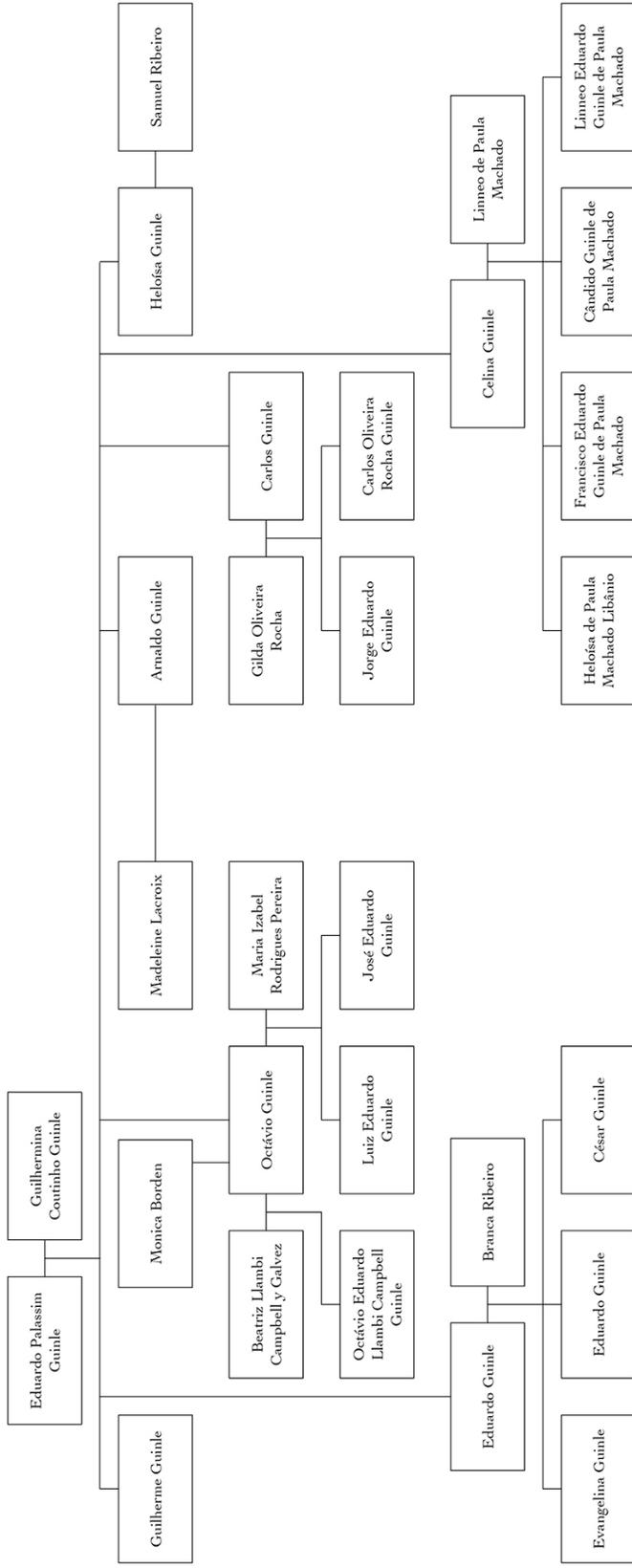
Notas

Bibliografia

Agradecimentos

Sobre o autor

Família Guinle



Cronologia

- 1840 *No início da década, Jean Arnauld Guinle migra para Montevideu.*
- 24 NOV 1843 *Jean Arnauld se casa com Josephine Désirée Bernardine.*
- 1846 *Nasce Eduardo Palassim Guinle, em Porto Alegre.*
- 1854 *Nasce Guilhermina Coutinho Guinle, em Montevideu.*
- 1871 *Eduardo Guinle se torna sócio de Cândido Gaffrée no armazém Aux Tuileries, no Centro do Rio de Janeiro.*
- 1875 *Eduardo Palassim Guinle e Guilhermina se casam e se mudam para o Rio de Janeiro.*
- 15 SET 1878 *Nasce o primeiro filho do casal: Eduardo Guinle.*
- 27 JAN 1882 *Nasce Guilherme.*
- 20 ABR 1883 *Nasce Carlos.*
- 2 MAR 1884 *Nasce Arnaldo.*
- 2 AGO 1886 *Nasce Octávio.*
- 21 AGO 1887 *Nasce Celina.*
- 12 JUL 1888 *Eduardo Palassim e Cândido Gaffrée vencem a licitação do porto de Santos.*
- 23 ABR 1890 *Nasce Heloísa, a caçula.*
- 2 FEV 1892 *O porto de Santos é inaugurado com apenas 260m de cais construído.*
- 1902 *Os irmãos Guinle se tornam sócios do Fluminense Football Club.*
- 1904 *Eduardo Guinle, Guilherme e Carlos fundam a empresa do ramo elétrico Guinle e Cia.*
- 25 FEV 1905 *Eduardo Guinle casa-se com a prima Branca Ribeiro.*
- 15 NOV 1905 *O presidente Rodrigues Alves inaugura a avenida Central e assiste ao desfile militar na sede da Guinle e Cia.*

- 1909 *Após inúmeros problemas com a Light, a Guinle e Cia. passa a se chamar Companhia Brasileira de Energia Elétrica (CBEE).*
- 24 ABR 1911 *Celina se casa com Linneo de Paula Machado.*
- 10 MAR 1912 *Morre Eduardo Palassim.*
- FEV 1914 *Octávio é preso em Nova York. Para se livrar do imbróglio, ele se casa com Monica Borden.*
- 1914 *Após concluir a construção de sua residência e fragilizado por inúmeros problemas financeiros, Eduardo Guinle é afastado do comando dos negócios da família.*
- 1914 *Carlos se casa com Gilda de Oliveira Rocha.*
- 1915 *Heloísa se casa com o primo Samuel Ribeiro.*
- 5 FEV 1916 *Nasce em Petrópolis o primeiro filho de Carlos e Gilda, Jorge Eduardo Guinle, o Jorginho.*
- 1916 *Chega ao fim o casamento de Octávio e Monica Borden.*
- 22 ABR 1919 *Nasce o segundo filho do casal, Carlos Oliveira Rocha Guinle, o Carlinhos.*
- 29 MAI 1919 *O futebol brasileiro vence o Sul-Americano, chancelado por Arnaldo.*
- 27 DEZ 1919 *Morre Cândido Gaffrée.*
- 1919 *Octávio funda a Cia. Hotéis Palace.*
- 1920 *Arnaldo funda o Fluminense Yacht Club, na Urca.*
- 1920 *Guilherme é aclamado presidente da Cia. Docas de Santos.*
- FEV 1922 *Os Batutas se apresentam em Paris com patrocínio de Arnaldo.*
- 13 AGO 1923 *Octávio inaugura o Copacabana Palace Hotel.*
- 1923 *Financiado por Arnaldo, o maestro Villa-Lobos se instala na capital francesa.*
- 8 DEZ 1925 *Morre Guilhermina.*
- MAI 1926 *Inauguração da estrada Rio-Petrópolis, patrocinada por Carlos.*
- 11 JUL 1926 *Linneo de Paula Machado inaugura o Hipódromo da Gávea.*
- 24 OUT 1926 *Financiado por Carlos, Villa-Lobos brilha no concerto na Salle Gaveau, em Paris.*

- 1927 *Venda da CBEE; transformação da casa bancária Boavista em banco, de fato.*
- 1932 *Octávio começa a organizar excursões turísticas econômicas por todo o Brasil.*
- 1933 *Octávio ajuda a organizar o carnaval carioca.*
- 1934 *O Circuito da Gávea, ou GP Carlos Guinle, se consagra como o mais importante evento esportivo do Brasil.*
- 27 NOV 1936 *O presidente dos Estados Unidos, Franklin Delano Roosevelt, visita a mansão de Carlos, em Botafogo.*
- 21 DEZ 1939 *Empresa de Guilherme encontra petróleo em Lobato (BA).*
- SET 1940 *Guilherme, que liderava a Comissão de Siderurgia, consegue empréstimo nos Estados Unidos para a construção da Companhia Siderúrgica de Volta Redonda.*
- 10 AGO 1941 *Morre Eduardo Guinle.*
- 1941 *Arnaldo se torna conselheiro da OSB e a orquestra ganha sede própria.*
- 30 ABR 1946 *Com a proibição dos jogos de azar, o Copacabana Palace perde sua principal fonte de sustentação.*
- 20 MAI 1960 *Morre Guilherme.*
- 26 AGO 1963 *Morre Arnaldo.*
- 1966 *Os Guinle doam o Hospital Gaffrée e Guinle para a Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, atual UNIRIO.*
- 14 MAI 1968 *Morre Octávio.*
- 7 FEV 1969 *Morre Carlos.*
- 29 JUN 1974 *Morre Celina.*
- NOV 1980 *Após 92 anos, acaba a concessão do porto de Santos.*
- 1989 *Venda do Copacabana Palace.*
- 19 MAI 1990 *Morre Heloísa.*
- 1997 *O Banco Boavista é vendido pelo valor simbólico de um real.*
- 5 MAR 2004 *Morre Jorginho Guinle.*



Place Vendôme, em Paris

ACERVO VICTOR BURTON

INTRODUÇÃO

O francês que virou gaúcho

Com a cabeça latejando, Eduardo Guinle, então com 22 anos, lentamente abriu os olhos. Deparou-se com o dossel dourado sobre a espaçosa cama de casal em que estava, depois notou uma garrafa enrolada na coberta da mesma cor e percebeu que as almofadas da *chaise longue* espalhavam-se pelo chão. Foi quando viu outra garrafa de champanhe Cristal vazia. Aos poucos foi se situando. Estava em Paris, para as celebrações do início do século XX, na suíte imperial do Hotel Ritz, uma cópia fiel dos aposentos de Maria Antonieta no palácio de Versalhes, com dois quartos, uma sala de jantar e um banheiro. Ao sentar-se devagar, se deu conta de que o espelho sobre a lareira estava quebrado e seus cacos misturavam-se aos de outra garrafa de champanhe. Chamou pela namorada e não obteve resposta. Com cuidado para não cortar os pés, foi atrás dela. Após percorrer as dependências, constatou que ela havia ido embora. Por fim, recordou-se de que a noite não acabara bem. Ela tivera um ataque de ciúme e a discussão levava à destruição parcial daquele quarto sofisticado.



Suíte imperial do luxuoso Hotel Ritz

ACERVO VICTOR BURTON

Ficou pensando em que atitude tomar. A namorada nem era uma grande amante, mas tinha outros encantos. Cantora lírica, vivia entre Berlim e Monte Carlo. Em plena ascensão artística, cantara até com Enrico Caruso, um dos maiores tenores de todos os tempos. Eduardo Guinle jamais esqueceria o dia em que, após uma grande gala na Ópera Garnier, na capital francesa, foram jantar no Tour d'Argent. O exclusivo restaurante estava lotado e havia uma considerável fila de espera. Assim que sua acompanhante foi reconhecida, como num passe de mágica surgiu uma mesa para dois muito bem localizada. Sob o olhar curioso de nobres, artistas renomados e empresários, Eduardo Guinle estava no centro das atenções. Movido por essa divina lembrança, resolveu agir.

Na recepção do hotel ficou sabendo que ela teria voltado para Berlim. Sem perder tempo, foi de táxi até a Gare du Nord, estação de onde partiam os trens para a capital alemã. Pediu para falar com o diretor da companhia, não sem antes avisar que era amigo do barão de Rothschild,

dono da empresa. Recebido na sala principal da Compagnie des Chemins de Fer du Nord, foi direto ao assunto:

— Preciso estar em Berlim antes que o último trem que saiu de Paris chegue lá. É assunto de vida ou morte.

O diretor da companhia arregalou os olhos e levou algum tempo para entender que Eduardo Guinle queria alugar um trem que ultrapassasse o que saía da capital francesa horas antes. Não era um pedido comum, na verdade, nunca antes alguém havia solicitado algo semelhante. Seria até possível atendê-lo, porém o procedimento não seria rápido e custaria caro, muito caro, pois, naquele início de século, as viagens ferroviárias, ligação mais rápida entre Paris e Berlim, envolviam empresas de nacionalidade francesa, belga, holandesa e alemã.

— Meu problema não é o custo, e sim o tempo — comunicou Eduardo Guinle.

Acertado o preço, e enquanto o trem era preparado, ele pegou outro táxi:

— Place Vendôme, número 23.

Ao chegar ao destino, a Maison Cartier, uma das mais célebres joalherias do mundo, foi recebido com a deferência de sempre. Falou com o gerente, um velho conhecido:

— Estou indo para Berlim e quero ser recebido na *gare* de lá por seu agente local. Que ele vá me encontrar com a joia mais valiosa da casa.

O gerente, que dias antes lhe vendera uma peça caríssima, não fez nenhuma objeção àquela proposta excêntrica. Nem mesmo perguntou qual seria a forma de pagamento, já que Eduardo Guinle era um de seus melhores clientes.

No dia seguinte, ao desembarcar em Berlim, a namorada demorou um pouco para compreender o que estava acontecendo. Parecia um sonho a inesperada presença de Eduardo Guinle, ali na estação, à sua espera, para presenteá-la com um diamante branco de mais de uma centena de quilates. O estratagema deu certo e a jovem diva reatou a relação com o milionário extravagante.

Entre todos os membros da família, nenhum sintetiza melhor do que Eduardo Guinle a trajetória de glamour e poder de seu clã. Audacioso e visionário, ajudou sua estirpe a realizar grandes empreendimentos. Curiosamente, o sobrenome Guinle acabou ficando associado, basicamente, à construção do mais famoso hotel do Brasil, o Copacabana Palace, no Rio de Janeiro. Entretanto, foram os Guinle que transformaram, na virada do século XIX para o XX, o litoral da cidade de Santos, em São Paulo, no maior porto da América Latina. Levaram energia elétrica aos principais estados do Brasil, em especial Rio de Janeiro, então capital federal, Bahia e São Paulo. Tiveram atuação decisiva na construção da Companhia Siderúrgica Nacional, a CSN, no interior fluminense, empresa número um na produção de aço no continente. Foram pioneiros na descoberta do petróleo no país e ainda, numa última tacada, participaram do projeto do maior aeroporto do Brasil, o de Cumbica, no município paulista de Guarulhos. Também fundaram um dos mais prestigiados bancos do Rio de Janeiro, o Boavista. Além disso, a família financiou, sem nenhum tipo de vantagem fiscal, a ciência, a saúde, a cultura e a educação.

Eduardo Guinle teve o atrevimento de sugerir ao pai, Eduardo Palassim Guinle, a compra de toda a praia de Copacabana quando a região era somente um extenso areal de difícil acesso, pois percebeu que havia ali um grande potencial imobiliário. Coragem semelhante à do avô paterno, Jean Arnauld Guinle, que no início da década de 1840 comunicou aos pais, Pierre Guinle e Jeanne Bragat, que trocaria o minúsculo povoado de Bazet, na região dos Pirineus franceses, para tentar a vida no Uruguai, do outro lado do Atlântico. Ao contrário de Eduardo Guinle, que obteve um *não* sonoro como resposta, Jean Arnauld escutou de seu pai, no dialeto da região em que viviam:

— *Se te fa enveja, te fará pás mal.* [Se você deseja, não lhe fará mal.]

Jean Arnauld errou na direção, mas acertou no sentido. Ao chegar em Montevideú, deparou-se com uma realidade muito diferente da imaginada: havia no país uma guerra civil e a cidade estava sitiada. A rica

comunidade francesa local se envolvera no conflito para defender seus interesses e, logo, tornou-se alvo prioritário. A ordem era degolar os franceses com serrote, começando o corte pela nuca, para depois expor os cadáveres. Todos estavam aterrorizados. O representante diplomático da França, M. Theodore Pichon, recomendou que seus compatriotas abandonassem imediatamente o país, seguindo para a Argentina ou o Brasil.

A história de Jean Arnauld complicou-se mais ainda, pois mesmo sabendo do perigo, e sem nunca ter pegado em armas, ele resolveu que só iria embora levando consigo Josephine Désirée Bernardine, francesa que conhecera ao desembarcar e por quem se apaixonara profundamente. Ora, isso só seria possível casando-se com ela. E assim, pouco antes do fechamento definitivo da missão diplomática francesa em Montevideú, no dia 24 de novembro de 1843, eles se casaram, às pressas, e foram dos últimos franceses a deixar a capital uruguaia. A decisão saiu cara a Jean Arnauld, já que ele teve de bancar os custos de imigração de todos os familiares de Josephine, que embarcaram com os noivos para o Brasil.



Gare du Nord

ACERVO VICTOR BURTON

Poucos anos depois, em 1846, nascia em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, Eduardo Palassim Guinle, filho do casal. Eduardo Palassim viveu boa parte de sua juventude como simples caixeiro-viajante, mas sua vida mudaria completamente graças à amizade com Cândido Gaffrée, gaúcho de Bagé, verdadeiro gênio das finanças que, aos dezessete anos, já obtivera sucesso comercial. Os dois acabariam se estabelecendo no Rio de Janeiro, onde abririam um armarinho na região central da cidade no início da década de 1870. Com muito senso de oportunidade, ampliaram suas ações: construíram estradas de ferro, compraram terras, plantaram café. E deram um salto de proporções incomensuráveis ao construir o porto de Santos.

Eduardo Guinle, Guilherme, Carlos, Arnaldo e Octávio, os cinco primeiros filhos de Eduardo Palassim, herdaram o DNA empreendedor do pai. E coube ao primogênito, Eduardo Guinle, a primazia de antever o grande potencial do nascente setor imobiliário carioca. Sua família lucraria, praticamente por todo o século XX, com sua decisão de adquirir, em 1902, diversos terrenos na nova artéria que estava sendo aberta no Centro do Rio de Janeiro, a avenida Central, atual avenida Rio Branco.

Quem primeiro fez os Guinle serem celebrados entre nobres europeus e milionários americanos foi também Eduardo Guinle. Portanto, anos mais tarde, quando seus irmãos, e depois alguns sobrinhos, começaram a transitar no exclusivo mundo do *jet set* internacional, o sobrenome da família já era conhecido. Foi com a construção de sua mansão no bairro de Laranjeiras — o futuro palácio Laranjeiras, hoje residência oficial do governador do estado —, uma década antes da inauguração do Copacabana Palace, que a fama de bom gosto e requinte dos Guinle se espalhou.

Da mesma forma que foi o primeiro a usufruir ostensivamente a riqueza da família, Eduardo Guinle foi o primeiro a conhecer a decadência. Ele falhou principalmente no trato com o poder público, quesito fundamental na estratégia do clã para proteger seus interesses e ampliar os negócios, independentemente de quem estivesse no poder.

A saga da família e a sua participação no crescimento econômico e no jogo político nacional não conferiram aos Guinle a merecida fama de empreendedores. Nem os pesados investimentos, ao longo de décadas, em atividades não priorizadas pelo Estado, como saúde, educação e cultura, garantiram a relevância de seu papel histórico. Os Guinle ficaram mesmo mais conhecidos por seu glamoroso estilo de vida. No entanto, a máxima instituída por Jean Arnauld Guinle — “Se você deseja, não lhe fará mal” — resume uma das mais surpreendentes trajetórias familiares da história do Brasil.



Eduardo Palássim Guinle

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO

Eduardo Palassim Guinle

No dia 12 de julho de 1888, Eduardo Palassim Guinle acordou angustiado em seu palacete em Botafogo, o mais sofisticado bairro do Rio de Janeiro na época. Até o meio da tarde ele saberia o resultado da licitação da qual participara com o amigo e sócio Cândido Gaffrée. Sem fazer muito barulho, vestiu o robe, calçou os chinelos e foi para a cozinha. Como sempre, a chaleira já estava no fogo. Cevou o mate e, enquanto esperava o chiado, introduziu vagarosamente a bomba na cuia. Quando o chimarrão ficou pronto, caminhou até o jardim. Cuspiu o primeiro gole e sentou-se em um banco.

Em seu coração havia um sentimento dúbio: teria sido uma boa ideia entrar na licitação para a construção de um porto em Santos? Não seria um passo maior do que as pernas? A cidade paulista abrigava o mais importante ponto de escoamento da crescente produção de café do país, mas o cenário misturava decadentes trapiches com velhas pontes de madeira e obsoletos armazéns para embarcar e desembarcar toneladas e toneladas de mercadorias. Por um lado, sabia-se que a modernização desse arcaico sistema, que movimentava somas vultosas, representava uma grande oportunidade empresarial. Aliás, as possibilidades no Império do Brasil, desde a assinatura da Lei Áurea dois meses antes, pareciam infinitas. O país, enfim, seguiria o rumo das nações civilizadas. Ao mesmo tempo, era impossível minimizar o histórico de fracassos das

várias tentativas de construção de um porto naquela localidade. Até o barão de Mauá, o maior empreendedor do período imperial, se esquivara do negócio. Não seria a aventura em Santos uma repetição do Eldorado uruguaio dos antepassados dos Guinle? Vivendo há dezessete anos na capital do país e morando em uma mansão que mandara erguer na rua mais exclusiva da cidade, a São Clemente,¹ não seria uma loucura se meter no lodaçal de Santos? O empreendimento não consumiria as benesses e os ganhos adquiridos com tanto esforço? Por outro lado, Eduardo Palassim nunca se esquecia da coragem do pai, Jean Arnauld, ao abandonar a França e enfrentar o continente americano, e isso o incentivava a ir adiante.

Voltou ao fogão e reabasteceu a cuia. Depois, acendeu um cigarro e imergiu em novos pensamentos. Tratava-se de um negócio diferente de todos os realizados até aquele momento pela dupla Gaffrée e Guinle. Nesse, os sócios de ambos, principalmente o majoritário, possuíam enorme prestígio social e econômico. Participar de licitação ao lado de empresários de estatura, fato raro entre migrantes como eles, era mais uma prova de sucesso perante a corte. E, caso vencessem a concorrência, se tudo desse realmente certo, por algumas gerações a família Guinle poderia viver sob o lema do velho Jean Arnauld: “Se você deseja, não lhe fará mal”.

A manhã transcorreu lenta e no início da tarde, mais aflito do que nunca, Eduardo Palassim ainda aguardava a chegada de Cândido Gaffrée. Até as quatro horas ele e a esposa, Guilhermina, ficariam sabendo quem seriam os realizadores do ambicioso projeto. Enquanto sua mulher se entretinha com os meninos, cada carruagem que quebrava o silêncio da São Clemente deixava-o apreensivo. Tentou ler os jornais vespertinos, colocar a correspondência em dia, e nada. De repente, um landau puxado por dois tordilhos negros surgiu na entrada do palacete. Eduardo Palassim e Guilhermina correram então em direção à varanda, enquanto a viatura contornava o jardim central. Cândido, antes mesmo de descer da luxuosa carruagem, já exibia um largo e vitorioso sorriso.

Os três se abraçaram demoradamente. A noite seria longa e a celebração, *au grand complet*.



Cândido Gaffrée, sócio e amigo de Eduardo Palassim

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO

No dia seguinte, Eduardo Palassim foi o primeiro a acordar, ainda tonto pelos excessos da noitada. Poucas vezes na vida despertara tão tarde, após o meio-dia. Mesmo assim, manteve a rotina. Preparou o

chimarrão e foi até o escritório. As crianças brincavam no jardim e ele acomodou-se, preguiçosamente, para saborear o maior triunfo de sua trajetória lendo as manchetes dos vespertinos. Mas, num piscar de olhos, a bonança se transformou em tormenta e a decepção virou irritação. De um salto chamou um dos empregados:

— Acorde imediatamente madame e *seu* Cândido.

A construção do porto de Santos fora disputada por outros cinco concorrentes, todos muito bem articulados com os políticos e a imprensa. Haveria muita grita, qualquer que fosse o resultado, e isso já estava nos cálculos de Eduardo Palassim e Cândido Gaffrée. Um detalhe, no entanto, surpreendeu Palassim. As críticas que ele via estampadas naqueles jornais, claramente comprometidos com os grupos concorrentes, dirigiam-se justamente aos nomes de seus sócios, em especial José Pinto de Oliveira, o de maior prestígio.

A composição societária havia sido estratégica. Até então, os sobrenomes Guinle e Gaffrée eram pouco conhecidos: referiam-se apenas a dois gaúchos que prosperaram no Rio de Janeiro. Não mantinham amizades com o círculo mais restrito do Império, não privavam da intimidade do imperador d. Pedro II nem de sua filha, a princesa Isabel — e era ela quem, de fato, ocupava o governo naquele momento. Portanto, do ponto de vista político e social, os Guinle e Gaffrée seriam os concorrentes mais fracos do projeto em torno do porto paulista.

Assim, a opção de ambos por determinados sócios com maior patrimônio social visava camuflar os próprios nomes, ainda que fossem eles os articuladores do negócio. Entre os sócios estavam José Pinto de Oliveira, conselheiro do Império, íntimo do imperador; João Gomes de Avilar, filho do visconde da Paraíba, uma das maiores fortunas do Brasil; e Benedito Antônio da Silva, o mais próspero capitalista de São Paulo, maior proprietário da Chácara do Capão (região da atual avenida Paulista) e dono da estrada de ferro Rio Claro-São Carlos. O estratagema, no entanto, não havia funcionado.

Cândido foi o primeiro a chegar ao escritório. Entrou com o semblante fechado e mandou preparar seu chimarrão.

— O que está acontecendo?

— Leia os jornais.

Quando Guilhermina apareceu, os dois conversavam agitados mas logo foram se acalmando. Havia uma saída: para assegurar de uma vez por todas a assinatura do contrato com o Império, seria interessante alterar a composição societária do consórcio. Pois se os respeitadas membros da corte eram tão questionados pela imprensa, seria melhor, a partir de então, tirá-los do comando do empreendimento. Nada havia sido publicado contra Eduardo Palassim e Cândido, e como, na prática, seriam eles os responsáveis pela execução da obra, era melhor trazer a dupla para o primeiro plano. Partiu de Guilhermina a ideia de reunir todos os sócios na rua São Clemente.

— Temos de mostrar quem somos — argumentou.

De fato, a propriedade dos Guinle servia de cartão de visita. Destacava-se das demais no bairro não apenas pela suntuosidade, mas também pelas dimensões. Ocupando um extenso quarteirão, o terreno, cujos fundos davam para a rua seguinte, a Voluntários da Pátria, abrigava um estupendo palacete de arquitetura francesa, um magnífico jardim à inglesa, dependências de empregados, cocheiras e garagem. Seu interior era luxuoso.

Além das estocadas nos jornais, outra descoberta incitou Eduardo Palassim e Cândido a revelar seu real poder de fogo a fim de não perderem a oportunidade em Santos. Quando saiu o resultado da concorrência, não escapou ao olhar atento de ambos que algumas cláusulas do edital haviam sido alteradas de maneira arbitrária pelo governo imperial durante o processo de licitação, e sem que os próprios concorrentes soubessem. Pelas novas regras, determinava-se, por exemplo, o uso de guindastes hidráulicos em vez dos movidos a vapor, citados originalmente; prazo de **39** anos para a concessão; início dos trabalhos em seis meses; conclusão das obras em três anos, sob pena de

multa. Tudo isso sem que se pudesse alegar dispêndio superior ao orçamento fixado no início da licitação.² Em outras palavras, devido às novas imposições, o empreendimento ficaria muito mais caro do que o previsto. Um desafio bem maior do que havia sido imaginado, mas também uma ótima chance para que os dois mostrassem seu cacife.

Eduardo Palassim e Cândido sabiam que, na corte, havia dois tipos de sucesso: o econômico e o social. Haviam se associado a integrantes de famílias tradicionais; eles, no entanto, ainda começavam a se firmar socialmente. Já o sucesso econômico era um velho conhecido. Tudo começara em 1870, quando Gaffrée, recém-chegado do Rio Grande do Sul, abrira a Nunes, Gaffrée & Cia., na rua da Quitanda, 13, no Centro do Rio de Janeiro, em sociedade com José Marques Nunes e Carlos Pereira Rego. Tratava-se de um armarinho cujo nome fantasia era Aux Tuileries. Um ano mais tarde, Eduardo Palassim chegou à cidade e entrou no negócio. Não se sabe qual a divisão societária entre os amigos, mas era um empreendimento próspero.³

Com o novo sócio, a empresa passou a se chamar Gaffrée & Guinle, cabendo metade da sociedade aos dois e a outra metade a Maria Atanásia Macedo da Fontoura Castarlar, uma terceira sócia sobre a qual pouco se sabe. O contrato social também foi alterado. Além de compra e venda de tecidos, a empresa poderia fazer negócios com “outro qualquer artigo que convenha à sociedade, comprado nesta praça ou mandado vir do estrangeiro”.⁴ A clientela, que ia em busca principalmente de peças importadas de qualidade, era atendida no balcão, como em todo pequeno comércio. Após cinco anos, porém, o negócio havia crescido tanto que quando o contrato com Maria Atanásia chegou ao fim e, por força da lei, foi feito o distrato, ela levou uma soma respeitável.⁵ Em três anos, embolsara 45,72% de ganho. A marca da dupla Guinle e Gaffrée começava a se cristalizar.

Eduardo Palassim, que morava no sobrado da própria loja, e Cândido Gaffrée se completavam. Com especial talento para o comércio e as

finanças, Cândido sabia farejar um bom negócio, renegociar prazos e comprar e vender na hora certa. Guinle, além de ser um sedutor irresistível, se valia da vantagem de ser bilíngue, passando com fluência do português ao francês de acordo com a conveniência, o que era essencial, já que as lojas de maior sucesso no Centro pertenciam a franceses — casas como Notre-Dame de Paris e Costreajeau, na sofisticada rua do Ouvidor, e a Aux Tuileries haviam tirado o espaço dos empresários ingleses.⁶



Santos primitiva, rua Xavier da Silveira, 1893

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO

Na primeira metade da década de 1870, os dois sócios se casaram. O casamento de Cândido, em 29 de junho de 1872, com Maria Theresa Eugênia Bouchaud, duraria pouco, pois ela morreria durante o parto, junto com o primeiro filho do casal. Cândido permaneceria viúvo. Eduardo Palassim casou-se em 10 de abril de 1875, em Porto Alegre, com Guilhermina Coutinho da Silva. A família da noiva tivera uma

trajetória bem parecida com a dos Guinle — seu pai, o uruguaio Sebastião Coutinho da Silva, também imigrara para Porto Alegre, onde se casou com a gaúcha Francisca Baptista Tubino.

A certidão de casamento de Eduardo Palassim e Guilhermina traz um sinal evidente de ascensão social do noivo, pois consta no documento o nome do cura Hildebrando de Freitas Pedroso, um dos religiosos mais famosos do Rio Grande do Sul na época.⁷ Entre os Guinle circula a informação de que Eduardo Palassim chegou a receber do imperador a oferta de um título nobiliárquico, que foi recusado⁸ (o que faz supor que fosse simpático à Revolução Francesa, como a maioria dos imigrantes de origem francesa na época).

Guilhermina seguiu com o jovem esposo para o Rio de Janeiro, para morar na Aux Tuileries. Com o sucesso da casa, no início dos anos 1880 eles já haviam enriquecido e decidiram expandir seus negócios. Sempre em sociedade, Eduardo Palassim e Cândido Gaffrée investiram primeiro na construção de estradas de ferro. Em seguida, tornaram-se empreiteiros no Rio de Janeiro e em São Paulo e subempreiteiros em Alagoas e Pernambuco. Há quem diga que, por volta de 1888, ano da licitação do porto de Santos, já haviam construído 1.500 quilômetros de ferrovias.⁹ Paralelamente, começavam a ficar conhecidos na corte.

Cândido era retraído socialmente; já o amigo, ainda que discreto, mantinha um estilo de vida um pouco mais arrojado. A escolha de Botafogo como bairro para residência é uma mostra disso: entre outros vizinhos da elite carioca, estava, por exemplo, o político Rui Barbosa. A entrada de Cândido para a maçonaria Grande Oriente também foi sinônimo inequívoco de afirmação social, e o mesmo se pode dizer do fato de ter sido aceito, por seu espírito empreendedor, no seletto Clube de Engenharia.¹⁰

No final da década, com a posição econômica consolidada, os dois sócios entraram para o lucrativo ramo do café, no interior de São Paulo, e

para o setor fabril, no Rio de Janeiro — na fábrica Cruzeiro, 130 operários produziam fósforos de forma eficiente pela primeira vez no Brasil. Foi quando ousaram ficar à frente do projeto de modernização do porto de Santos, que se tornaria o mais importante do país.

O porto de Santos

Não se sabe se a sugestão de Guilhermina de reunir os sócios no palacete em Botafogo foi determinante, mas a composição da sociedade foi alterada conforme planejado, tendo à frente Eduardo Palassim e Cândido. Assim, em 26 de julho de 1888, catorze dias após o resultado da licitação, foi organizada a Gaffrée, Guinle & Cia., que seria a responsável pelas obras de melhoramento do porto de Santos.

A rapidez com que a empresa foi criada visava calar críticas de setores da imprensa e demonstrar que os vencedores tinham, sim, saúde financeira para tocar o grandioso projeto. As críticas haviam sido pesadas e nesse meio-tempo o resultado da licitação se transformara em uma batalha política. Debates inflamados incendiaram a Câmara dos Deputados, e o deputado Lourenço Filho, por exemplo, chegara a bradar no plenário uma frase de pura retórica política, mas carregada de pólvora: “É um monopólio!”. A acusação era infundada, pois não havia nenhuma intenção, naquele momento, de se obter o monopólio do porto. Nem o argumento de que a obra teria um alto custo — o que inviabilizara iniciativas anteriores em Santos — atingiria a dupla, pois dinheiro não era problema para Cândido e Eduardo Palassim.

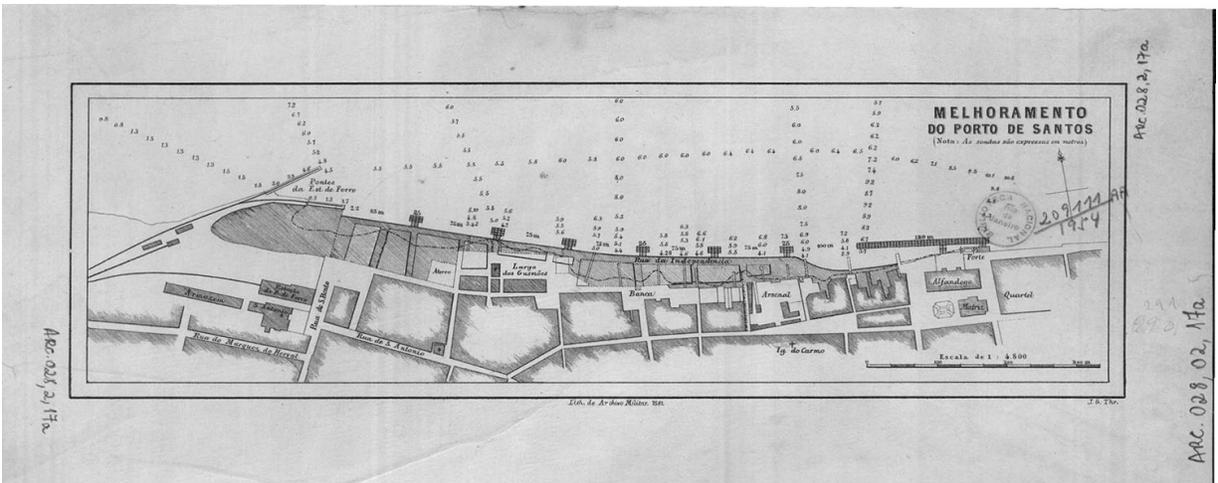
Os registros da Junta Comercial da recém-fundada empresa mostram a seguinte hierarquia: Cândido Gaffrée — mil contos de réis; Eduardo Palassim Guinle — quinhentos contos de réis; José Pinto de Oliveira — 450 contos de réis. Os demais sócios entraram, no total, com 1,6 mil contos de réis, sendo que dois tinham a mesma participação de Guinle, ou seja, quinhentos contos de réis cada um. O capital total era de 4 mil

contos de réis, o equivalente à arrecadação tributária da província de São Paulo no ano de 1889. Uma verdadeira fortuna!

A decisão de batizar a firma com o nome Gaffrée, Guinle & Cia. era justa, pois, desde o primeiro momento, haviam sido eles os organizadores do empreendimento. Além disso, pesou na decisão o volume de seu capital. No entanto, não se pode desprezar a eficácia do caráter envolvente de Eduardo Palassim, que, desde os tempos da loja, usava seu carisma pessoal para alavancar os negócios. Foi assim que conseguiu estabelecer, no artigo 2º do contrato social, que eles, Gaffrée e Guinle, seriam os gerentes únicos da empreitada, administrando tudo conjuntamente ou substituindo-se reciprocamente, e também os únicos representantes diante do poder público.¹¹

Nessa fase inicial, os sócios-gerentes — que não receberiam salários mas teriam direito a 20% dos lucros líquidos do porto — tinham pela frente uma obra difícil e cara. Sem contar que nenhum deles morava em Santos, e sim no Rio de Janeiro. Apesar das perspectivas dos 20% dos lucros futuros, Cândido e Eduardo Palassim ficariam, num primeiro momento, com quase todas as responsabilidades e os problemas desse enorme desafio.

A conquista da concessão do porto de Santos determinou um novo papel para Guilhermina na relação com o marido e o sócio. Até então, ela era apenas uma espectadora das decisões, sem voz ativa nos negócios, apesar de sempre defender o investimento em Santos. Não que possuísse uma aguçada visão empresarial. A ligação com a cidade era estritamente afetiva, pois lá morava uma de suas irmãs, Maria Isabel, que Guilhermina mandara vir de Porto Alegre assim que ela e o marido começaram a colher frutos da Aux Tuileries.



Melhoramento do porto de Santos, 1891

ACERVO DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL - BRASIL

Foi no Rio de Janeiro, na casa de Guilhermina, que Maria Isabel conheceu seu futuro marido, Francisco de Paula Ribeiro, o Chico de Paula, que teria participação importante na trajetória dos Guinle no porto santista. Ele era grande amigo de Eduardo Palassim desde os tempos de Porto Alegre. Maria Isabel e Chico de Paula se casaram em 1880, no Rio de Janeiro, e se estabeleceram em Santos, pois Chico acreditava no potencial da cidade. Lá, ele se tornaria presidente da Associação Comercial do município e anos depois, após a criação da empresa de Gaffrée e Guinle, passaria a tocar os negócios no porto.

Marcos Ferreira da Rosa, neto de Chico de Paula, conta que era o avô quem desde muito cedo alertava os amigos sobre o potencial daquele porto, mas era ignorado. Marcos diz que certa vez Eduardo Palassim chegou a dar a seguinte resposta, cheia de ironia, ao amigo e concunhado:

— Chico, tu és um visionário. Deixa-te destas manias e vem para o Rio onde tens um balcão à tua disposição.¹²

Apesar de Chico de Paula ter repetido inúmeras vezes que Santos estava fadada a ser a Nova York do Brasil, Cândido e Eduardo Palassim só se convenceram de que o porto poderia ser interessante quando o

governo brasileiro lançou o edital de concorrência para a sua construção. Já Maria Isabel nunca deixou de dizer à irmã que Santos era perigosa e nada convidativa. Com um litoral tomado por lodaçal, as epidemias eram comuns. E foi exatamente este o segundo grande desafio que Eduardo Palassim e Cândido tiveram de enfrentar: o entorno inóspito.

Após terem resolvido os problemas políticos, acertado a questão societária e levantado o capital, era hora de mostrar sua capacidade técnica, pois a concessão exigia que as obras fossem iniciadas em fevereiro de **1889**, sob pena de cancelamento do contrato. O início se deu no tempo acordado, mas os engenheiros foram surpreendidos por uma quantidade de lodo muito acima do prospectado em estudos anteriores. Por isso Eduardo Palassim e Cândido pediram ao Estado o prolongamento do prazo de construção.

Ao verem o pedido aceito, a dupla intuiu que seria possível negociar outros itens da concessão e, talvez, outras cláusulas, sempre em benefício da própria empresa. Em **1890**, houve nova modificação na composição da firma, por conta da morte de dois sócios. Foi feita também a primeira grande alteração contratual com o governo: Cândido e Eduardo Palassim passaram a ter o direito de construir um dique na enseada do Valongo. Assim, continuaram a lançar mão do expediente de ir barganhando com o poder público permissões e regalias que facilitassem o bom andamento de seus interesses.

Tudo poderia ter ido por água abaixo quando os militares proclamaram o fim do Império, em **1891**. Eduardo Palassim e Cândido, porém, usando de enorme habilidade, continuaram prosperando tão bem sob a República quanto sob o bastão do imperador. Além disso, o governo era novo, mas a velha prática de pedir alterações seguia em vigor. Sempre alegando que havia a necessidade de superar obstáculos não previstos no edital, meses após a proclamação da República a dupla solicitou a ampliação do capital da empresa de **4 mil contos de réis para 15 mil**

contos de réis. Cândido e Eduardo Palassim então detinham, juntos, 12,64 mil contos de réis (6,12 mil, de Guinle; e 6,52 mil, de Cândido).



Diretores e engenheiros da Cia. Docas de Santos, 1909

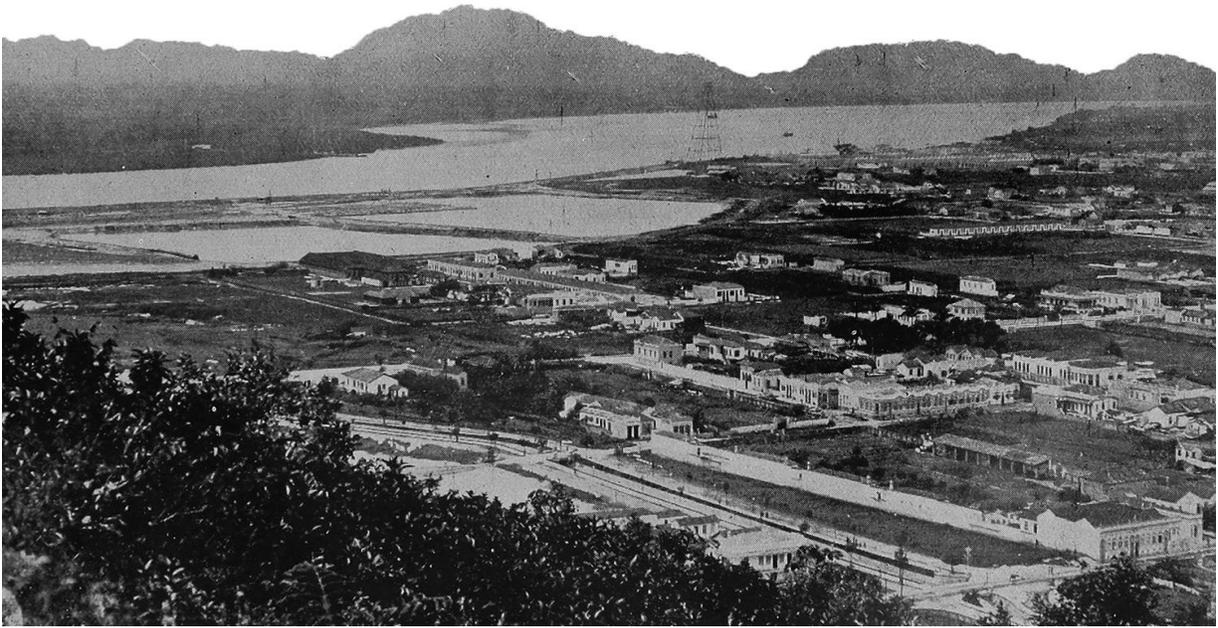
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO

A Gaffrée, Guinle & Cia. seria extinta no último dia de dezembro de 1895, ano previsto em contrato para a conclusão das obras. Antes, em 20 de dezembro de 1892, beneficiados pela alteração de uma lei que facilitava a criação das sociedades anônimas, os dois amigos criaram a Cia. Docas de Santos. A nova empresa incorporou as concessões relacionadas com a construção do porto e ampliou suas atividades. Além de construir, Eduardo Palassim e Cândido também poderiam agenciar navegação e transporte terrestre, e ainda agir no comércio em geral.

Foi nesse momento que os dois amigos talvez tenham dado um de seus maiores “pulos do gato” — ou golpes, como alguns preferem chamar —, ao estenderem o prazo da concessão para explorar o porto, que

inicialmente era de 39 anos, para 92! Como conseguiram uma concessão pública tão longa? Ninguém sabe. Nenhum historiador explicou, de forma definitiva, como eles obtiveram essa prorrogação de contrato para quase um século. Sem nenhuma licitação, a Cia. Docas de Santos passou a poder explorar o porto até 7 de novembro de 1980. Sorte, prestígio político ou golpe? Talvez esse seja o maior questionamento que se faz sobre a lisura dos procedimentos dos Guinle.¹³

Cuidar dos interesses em Santos, mesmo morando longe, era estratégico para Eduardo Palassim e Cândido, pois os investimentos eram astronômicos. Nenhum setor industrial no Brasil, no mesmo período, havia mobilizado tanto dinheiro.¹⁴ O Estado brasileiro vivia das rendas da alfândega, portanto, quanto mais eficiente fosse o porto, maior seria a arrecadação de impostos. Mas não foram apenas o Estado e a sociedade entre Gaffrée e Guinle que lucraram. Os principais acionistas da Cia. Docas de Santos eram brasileiros anônimos espalhados pelo país. Gente como Feliciano Mendes de Mesquita, engenheiro de Minas Gerais; José Zeferino Ferreira Velloso, fazendeiro de Botucatu; Manoel Vicente Lisboa, negociante estabelecido na rua da Quitanda, Rio de Janeiro.¹⁵ Todos recebiam pontualmente seus dividendos. Investir e confiar em Eduardo Palassim e no sócio era um ótimo negócio. Assim, foram aclamados em assembleia; somente eles poderiam ser diretores das Docas.



Vista de Paquetá dos Outeirinhos durante a construção do cais, 1910

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO

Triângulo amoroso

Em meio ao sucesso profissional, econômico e social de Eduardo Palassim e Cândido, um detalhe no artigo 15 dos Estatutos da Cia. Docas de Santos trazia à tona uma peculiaridade da vida íntima de seus sócios que costumava gerar, à boca pequena, comentários maldosos. Rezava o artigo: “Serão Diretores, nos seis primeiros anos, Cândido Gaffrée, negociante, morador à rua São Clemente, número 143, e Eduardo Palassim Guinle, negociante, residente à rua São Clemente, 143”. Ora, Cândido, um homem reservado, tinha um palacete próprio também em Botafogo. Como explicar que constasse no estatuto o endereço do sócio como sendo o de sua residência?

Curiosamente, em diferentes regiões do Brasil, a resposta a essa pergunta é sempre a mesma. Para os familiares de Cândido, em Bagé, ele e Guilhermina eram amantes. O marido pactuava. E mais: os meninos Guinle de baixa estatura seriam filhos de Cândido.¹⁶ Os descendentes do

empresário paulistano Nadir Figueiredo¹⁷ sempre escutaram a história de que Cândido, Eduardo Palassim e Guilhermina deixavam claro que havia mais do que amizade entre eles. Marcos Carneiro de Mendonça, ex-presidente do Fluminense e membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, contava, com certa ironia, que aquele havia sido o primeiro caso de *ménage à trois* que conhecera. Em 28 de dezembro de 1919, o jornal franco-carioca *L'Étoile du Sud* publicava que Cândido e Eduardo Palassim “*mélèrent leur existences*” (misturam sua existência) “*sans jamais s'être quittés um seul instant*” (sem nunca se abandonarem um só instante). Essa intimidade, segundo o jornal, vinha desde a infância, no Rio Grande do Sul.

Eduardo Palassim e Guilhermina tiveram, oficialmente, sete filhos: Eduardo Guinle, Guilherme, Carlos, Arnaldo, Octávio, Celina e Heloísa. Guilhermina era “mãe generosa, hospitaleira, ocupava-se com o mesmo desvelo das obrigações domésticas e das obras pias e caritativas”.¹⁸ Em nenhum momento, ela, o marido e o sócio abriram mão da discrição. O recato da matriarca era tal que, em sua casa de verão, em Copacabana, mandou fazer uma grande piscina de água salgada para não ter de se expor indo à praia. Seu nome só circulava nos jornais em ocasiões pontuais, marcando presença em inaugurações, eventos esportivos e de caridade, nas temporadas de ópera ou teatrais, ou apoiando as iniciativas dos filhos. Nada muito diferente de Eduardo Palassim e Cândido.

A vida reclusa explica a quase inexistência de fotografias e pinturas de Eduardo Palassim, Cândido e Guilhermina, seja entre os Guinle, seja entre os Gaffrée. As raras imagens mostram que Eduardo Palassim era alto, magro, usava um vasto bigode e tinha belos olhos claros. A principal pintura de Cândido, de propriedade da Santa Casa de Santos, mostra um homem loiro, também bigodudo e bem mais encorpado que o sócio. No Rio de Janeiro, a Santa Casa da Misericórdia guarda uma tela a óleo com a melhor representação conhecida de Guilhermina, já em idade avançada.

E o que os próprios Guinle têm a dizer do suposto caso amoroso? O playboy Jorginho Guinle, neto de Eduardo Palassim (e filho de Carlos), declarava, com malícia, que seus antepassados “não eram fáceis”.¹⁹ Aos filhos Georgiana e Gabriel, afirmava que “Guinle bonito é Gaffrée. Com nariz de judeu é Guinle”. Gisele Sanglard, estudiosa da família, afirma que todos os filhos de Eduardo Palassim chamavam Cândido de “padrinho”. A pesquisadora acredita que Carlos, Arnaldo e Celina eram filhos de Cândido.²⁰ Outro dado relevante é que alguns Guinle foram mais aquinhoados no testamento de Cândido que seus parentes.

Os Guinle nos jornais

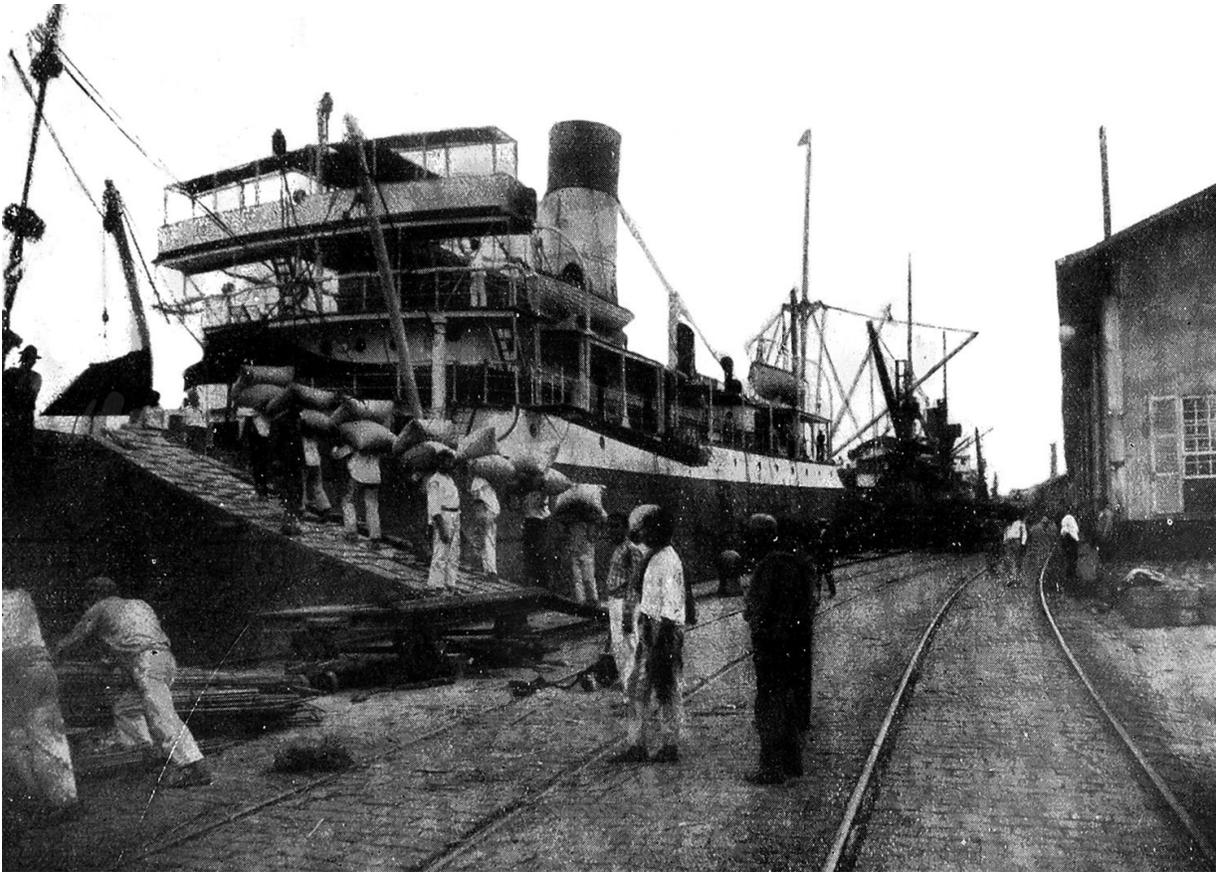
A pesar da grandiosidade do porto de Santos, não foi esse empreendimento que tornou os Guinle conhecidos na corte, afinal, no Rio de Janeiro não se tinha noção de sua importância. Talvez porque Santos ficasse longe da capital federal, e mesmo da capital paulista, talvez porque nunca tenha virado a “Nova York brasileira” prevista por Chico de Paula, a opinião pública ignorava o que acontecia por lá. Assim, a fama dos Guinle, exceto entre os santistas, jamais foi associada ao porto. Sem formação acadêmica, Eduardo Palassim decidiu investir na educação dos filhos como expediente de afirmação social, uma prática corriqueira até os dias de hoje. Matriculou os meninos na instituição do humanista João Köpke, uma das mais importantes da época.

O educador enviava para a imprensa peças publicitárias de sua escola, na rua Real Grandeza, em Botafogo, perto do palacete da família Guinle, usando o prestígio dos clientes. Foi por essa via que, no início de 1889, pela primeira vez na vida o casal Guinle teve seus nomes divulgados nos jornais, ao lado de gente como Rui Barbosa, o deputado Carlos Afonso Figueiredo e o ministro Felipe de Sá, integrando a Comissão do

Conselho de Família. A intenção era apresentar o estabelecimento a outros pais que quisessem matricular os filhos.

Por esse tempo o sobrenome Guinle passou a circular também devido ao número de vezes que os dois sócios conseguiram alterar o contrato de construção do porto. Após obter tantos benefícios governamentais, a Cia. Docas virou alvo de reportagens, em jornais de Santos, São Paulo e Rio de Janeiro, que questionavam a retidão da relação do Estado com os dois empresários e sugeriam que o contrato do porto poderia ser lesivo aos interesses nacionais. Em 22 de junho de 1894, por exemplo, o *Diário Popular* de São Paulo denunciava: “O governo não tinha mais o que dar: o contrato já havia sido adulterado em todas as suas cláusulas; todas as multas foram relevadas; o prazo da concessão prolongado de 39 para 92 anos”.

No início de 1892, os primeiros 260 metros do cais foram inaugurados de modo solene. Mas, nos anos seguintes, a empreitada esbarrou em novos empecilhos, como a crise econômica vivida no início do período republicano;²¹ outro problema era a carência de mão de obra. O engenheiro Guilherme Benjamim Weinschenk, técnico responsável pela construção, reclamava, em 1894, da rotatividade do pessoal que trabalhava nas oficinas. Sugeria que os salários fossem aumentados para “proporcionar certo estímulo”²² e alertava para a baixa qualidade da alimentação e as condições precárias de moradia e higiene do operariado. Foi quando Eduardo Palassim e Cândido mostraram uma visão empresarial ímpar, criando o salário de incentivo. Fora isso, construíram canais para esgoto na cidade e bueiros para o escoamento das águas pluviais, além de estabelecerem um regulamento de trabalho e de convivência rígido entre os operários. Entre 1893 e 1894, os casos de febre amarela diminuíram 89% na comunidade.²³



Embarque de café no cais, 1910

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO

Dez anos depois, em 1914, o industrial americano Henry Ford trombetaria aos quatro cantos do planeta a inclusão de um salário de incentivo na nova política salarial de sua empresa, a Ford Motor Company. Assim, a obra do porto de Santos abrigara uma forma pioneira de relação de trabalho.²⁴ Em 1919, a Ford passaria a contar com um Departamento de Sociologia e as famílias dos operários de suas fábricas seriam visitadas com o objetivo de estimular “novos hábitos”, como poupar dinheiro, dormir em camas, manter a casa limpa e as moscas longe da comida. Muito antes disso, os Guinle já interferiam, também de forma pioneira, no cotidiano de seus funcionários.

E nesse particular, mais uma vez, era possível sentir a presença subliminar de Guilhermina na condução dos negócios da família. Ao

longo da vida, ela manteve uma inequívoca vocação para ajudar os necessitados, colaborando com obras sociais e contribuindo com vultosas doações na construção de serviços médicos para a população.

Os tentáculos

Não se sabe de quem partiu a ideia, mas na virada do século a Cia. Docas resolveu dar um novo e ousado salto: garantir o monopólio de Santos. No primeiro contrato entre o Império e a dupla Eduardo Palassim e Cândido Gaffrée rezava apenas que seria construído um cais de aproximadamente novecentos metros “entre a ponte velha da estrada de ferro e a rua Braz Cubas”, e que o empreendimento “seria servido por uma linha férrea e guindastes”. No entanto, durante a construção do cais, ainda no tempo da Gaffrée, Guinle & Cia., a extensão do porto foi renegociada com base em uma avaliação técnica e o seu tamanho pulou de **866** para **988** metros e, depois, para **1.871** metros.

A expansão dos negócios causou reações imediatas em Santos. Se, por um lado, o Estado brasileiro apoiava a construção das novas instalações, por outro, a Câmara Municipal comprou a briga dos trapicheiros que sobreviviam no local e percebiam que o crescimento do porto representava uma ameaça definitiva para suas atividades. Contrariando esses velhos interesses, o governo federal repassou para Eduardo Palassim e Cândido o direito de armazenar. No bojo da negociação para resolver de uma vez por todas a questão portuária, o Estado concedeu uma nova extensão para o porto, cinco vezes maior do que a prevista no primeiro contrato: **4.720** metros. Na prática, a Cia. Docas simplesmente atropelaria os concorrentes, pois não haveria mais espaço físico para as pontes de madeira e os trapiches. Todas essas benesses foram concedidas, mais uma vez, sem concorrência pública.

A companhia também foi beneficiada com a autorização para novamente ampliar seu capital, como forma de facilitar seus

compromissos internacionais. E mais: o prazo de três anos para a conclusão das obras foi estendido para cinco. Os benefícios que a empresa recebia pareciam intermináveis. Para a construção dos armazéns, havia a necessidade de se ocupar uma área entre o cais e a rua. O contrato inicial previa que essa faixa era de vinte metros, mas o governo republicano permitiu a ampliação até “aquela que a empresa necessitasse”. O porto crescia e a Cia. Docas não restringia sua área de atuação ao cais, atingindo diversos pontos da cidade e reivindicando para si terras e até morros.²⁵

Apesar de nunca ter sido pactuado com o Estado, a dupla obteve uma conquista de proporções incomensuráveis: o monopólio das atividades portuárias de São Paulo. E foi com a construção de um simples muro que a Cia. Docas conseguiu sua vitória definitiva, pondo abaixo as últimas pontes e os trapiches. Agindo dessa forma, Eduardo Palassim e Cândido inauguraram uma nova era nas relações entre o Estado brasileiro e o empresariado, em que prevalecia a obtenção, sem limites, de favores governamentais. Portanto, muito antes do vínculo com o glamour e o luxo, o sobrenome Guinle foi associado ao poder.

O empreendimento trouxe benefícios diretos para Santos. No início do século XX, com a redução do lodaçal no entorno da cidade, as mortes por febre amarela ficaram reduzidas a dois casos e os óbitos por tifo diminuíram, em uma década, de 51 para dez. Nesse período, a cidade cresceu de 25 mil habitantes para 45 mil. Conta a historiadora Maria Lúcia Gitahy que, de acordo com as lembranças dos moradores ricos de Santos, no começo do século passado, a cidade ficou mais bonita, clara e cheia de árvores; em vez de assustar, desviando para longe os navios estrangeiros, como antes, passou a atrair os paulistas do planalto para suas praias. À beira-mar e ao longo dos canais, plantaram-se jardins e construíram-se largas avenidas.²⁶

Os santistas registraram a importância de Eduardo Palassim e Cândido para o desenvolvimento da cidade erguendo uma estátua em homenagem

aos dois. Além disso, Cândido é nome de praça e de avenida, e Eduardo P. Guinle, apenas de avenida.²⁷

Eduardo Palassim quase não frequentava Santos, e Guilhermina contribuiu de forma determinante para que ela e o marido tivessem de sair muito pouco da capital federal. O filho mais velho, Eduardo Guinle, mostrava-se um aluno exemplar, e a mãe fazia questão de acompanhar o cotidiano do menino. Outra explicação para a ausência dos Guinle em Santos era a presença na cidade do cunhado de Guilhermina, Francisco de Paula Ribeiro, o Chico de Paula, homem de sua total confiança. As duas famílias, Guinle e Ribeiro, eram tão ligadas que mais casamentos ocorreriam entre elas. Dois filhos de Eduardo Palassim, Eduardo Guinle e Heloísa, se uniriam, respectivamente, aos primos Branca e Samuel Ribeiro. Heloísa não teria filhos, mas Eduardo Guinle e Branca teriam três e dariam início ao ramo Ribeiro Guinle.

Mesmo com a forte ligação entre as duas famílias, ainda hoje, entre alguns Ribeiro, a história da Cia. Docas de Santos é motivo de ressentimento. Aparentemente, foi prometida a Chico de Paula parte da sociedade, promessa que não teria sido cumprida. Chico morreu rico, mas desgostoso. A carta escrita por Chico Ribeiro, um de seus netos, e publicada no *Jornal da Tarde* em 8 de novembro de 1980, é esclarecedora: “Enquanto Eduardo Palassim Guinle se instalava no Rio de Janeiro, para incumbir-se da parte política e financeira do negócio, com a preciosa assessoria comercial e empresarial de Cândido Gaffrée, Chico de Paula permaneceu em Santos, com a tarefa de iniciar e superintender as construções de trapiches, pontões, cais, armazéns, escritórios — enfim, chefiar a instalação da Companhia Docas e providenciar o equipamento técnico que lhe permitisse funcionar. Não sei por que razões — talvez por uma questão de prestígio financeiro e social — tudo quanto se refere à CDS traz a menção de Guinle e Gaffrée, e omite, inexplicavelmente, o nome do terceiro sócio, Chico de Paula. No entanto, foi quem mais pelejou pela concretização do projeto”.

Afora essa rusga familiar, no início do século XX a Cia. Docas era uma empresa sólida. As exportações não paravam de crescer e Santos era a única via de escoamento da produção de São Paulo, do Paraná e de parte de Minas Gerais. Para se ter uma ideia da riqueza que isso representava, basta imaginar que se em 2013 os Guinle ainda fossem donos do negócio, e guardadas todas as proporções — dimensões do porto, tamanho da economia brasileira e oscilações do valor do dólar americano —, os Guinle teriam embolsado, em um ano, 24 bilhões de dólares, já que nesse período o porto movimentou 120 bilhões de dólares²⁸ e a família tinha direito a 20% dos lucros líquidos de tudo o que passasse por seu cais.

Eduardo Palassim e Cândido tinham consciência da potência de Santos. E sabiam que para assegurar um futuro ainda mais próspero era preciso diversificar suas atividades. Sendo assim, a empresa não podia ficar refém do setor de transportes e muito menos do elétrico. Era preciso expandir os negócios para outros ramos e também para outros estados da Federação, tanto que a Cia. Docas de Santos passou a ser chamada de “polvo” pelos contemporâneos devido ao seu crescimento “tentacular”.²⁹ Após sair do Rio Grande do Sul e se estabelecer no Rio de Janeiro, a família Guinle, a partir do sucesso empresarial de Santos, começava a rascunhar novos contornos do Brasil com seus tentáculos.



Inauguração do monumento a Cândido Gaffré e Eduardo Palassin, em 1934

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO



Eduardo Guinle

ACERVO DA FAMÍLIA

Eduardo Guinle

Dez anos após ter alugado um trem para chegar a Berlim antes da amante a fim de surpreendê-la com o maior diamante que pôde encontrar, Eduardo Guinle, agora com 32 anos, ocupava importante cargo nos negócios da família, mas seguia gastando de forma voraz. Inspirado pela máxima dos antepassados — “Se você deseja, não lhe fará mal” —, tratou de realizar um sonho antigo: morar em um palacete. Para tanto, adquiriu no morro dos Ingleses, em Laranjeiras, bairro nobre da Zona Sul do Rio de Janeiro, um terreno com uma rica residência na rua Carvalho de Sá, 106 (posteriormente, rua Gago Coutinho). A proprietária, Anne Louise Caroline Kasetzer, relutou em vender a propriedade, porém não resistiu à oferta milionária. O plano inicial era reformar a mansão e adaptá-la. No entanto, Eduardo Guinle acabou demolindo o imóvel para construir outro no lugar, sempre com a aquiescência da mãe, Guilhermina. César, filho caçula de Eduardo Guinle, dizia que a mãe, Branca, influenciava o pai. Dessa vez, nem ela conseguiu demovê-lo desse projeto estapafúrdio. “A construção entrou na ordem do desmesurado, da desproporção, do limite sem limites, algo semelhante ao palácio orsonwelliano de *Cidadão Kane*.”¹

O palácio, inspirado no Cassino de Monte Carlo, era assinado por Joseph Gire e Armando da Silva Telles. Suas proporções e sua arquitetura contrastavam com as demais residências do elegante bairro

carioca. Para ornar o interior foram trazidos da Europa, entre outras preciosidades: mármore polido de Carrara, do Sena e do Ural, freixo e granito rosa polido da Hungria, tacos da Bélgica. De fora do Brasil vieram também, entre dezenas de outros objetos, um gigantesco vitral de Champigneulle (o mais tradicional ateliê de vitrais da França); vasos de bronze e um centro de mesa do escultor francês Émile Guillaume; leões em tamanho natural de Gardet (suas obras decoram o Jardim de Luxemburgo, em Paris, e o castelo de Chantilly, no norte da França), para guarnecer a entrada; painéis pintados por Georges Picard (responsável pela decoração do interior do Cassino de Monte Carlo); e um relógio de estilo Boulle, feito por Levasseur.

Quando a Maison Bettenfeld de Paris abriu uma loja no Rio de Janeiro unicamente para decorar o imóvel de Eduardo Guinle, os comentários de que aquilo já ia longe demais eclodiram. Guilherme, a princípio de forma cautelosa, passou a questionar os exageros do irmão. Suas palavras não foram ouvidas. Como Guilhermina estava comprometida com os delírios do filho mais velho, a gastança seguia em proporções absurdas.

Para deleite de mãe e filho, foram comprados um enorme vaso de Saxe; um bronze de Jean-Antoine Houdon (consagrado artista francês do século XVIII); dois tapetes de Beauvais; oito Aubusson e três Gobelins; réplicas magníficas de *commode-servante* e de *buffet-servante* no estilo Luís XVI; quadros de H. Rigaud (retratista de Luís XIV); Jacob Duck (artista holandês do século XVII); Joshua Reynolds (retratista inglês do século XVIII); Moretto da Brescia (renascentista do século XVI); Félix Ziem, Charles-Émile Jacque, Jean-Baptiste Corot, Nicolas-Antoine Taunay (pintores franceses do século XIX); dois óleos de Frans Post (pintor holandês do século XVII).

Como se não bastasse, Eduardo Guinle lançou mão de outra ousadia extrema e caríssima: mandou construir no entorno do palácio uma usina de eletricidade, pois, devido à briga da família com a empresa de energia elétrica Light, não admitia ser cliente desta. Em terreno lateral, ergueu um imóvel de dois andares somente para abrigar os motores e os

geradores daquela que foi uma das primeiras usinas a óleo diesel do país. E, assim, o primogênito de Eduardo Palassim e Guilhermina foi se afundando em dívidas.

Pois foi ali, no palácio Laranjeiras, na madrugada de 10 de março de 1931, que o carpinteiro Francisco Russo invadiu o quarto de Eduardo Guinle e o agrediu na cabeça, possivelmente com uma barra de ferro, fraturando-lhe o crânio. Motivada pelo não pagamento de um serviço de restauração de móveis, a agressão se tornou mais um escândalo em uma família que, naquele momento, já vivia encastelada, tamanha a quantidade de credores rondando a vizinhança. Restava a Eduardo Guinle mandar entregar aos mais raivosos obras de arte, que retirava de suas paredes, para conseguir pôr os pés na rua. Até aos pequenos comerciantes do bairro ele devia. Assim, o mesmo homem que um dia colocou os Guinle numa tribuna de honra ao lado do presidente da República, em 1905, em um evento público, agora levava o sobrenome da família para as páginas policiais dos jornais.



Avenida Central

A aposta da família

Como Eduardo Guinle era o primogênito e se destacara nos bancos escolares, seus pais apostaram pesado em sua educação. Nascido em 1878, foi então preparado para ocupar o lugar do pai no comando dos negócios e da fortuna da família. O menino herdara, claramente, o biótipo dos Guinle: alto, esguio e bonito. Fluente em inglês e francês, era falante e sedutor. Além disso, era o preferido de Cândido Gaffrée, ao que tudo indica, era também o filho mais protegido pela mãe, Guilhermina.²

Com enorme capacidade de trabalho, Eduardo Guinle formou-se em engenharia pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro em apenas três anos. Como prêmio por ser o primeiro da turma, foi mandado à Europa para assistir aos festejos da chegada de 1900.³ A viagem tinha objetivo empresarial — visitar, em Paris, a Exposição de Indústrias, Artes e Ofícios —, mas o pai permitiu que o filho ampliasse o roteiro para conhecer a Rússia e deu ao jovem, de apenas 22 anos, uma carta de crédito em branco.

Pouco após seu regresso, Eduardo Guinle foi enviado para os Estados Unidos a fim de estudar eletrotécnica na cidade de Schenectady, em Nova York, no centro de pesquisa da poderosa General Electric Company (GE). Ali o jovem milionário fez de tudo: limpou equipamentos, aprendeu a montar e desmontar máquinas e até varreu chão. Antes de retornar ao Brasil, tratou de negociar a representação de diversas empresas americanas: General Electric (equipamentos elétricos), Otis Elevadores, Underwood (fabricante de máquinas de escrever), Waterman (canetas), RCA Victor (gravadora), American Locomotive (locomotivas), Babcox & Wilcox (usinas de geração de energia), Brown

Boveri, Voyt e Francis (tecnologia de energia), Turbinas Elétricas Pelton, Escher Wys (turbinas elétricas).

Os investimentos dos Guinle na produção de energia haviam começado no fim do século XIX. Antes mesmo de ganhar a concessão do porto de Santos, eles adquiriram uma das mais significativas quedas-d'água do estado do Rio de Janeiro, a Paquequer, em Teresópolis. Convencidos de que a energia elétrica no Brasil seria produzida em hidrelétricas, começaram a providenciar estudos sobre o aproveitamento das águas do rio Paraíba do Sul, que banha Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Promulgada a primeira Constituição republicana, em 1891, e com o uso do setor hídrico regulamentado por lei, pediram autorização para explorar outros rios. Conseguiram a licença do Piabanha, no Rio de Janeiro, do Paraguaçu, na Bahia, e do Itapanhu, na serra de Santos. Em 1901, provavelmente por pressão da família, a legislação foi alterada e a cidade de Santos foi beneficiada com concessões para a exploração de rios que os estudos demonstrassem convenientes à transformação em luz e força elétrica motora para o bom andamento dos serviços no porto de Santos.

Os Guinle sabiam que o Brasil, país capitalista, estaria em breve dando um salto de qualidade e eletrificando todas as suas cidades. Parecia evidente que, no limiar do século XX, todo o setor produtivo, os transportes e a vida cotidiana dependeriam da produção de energia. Logo, o negócio não se limitava à garantia da produtividade do porto, mirava estrategicamente o futuro do ponto de vista empresarial. E é aí que começa a trajetória profissional de Eduardo Guinle: de volta dos Estados Unidos, ele seria o principal responsável pelo braço elétrico da família.

Em 1903, o primogênito de Eduardo Palassim abriu com um sócio americano, Adolfo Aschoff, a empresa Aschoff & Guinle, para representação de fabricantes internacionais de equipamentos elétricos. Com a morte do sócio, no ano seguinte, a sociedade seria modificada e

nasceria a Guinle & Cia., com a participação de mais dois irmãos, Guilherme e Carlos. Eduardo Guinle e Guilherme detinham 40% das ações cada um; e Carlos, 20%. A nova empresa da família teria como parceira a própria General Electric. Foram abertos escritórios nas três então principais cidades do Brasil: Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador. E dessas três bases os Guinle se lançaram em quase todos os estados, vendendo equipamentos para o setor elétrico e para a instalação de bondes, a começar por Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Espírito Santo e Amazonas. Com a posição consolidada, outras parcerias com empresas internacionais foram assinadas: com a United States Products Export Co. (produtos de aço e trilhos de trem), a Pelton Waters Co. (rodas-d'água e turbinas) e a American Locomotive (locomotivas).

O comportamento assertivo de Eduardo Guinle parecia ratificar todos os anseios de seus pais, que, decerto, faziam vista grossa para as várias atitudes extravagantes que o rapaz já protagonizava, mostrando nem sempre estar focado no mundo dos negócios. Em sua passagem por Moscou, por exemplo, Eduardo Guinle seduziu uma senhora casada e convidou-a, juntamente com o marido, para uma grande gala no Teatro Bolshoi. Como a ousadia, provavelmente, ainda lhe parecesse pequena, comprou o camarote contíguo ao destinado ao czar. Por puro capricho. Em Paris, onde ia com frequência, o jovem adquiriu o hábito de se estabelecer de forma suntuosa, frequentando celebridades, entre elas Leopoldo III da Bélgica, que certa vez teria dito: “Sou o rei de meu país, mas quem vive como imperador é Eduardo Guinle”. Na capital francesa, o filho mais velho dos Guinle comprava joias para as namoradas nas lojas mais sofisticadas da cidade, sem sequer perguntar o preço. Seu comportamento teria inspirado a seguinte zombaria do também empresário americano John D. Rockefeller: “Vivo muito bem, com muito mais do que preciso, porém sei quanto minha esposa gasta em joias”.

Mais um triângulo

Eduardo Guinle, que se valia da prática de cobrir suas eleitas com os mais caros presentes, virou um mulherengo incorrigível. Ao longo da vida colecionou namoradas pelas diversas cidades que visitou: Paris, Moscou, São Paulo, além, claro, do Rio de Janeiro, onde morava. No entanto, a mais importante conquista amorosa foi, sem nenhuma dúvida, a bela Branca Coutinho Ribeiro, sua prima. A jovem, sobrinha de Guilhermina, também atraiu o interesse de seu outro filho, imediatamente mais jovem: Guilherme. O caso se transformou em disputa declarada. Há mesmo quem fale em “triângulo amoroso” para descrever a relação entre os três jovens.⁴ A mãe jogou todas as fichas a favor do filho mais velho, e Branca acabou se casando com Eduardo Guinle em fevereiro de 1905. Entre todos os casamentos da família, esse foi o único não noticiado pela imprensa. O evento foi discreto porque causou um profundo mal-estar entre os irmãos.

Além do mais, Branca, católica convicta, era avessa a qualquer extravagância. Não usava as joias que o marido lhe dava e mantinha um estilo de vida reservado.⁵ Do casamento nasceram Evangelina, Eduardo Guinle Filho e César, que descrevia a mãe como dona de constituição frágil, delicada, graciosa e bela. Extremosa, ainda segundo César, ela cuidou da educação dos três filhos, dedicando-lhes a maior parte de seu tempo. Conseguiu ainda a conversão do marido ao catolicismo, com a preciosa ajuda de seu confessor, padre Leonel Franca S.J.⁶

A escolha de Branca representou um duro revés para Guilherme, pois, fora o fato de Eduardo Guinle ter sido um aluno brilhante, era também o protótipo do milionário bonito, elegante, sedutor e inteligente. Ainda que possuísse a mesma quantidade de ações da Guinle & Cia. que o irmão, o primogênito se destacava, ficando cada vez mais evidente que ele era o eleito dos pais para comandar, no futuro, os interesses dos Guinle. Portanto, estavam definitivamente sepultadas as possíveis pretensões de

seu irmão pela liderança familiar. Guilherme, abalado com o desfecho do caso, nunca mais se envolveu com nenhuma mulher. Coincidentemente ou não, logo após o casamento, o desiludido rapaz foi estudar nos Estados Unidos, e quando retornou ao Brasil, em 1908, foi trabalhar em Salvador, Bahia.

A avenida Central

[duardo Guinle, ainda no começo do século XX, deu provas de que seria o homem certo para herdar o comando do porto de Santos. Tal qual um visionário, percebeu o alto valor imobiliário que o Centro do Rio de Janeiro iria adquirir e com isso reafirmou seu nome dentro da família e no meio empresarial. A prova veio no bojo do projeto do presidente Rodrigues Alves de remodelar a capital da República transformando o Centro numa versão carioca da Paris do barão Haussmann, a fim de tirar de Buenos Aires o posto de cidade mais bela e importante da América do Sul. Para tanto, seria montada uma equipe de gabarito: para prefeito do Rio de Janeiro, seria convocado o engenheiro Pereira Passos; na linha de frente da questão sanitária, enfrentando a febre amarela e a varíola, estaria o médico Oswaldo Cruz; já a reorganização urbana, cuja menina dos olhos seria a abertura da avenida Central (depois, Rio Branco), caberia ao engenheiro Paulo de Frontin, membro do Conselho Fiscal da Cia. Docas de Santos.

No início de janeiro de 1903, foi instalada a comissão construtora da futura avenida. Após muita discussão, decidiu-se que o Centro seria cortado por uma artéria que iria desde a atual praça Mauá até a praça Floriano, conhecida também como Cinelândia, com 33 metros de largura. Mas uma avenida larga não bastava para dar nova roupagem ao Rio de Janeiro; seria preciso incluir um obelisco, uma rotatória (na esquina da atual rua Visconde de Inhaúma) e prédios com arquitetura francesa. Tudo isso para criar ali uma via de luxo, passagem obrigatória

de estrangeiros e visitantes, além de local para festejos populares e paradas militares. Essa nova estrutura urbana tornaria a cidade mais atrativa ainda para a especulação imobiliária.

A população de baixa renda, que habitava toda aquela área, foi desalojada na marra, espalhando-se por encostas e morros. E para evitar que ela ocupasse as áreas litorâneas, de maior potencial imobiliário, inúmeras intervenções foram realizadas. Na orla da baía de Guanabara, no entorno do Centro, por exemplo, foram feitas algumas melhorias que valorizaram a região, como o afrancesado Boulevard Beira-Mar. A enseada de Botafogo, por sua vez, ganhou um lindo jardim. Foi nesse momento que o Rio de Janeiro se voltou para o Atlântico, e os bairros da orla da Zona Sul, incluindo Copacabana, Ipanema e Leblon, começaram a se integrar à cidade. A reforma do prefeito Pereira Passos consagraria o matrimônio indissolúvel entre o capital imobiliário e o poder público.⁷

Mesmo antes da existência do projeto de Rodrigues Alves, Eduardo Guinle já havia percebido que sua família não poderia ficar de fora desse negócio. Sua primeira tentativa de adquirir terras havia sido no longínquo bairro de Copacabana. Ele chegou a morar na avenida Nossa Senhora de Copacabana, onde pensou em comprar uma grande gleba. Depois, achou que deveria comprar o bairro inteiro, mas a ideia foi considerada delirante pelos familiares e o plano, abortado. Quando a modernização da cidade começou, em 1902, tentou convencer o pai de que eles deveriam participar daquele movimento. Novo insucesso. O caso acabou virando briga de família. Graças ao apoio da matriarca, ficou estabelecido que os Guinle comprariam alguns terrenos na nova avenida, no Centro. Acabaram adquirindo seis, todos de esquina, onde Eduardo Guinle vislumbrava construir prédios imponentes, chanfrados e arredondados.

O primeiro, na esquina da atual rua Visconde de Inhaúma, foi a sede da Cia. Docas de Santos, atendendo a um pedido pessoal do presidente Rodrigues Alves. Não por coincidência, o prédio foi inaugurado durante

as comemorações do centenário da Abertura dos Portos, em 1908. Projetado pelo renomado arquiteto paulista Ramos de Azevedo, seu material de construção foi inteiramente importado: barricas de cimento vieram da Alemanha; telhas, tijolos e azulejos foram trazidos da França; os equipamentos do elevador chegaram dos Estados Unidos. A construção sobreviveu à febre de demolições que marcou a vida da nova avenida na segunda metade do século XX e hoje abriga a sede do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o Iphan.

O segundo imóvel construído, o Edifício Guinle, abrigava a sede da Guinle & Cia. Elegante, era um verdadeiro cartão de visita da família.⁸ No terceiro terreno, onde hoje ficam a avenida Almirante Barroso e a rua México, foram erguidos o Hotel Palace e o Teatro Phoenix, este nunca explorado diretamente pelos Guinle. Nos outros três terrenos — um na atual praça Mauá, outro na esquina com a atual avenida Presidente Vargas e um terceiro na rua Sete de Setembro — foram inaugurados edifícios que viraram modelo para os demais prédios comerciais da avenida Central. De inspiração americana, no estilo dos de Chicago, eram concebidos para terem lojas no rés do chão, conjuntos de escritórios e unidades habitacionais. Isso porque os Guinle não viam a avenida Central apenas como um símbolo de status e poder político, mas também como espaço de exploração para fonte de renda.

Se a conquista da licitação do porto de Santos marcara a vida dos Guinle do ponto de vista econômico, agora, graças à visão de Eduardo Guinle, a inauguração da avenida Central colocava a família em um novo patamar social, associando seu sobrenome ao processo de modernização da capital do Brasil. A mensagem era clara: se o Rio de Janeiro estava se civilizando, como se costumava dizer, muito devia aos Guinle, que, com aguçado senso estético, erguiam prédios de inegável beleza, ajudando a transformar o Rio de Janeiro, que já contava com construções do porte do Theatro Municipal e da Biblioteca Nacional, em uma cidade maravilhosa.

Os evidentes sinais de afirmação social e política da família não passavam despercebidos, e sua ostensiva presença na nova artéria e a intimidade com o poder eram ironizadas por setores da imprensa. Em novembro de 1905, por exemplo, a revista *O Malho* alfinetava a participação dos Guinle na cerimônia de inauguração da avenida, comemorada junto com o aniversário da proclamação da República e com a presença do presidente da República: “As tropas passarão em revista de continência a S. Ex., faustosamente recebida e aboletada na casa Guinle (...). O que mais é preciso para que siga *la broma* [a piada]?”.

Aquela manhã de 15 de novembro, uma quarta-feira chuvosa de primavera, era de fato uma data muito especial para Eduardo Guinle. Desde as primeiras horas, uma multidão de olhos arregalados se reunira no Centro para assistir ao desfile militar e festejar a inauguração da avenida, marco maior da afirmação do Brasil republicano. Por volta das nove horas, um frisson: era a vibração de uma banda de cornetas, comunicando que as Forças Armadas começariam a se apresentar. Pouco antes, Eduardo Guinle se emocionara ao ver Rodrigues Alves cortar a fita que guarnecia simbolicamente o local. Então, do salão de honra do Edifício Guinle, ao lado dos familiares e do presidente, ele assistiu à parada militar. A família Guinle chegara, enfim, ao mais alto degrau da escala social.

Eduardo Guinle x Light

Além de se afirmar como um visionário no ramo imobiliário, Eduardo Guinle tocava o segundo maior negócio da família: a empresa de energia elétrica Guinle & Cia. Coube a ele o posto-chave no Rio de Janeiro, enquanto o irmão Guilherme assumia os negócios em Salvador — um mercado, e um cargo, de menor expressão. No entanto, se em Santos a posição da família era hegemônica, na capital federal a

disputa pelo setor de energia elétrica era feroz, tendo como concorrente o poderoso grupo canadense Light.

Inicialmente, Eduardo Guinle optou por uma política de não confronto e, em 1904, chegou a tentar, em Nova York, uma fusão entre os dois grupos. Não conseguiu. Num segundo momento, no Brasil, representantes da Light conversaram diretamente com Eduardo Palassim e Cândido, mas sua proposta não foi aceita. Mais uma vez nos Estados Unidos, Eduardo Guinle voltou a se reunir com a companhia rival. Essa terceira rodada de negociação não acabou bem e ele, finalmente, recusou qualquer possibilidade de a família entrar para o “syndicato”, projeto de monopólio do setor elétrico que estava sendo articulado pela Light.⁹

Os homens da Light no Brasil aparentemente não gostaram do desfecho do caso, já que a organização de um “syndicato” no setor elétrico brasileiro certamente traria ganhos incomensuráveis. Então, trataram de espalhar aos quatro ventos que Eduardo Guinle era um irresponsável. Pela primeira vez, sua capacidade estava sendo questionada; entretanto, como a acusação vinha de adversários, não foi levada a sério no meio empresarial. Ainda assim Eduardo Guinle fez publicar sua resposta no *Jornal do Commercio*. No artigo “A Light e seus negócios da China”, ele denunciou que não só os brasileiros continuavam pagando vinte vezes mais o custo de produção da energia elétrica, como 90% das somas recebidas pelos serviços de energia elétrica da Light eram enviados para o estrangeiro, o que, além de penalizar a economia nacional, concorria para a depressão do nosso câmbio.

Após o bate-boca em público, Light e Guinle entraram em confronto aberto pela conquista do mercado carioca. Os canadenses não se limitaram a comprar e construir represas para o fornecimento de energia, adquirindo também todas as empresas de bonde da capital brasileira. Os Guinle acabaram expulsos do setor no Rio de Janeiro e tiveram de se

contentar em atuar em outras localidades, como Niterói, São Gonçalo e Petrópolis.

Sempre escoltado pelo pai e por Cândido, Eduardo Guinle levou a luta para o campo político. Cooptou simpatizantes de prestígio, como o presidente do Clube de Engenharia, Paulo de Frontin, e o ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas, Lauro Müller. Em 1906, no entanto, o recém-eleito presidente Afonso Pena e o novo prefeito do Rio de Janeiro, Souza Aguiar, passaram a defender a entrada do capital internacional no país como única forma de progresso. Assim, a Light conseguiu vitórias relevantes, como a prorrogação da concessão de exploração do segmento, que de 1950 foi estendida para 1990. Curiosamente, a prorrogação de concessão, uma benesse que havia sido fundamental para a consolidação dos Guinle em Santos, no Rio de Janeiro foi dada a seus principais inimigos.

A disputa com os canadenses era algo novo na trajetória dos Guinle. Em Santos, a construção do porto acontecera, após a vitória da licitação, sem nenhum tipo de concorrência. Já no setor elétrico, enfrentariam a competição com um poderoso grupo estrangeiro. Seria necessário empregar uma habilidade política diferente, desconhecida tanto para Eduardo Palassim quanto para Cândido Gaffrée.

Confiante, Eduardo Guinle decidiu usar uma tática agressiva. A derrota para a Light se dera no campo restrito do fornecimento de eletricidade à capital republicana, mas, na esfera federal, nem tudo estava perdido. Em 1907, ele obteve da União o direito de vender aos serviços públicos federais, no Rio de Janeiro, a energia produzida na usina do rio Piabanha; com isso os diversos órgãos da administração federal deixariam de ser abastecidos pelos canadenses. A tacada pode ser creditada totalmente a Eduardo Guinle, que soube convencer a Presidência da necessidade de se quebrar o monopólio. O golpe foi acusado pela Light, que considerou o decreto uma invasão à sua área de concessão. Mas essa não seria a única vitória do primogênito dos Guinle.

Ainda no mesmo ano, um decreto do Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas outorgava à Guinle & Cia. o direito de erguer uma linha de transmissão da usina do Piabanha e construir uma subestação na Mangueira, na Zona Norte da cidade. Souza Aguiar negou autorização para que as torres de transmissão da família fossem erguidas. No vácuo da guerra entre as duas esferas governamentais, Eduardo Guinle mandou que as obras seguissem. No campo jurídico, defendia a tese de que o prefeito estava ferindo o direito de liberdade industrial.

Em 1908, a energia dos Guinle começou a abastecer a Estrada de Ferro Central do Brasil, numa quebra evidente do monopólio carioca da Light, que recorreu ao Supremo Tribunal Federal. O martelo bateu, dando a vitória ao grupo estrangeiro. Foi nesse contexto, e como forma de melhor se adequar às dificuldades enfrentadas na briga com a Light, que a família, no ano seguinte, transformou a Guinle & Cia. na Companhia Brasileira de Energia Elétrica (CBEE), de âmbito nacional.

Em São Paulo, a família Guinle e a Light também disputaram o mercado. O embate entre os grupos ficou conhecido na imprensa local como a briga entre o “polvo canadense” e o “minotauro de Santos”. Eduardo Guinle estava disposto a vender com tarifas baixas os excedentes de energia produzidos para o porto de Santos. O prefeito, Antônio Prado, ficou seduzido pela oferta generosa. Num piscar de olhos, os Guinle ganharam o direito de vender energia elétrica na cidade nas áreas não cobertas pelos canadenses. A questão dividiu os meios políticos, a mídia e a população. Os Guinle defendiam a ideia de que, com a livre concorrência, a sociedade seria a maior beneficiada. Já a Light alegava que os vultosos investimentos deveriam garantir o monopólio.

O confronto primeiramente obrigou a companhia estrangeira a abaixar seus preços. Em seguida, a Light começou a acusar a ilegalidade do uso da luz da usina de Itatinga, produzida exclusivamente para o porto de Santos. O argumento era jurídico, mas quem daria a última palavra seria a Câmara Municipal. Apesar da passeata dos estudantes de direito e de engenharia e da posição do jornal *O Estado de S. Paulo* contra a Light, além

das vaias no plenário contra os vereadores pró-Light, a tese monopolista saiu vencedora, o que fez com que, nos dias seguintes, 24 e 25 de abril de 1909, as ruas da cidade fossem palco de violentas manifestações contra a empresa canadense.

As seguidas derrotas para a Light nos dois maiores mercados de energia elétrica do país, Rio de Janeiro e São Paulo, desgastaram a imagem de Eduardo Guinle. Educado para levar nos ombros o legado empresarial e financeiro da família, ele parecia não ter os predicados necessários para ocupar o posto. Cômico, que até então depositara total confiança no filho mais velho do sócio, começou a se afastar dele. E assim, no início de 1910, desacreditado no meio profissional, mas sempre com o apoio da mãe, ele se voltaria para suas excentricidades. Na construção de faustosa mansão, gastaria toda a sua herança, comprometendo inclusive o que ainda receberia de Guilhermina por conta da partilha de bens futuros.

Sai Eduardo, Guilherme entra em cena

Em 1912, com a morte do pai, Eduardo Guinle ficaria ainda mais fragilizado. Eduardo Palassim, 66 anos, estava enfermo desde o fim do ano anterior. No Natal a família se reunira e, em seguida, ele e Guilhermina subiram para Petrópolis. Com o agravamento da doença, retornaram ao Rio de Janeiro, onde, no dia 10 de março, o patriarca dos Guinle sofreu um ataque cardíaco fatal.

Existem algumas controvérsias sobre o total da herança deixada aos filhos e à esposa. Fontes conservadoras estimam um valor equivalente a 2 bilhões de reais, mas há quem mencione até 10 bilhões. Eduardo Guinle pouco recebeu, pois já havia comprometido o seu quinhão na construção do palácio.

Em 1914, a situação de descontrole financeiro de Eduardo Guinle atingiu um clima tal que se tornou imperioso afastá-lo do comando dos negócios. Guilherme, que ainda amargava aquela espécie de exílio amoroso, foi então chamado de Salvador, onde conseguira uma importante vitória contra a Light. Passou a liderar a CBEE e, sob a orientação de Cândido, foi preparado para, futuramente, assumir o comando da Cia. Docas de Santos. Além de ter perdido a condição de líder, Eduardo Guinle teve de conviver com as inúmeras críticas do irmão mais jovem a seu estilo de vida.

Mesmo nocauteado, Eduardo Guinle não abria mão de suas vontades. Gastou outra fortuna fazendo um grande investimento em Nova Friburgo, na Região Serrana fluminense, onde adquiriu, de Bernardo Clemente Pinto, o barão de Nova Friburgo, o Parque São Clemente. Ali havia uma bela propriedade, o Chalet, e um fantástico jardim projetado pelo célebre paisagista francês Auguste Glaziou, o mesmo que executou os jardins do palácio da Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro.

As críticas a Eduardo Guinle passaram a ser encampadas também pelos outros irmãos. Carlos, Arnaldo e Octávio consideravam as investidas em Nova Friburgo uma loucura. A cidade ficava a mais de duzentos quilômetros do Rio de Janeiro e era de difícil acesso, portanto não atraía como ponto de veraneio, conforme Petrópolis ou Teresópolis, próximas da capital.

Quando, em 1920, Guilherme foi aclamado o novo presidente da Cia. Docas de Santos, ficou claro que, do ponto de vista empresarial, para Eduardo Guinle era o fim. E, a partir de 8 de dezembro de 1925, as coisas só piorariam, com a morte súbita de Guilhermina, aos 71 anos, causando enorme comoção entre os filhos. Ao contrário de Eduardo Palassim, que estava doente, ela não aparentava nenhuma enfermidade e era esperada, no dia seguinte, nos salões do Automóvel Club do Brasil para assistir a um festival em favor das Missões de Catequese de Silvícolas em Rio Branco, na Amazônia.

A matriarca morreu de madrugada, em casa. Doravante, a família não contaria mais com a infinita ajuda da mãe, em especial Eduardo Guinle. Naquele momento, a liderança empresarial de Guilherme se estendeu ao domínio familiar, e sem Guilhermina no comando isso significava que os empréstimos, comumente perdoados, simplesmente não mais existiriam.

Após a morte da mãe, no palácio Laranjeiras o clima se tornou dramático. De acordo com relatos dos Ribeiro, família de Branca, enredado em dívidas impagáveis Eduardo Guinle era constantemente acochado por credores e sua incapacidade de reação era total. Celina Ribeiro chegava a dormir com alguma frequência no palácio para fazer companhia à irmã, Branca, pois ambas tinham medo do que pudesse acontecer.¹⁰

No início de 1930, Eduardo Guinle foi multado pela prefeitura porque parte de sua propriedade em Laranjeiras estava aos pedaços. Destruída por fora e destroçada por dentro. Após o trágico incidente em que o carpinteiro Francisco Russo o agrediu na cabeça, no início de 1931, os problemas de Eduardo Guinle se tornaram públicos. A imprensa carioca repercutiu ao longo de alguns dias o “atentado do palacete do morro dos Ingleses”. Para espanto de todos, naquela noite o casal Eduardo Guinle e Branca tinha em casa apenas alguns trocados e precisou apelar para o socorro público, uma ambulância da Assistência. Um violento contraste com os delírios de consumo de tempos passados.



Vista do palacete

ACERVO VICTOR BURTON

Por essa época, o primeiro filho de Eduardo Palassim e Guilhermina já causara dissabores aos familiares, ao voltar da Europa trazendo na bagagem duzentos ternos e 1.200 gravatas. Sem ter como pagar as taxas alfandegárias, seu nome aparecera na imprensa. Segundo os jornais, suas amantes também consumiam rios de dinheiro: com a namorada de Paris se comunicava usando caríssimas cartas telegráficas; para a paulistana, comprava casacos de pele importados. E relatos da família dão conta de que havia outra amante que morava na rua contígua ao palacete. A imprensa carioca nem sabia como adjetivar seus atípicos hábitos: excêntrico, extravagante, *fashionable* com exagero doentio.

Para desespero dos Guinle, também circulavam informações de que Eduardo Guinle mandara vender, por intermédio de terceiros, obras de

arte na Argentina e no Uruguai. Uma forma de levantar recursos e uma clara predisposição em não honrar os compromissos com os credores. E foi Guilherme quem saiu em defesa, não do irmão propriamente dito, mas dos interesses dos Guinle, pois, para ele, pior do que ter o nome citado nas páginas policiais eram as insinuações sobre o caráter da família. O gestor do porto de Santos temia que o caso fosse usado para, mais uma vez, questionar a longa concessão obtida. Assim, contrariado, Guilherme foi obrigado a ajudar financeiramente o irmão.

Enquanto isso, a meiga e doce Branca, que nunca apoiara os delírios do marido, era obrigada a depor na delegacia. Ela, que mantinha, como as outras mulheres da família, atividades de benemerência na Federação das Bandeirantes, envergonhada, abriu mão das atividades sociais. Cada dia mais católica, fez de tudo para aproximar o marido da fé e se desdobrou para contemporizar os problemas familiares decorrentes do comportamento do esposo.

Com tantas dificuldades, humilhado pela ascensão de Guilherme e desmoralizado entre os próprios parentes, Eduardo Guinle foi mudando o seu temperamento. Deixou de ser um homem falante e sedutor e se transformou em uma pessoa ensimesmada e introspectiva. Morreu de problemas cardíacos em 1941, aos 63 anos. Foi o primeiro Guinle da segunda geração a morrer.

Os filhos

Seus filhos — Evangelina, Eduardo Guinle Filho e César — não tiveram como manter o palácio. Teresa, filha de Evangelina, que morou lá por cinco anos com Branca, afirma que o estilo de vida da avó era sóbrio, ainda que contasse com vários empregados — *mademoiselle* Pardesu, a governanta inglesa Agnes Oaks, Cesarino, para serviços diversos, uma arrumadeira, uma cozinheira, um motorista e uma diarista. Quando ficou decidido que era hora de vender o imóvel, novas

contrariedades eclodiram, pois as opiniões ficaram divididas entre a venda com ou sem os objetos de arte que restavam em seu interior. Guilherme determinou que tudo seria vendido e assim foi feito. Branca e Teresa mudaram-se então para uma casa na esquina da rua Hilário de Gouveia com a avenida Atlântica, em Copacabana. Apesar de ser um endereço de requinte, o imóvel era alugado.

Entre os filhos de Eduardo Guinle, dois tiveram algum destaque. O caçula, César, que seguiu carreira política, manteve os negócios da família em Nova Friburgo: nos anos 1940 loteou as terras do Parque São Clemente e ali construiu o Park Hotel, para hospedar possíveis compradores. Segundo o material de promoção do empreendimento, o hotel visava “proporcionar a seus hóspedes um conforto novo: é que, apesar do apuro do serviço, oferece a sensação de um descanso em casa própria, essencialmente campestre, sem o formalismo dos grandes hotéis”. Por muitos anos foi frequentado pela elite política fluminense.

No melhor estilo Guinle, César doou terras para a construção do estádio de futebol da cidade e da igreja de Nossa Senhora das Graças, com projeto assinado por Lucio Costa. Mais tarde, ele se tornaria prefeito e deputado por Nova Friburgo. Depois de desativado, o hotel foi tombado pelo Iphan em 1985 e os filhos de César — Maria Helena e Luis — tentam reabrir o estabelecimento por meio do Instituto César Guinle.

Única filha mulher de Eduardo Guinle, Evangelina foi a mais afetada pelo pesado clima familiar. Viveu parte da juventude de maneira pouco convencional para “uma menina de família”. Foi casada com João Paulo Peixoto e, depois, com Edgard da Rocha Miranda. Quase por acaso, participou de um momento histórico do teatro brasileiro: a montagem de *Vestido de noiva*, de Nelson Rodrigues. Quando o diretor teatral polonês Ziembinski leu a peça, a pedido de um integrante do grupo amador Os Comediantes, teria dito “Não existe nada no teatro mundial que se pareça com isto”,¹¹ e o texto foi adquirido por dois contos de réis.



Palácio Laranjeiras

ACERVO VICTOR BURTON

Alguns membros da trupe eram bem-relacionados, e com a generosa participação dos Guinle, dos Rocha Miranda e dos Saavedra foi possível encenar a peça no Theatro Municipal. Os dois principais papéis femininos foram escolhidos de maneira curiosa. O ator Carlos Perry convenceu sua bela esposa, Stella, a entrar para o grupo e coube a ela um dos papéis. Quem também tinha pretensões teatrais era Edgar da Rocha Miranda, que queria se aproximar dos “comediantes”. Foi quando o nome de sua esposa, Evangelina Guinle, foi lembrado para o outro papel. Ela era tímida e só aceitou atuar com pseudônimo; dessa forma surgiu a atriz Lina Gray.¹² Segundo o então crítico do *Diário Carioca*, Paulo Francis, ela foi “a primeira que se rebelou contra o tabu de mulher de família tradicional em palco”.

Nelson Rodrigues assim descreveu sua protagonista na edição do dia 20 de abril de 1967 do *Correio da Manhã*: “Estou vendo Alaíde, ao aparecer, pela primeira vez, de noiva. Quem a fazia era Evangelina Guinle. Ficamos atônitos de beleza. Dentro da luz, era um maravilhoso diáfano pavão branco”. O dramaturgo diria ainda que durante a peça ninguém ria ou tossia. E que havia algo de “apavorante naquela presença numerosa e muda”. Ao final do primeiro ato, três palmas, se tanto, quatro ou cinco, no máximo. Nelson teria repetido para si mesmo: fracasso, fracasso! Ao final do segundo ato, ninguém bateu palmas.

“O buquê!” foi a última fala de *Vestido de noiva*. O pano caiu e a plateia ficou em silêncio. Nas coxias do Municipal, ninguém sabia como reagir.



Evangelina na primeira montagem de Vestido de noiva, peça de Nelson Rodrigues

FUNARTE

— Eles não gostaram — sussurrou Evangelina Guinle.

Foi quando começaram as primeiras e esparsas palmas. Aos poucos, elas foram engrossando e logo a plateia estava de pé ovacionando o espetáculo. O clima de comoção tomou conta do teatro. Nos camarins, autor, diretor e elenco confraternizavam. Na hora da foto, todos deram falta de uma das atrizes. Evangelina havia ido embora, mas antes procurara Stella e dissera:

— Esta peça é sua. Estou aqui de coadjuvante. Quando a temporada acabar, nunca mais pisarei num palco.

Foi o que aconteceu. Uma década depois, Paulo Francis revelaria em sua coluna: “Há componentes da família que nunca comentaram o assunto com ela, tal o horror que lhes inspirou tal atitude”. Mas Evangelina sempre seria lembrada pela imprensa carioca como a menina rica que estreara a mais prestigiada peça de Nelson Rodrigues. Um dia, conversando com o mesmo Paulo Francis, ela perguntou, irônica:

— Você, doravante, exigirá certificado de nascimento “de bem” para os intérpretes antes de julgá-los profissionalmente?¹³

Depois dessa quebra nos padrões da alta sociedade, Evangelina seguiu uma vida dentro dos moldes tradicionais e voltou-se para a caridade. Nos anos 1960, trabalhou ao lado de dom Helder Câmara em ações pelos mais necessitados. Com o padre jesuíta atuou, em 1965, na favela da Rocinha, perto de sua casa, no bairro de São Conrado. Ao mesmo tempo presidia, junto com a condessa Blanca Lavatelli e o governador Carlos Lacerda, o prosaico clube dos *poodles*. Evangelina deu um depoimento ao Centro de Pesquisa e Documentação (CPDoc) da Fundação Getulio Vargas, mas, curiosamente, a família não autoriza o material para pesquisa.

O segundo filho de Eduardo Guinle e Branca, Eduardo Guinle Filho, casou-se com Heloísa Monteiro de Barros Cresta. Tiveram doze filhos e viveram sempre de forma discreta.¹⁴

Herança

A pesar das inúmeras dívidas, Eduardo Guinle deixou terrenos e imóveis para os filhos. A herança mais importante foi o palácio que causou sua ruína. Em 1946, já no governo do presidente Eurico Gaspar Dutra, a propriedade, junto com todo o seu acervo, foi comprada pelo governo federal para hospedar visitantes ilustres. Em 1947, o presidente do Chile, Gabriel Videla, inaugurou essa nova era do palacete. No mesmo ano, o presidente americano Harry Truman foi ali recepcionado pelo general Dutra.

A venda não abrangeu a totalidade do terreno, e em 1948 Eduardo Guinle Filho e César construíram um conjunto de edifícios na área contígua. Os prédios foram projetados por Lucio Costa e os irmãos Marcelo, Milton e Maurício Roberto, grandes nomes da arquitetura moderna. Os jardins que separam o palacete das construções mais modernas foram desenhados pelo paisagista Burle Marx. Todo esse conjunto — o palácio, os prédios e os jardins —, chamado Parque Eduardo Guinle e conhecido como Parque Guinle, tornou-se um patrimônio importante da cidade.

Se no tempo em que morou no palácio Eduardo Guinle viveu assombrado pelos credores, curiosamente seu segundo morador escolheu viver em suas dependências para fugir de algum possível encontro com o sobrenatural. Juscelino Kubitschek, eleito presidente da República, não quis morar no palácio do Catete, sede da Presidência até a transferência da capital para Brasília, em 1960. Dizem que foi para evitar os aposentos que serviram de palco para o fim trágico de Getúlio Vargas e que por isso escolheu o palácio Laranjeiras como residência oficial.¹⁵

Embora tenha perdido a liderança empresarial, Eduardo Guinle nunca foi totalmente abandonado pelos irmãos. No início dos anos 1920, quando eles resolveram entrar no ramo financeiro, o primogênito foi chamado para participar da nova empreitada. Não teria, porém, uma

posição relevante, tanto que o primeiro presidente do Banco Boavista foi Carlos, cinco anos mais jovem. Independentemente da idade, dali em diante todos estariam sob a batuta de Guilherme.



Guilberme Guinle

ARQUIVO / AGÊNCIA O GLOBO

Guilherme

Durante toda a juventude, Guilherme ouviu comparações com o irmão mais velho que não lhe eram nada favoráveis. Eduardo Guinle não só primava pelo sucesso acadêmico, como esbanjava charme e poder de sedução. O segundo filho de Guilhermina resolveu então adotar um estilo de vida totalmente diferente e optou pela carreira militar, mas a família foi contra. Em seguida, ele amargaria um baque amoroso, perdendo para o irmão a prima Branca, por quem era apaixonado. Restou-lhe o comando dos interesses da família em Salvador, o terceiro mercado de um negócio secundário dos Guinle, o setor elétrico.

Longe dos familiares e dos amigos, aos poucos Guilherme foi se reinventando. Como empresário, encontrou um caminho para enfrentar o grupo rival, a Light. Foi, portanto, em seu desterro nordestino que se tornou um verdadeiro líder empresarial, não só preocupado com os ganhos da família, mas também com o protagonismo que esta poderia ter nos destinos da nação. Na capital baiana, descobriu ainda novos interesses, como a numismática e o estudo da história. A morte de Cândido Gaffrée veio evidenciar o papel que Guilherme assumiria a partir de então no clã.

Vítima de uma arteriosclerose,¹ em 27 de dezembro de 1919, aos 75 anos, Cândido era, segundo o cronista Paulo Barreto — mais conhecido como João do Rio —, uma “figura vigorosa”. Sua morte comoveu os meios empresariais e políticos do país. Na hierarquia da Cia. Docas de

Santos, a presidência deveria ser ocupada por Gabriel Ozório de Almeida. Mas, seguindo a orientação deixada por Cândido, segundo a qual “Guilherme deveria substituí-lo em seu impedimento”, Gabriel preferiu indicá-lo imediatamente, por sua “reconhecida e acatada competência, aliada aos dotes de administrador emérito, revelado em altos cargos técnicos de responsabilidade na administração federal, sendo, além de tudo, perfeito conhecedor dos negócios da companhia, pois lhe vinha prestando seu valiosíssimo concurso na diretoria desde 1907”.²

A escolha foi aceita por aclamação e Guilherme, nomeado diretor e presidente da Cia. Docas de Santos em 1920. O porto já estava consolidado como uma grande concessionária, e o desafio era mantê-lo como pilar fundamental da expansão econômica do país. Treze anos após assumir um negócio menor da família em Salvador, Guilherme agora comandava tanto o porto como todo o setor elétrico dos Guinle. Tinha 38 anos, mantinha hábitos conservadores e tratava os interlocutores de “vosmecê”, termo considerado antiquado mesmo entre as pessoas de sua geração. Floresta de Miranda, grande amigo e colaborador da família Guinle, conheceu Guilherme no ano em que ele assumiu a presidência da Cia. Docas. Segundo Floresta, ele era bonito, alto, vestia-se com elegância, mas sem afetação. No jantar em que se conheceram, beijou a mãe e sentou-se. O criado perguntou-lhe se queria que trouxesse a sopa. Guilherme agradeceu, recusou, disse “Eu como isso mesmo” e apontou para o prato que estava sendo servido. Terminado o jantar, foram para a varanda tomar café, servido com rigor e distinção. Guilherme sorveu o seu e pôs a mão no bolso para tirar o cigarro. Floresta ficou atento, prevendo que dali surgiria uma cigareira de ouro cravejada de brilhantes, quando viu sair uma carteira de papelão verde com cigarros de quatrocentos réis. Guilherme puxou a caixa de fósforos, acendeu e fumou até quase não ter mais onde segurar o cigarro. Floresta ficou

espantado com a simplicidade daquele homem riquíssimo e tão diferente do que tinha imaginado.³

A morte de Cândido, além de alçar Guilherme ao comando dos negócios familiares, tornou alguns dos Guinle mais ricos que outros, pois em seu testamento o padrinho deixou bem claras as suas preferências. Os afilhados Guilherme, Carlos, Arnaldo e Celina foram aquinhoados com a generosa quantia de, aproximadamente, 2,5 mil contos de réis (algo em torno de 5,3 milhões de dólares). Chama a atenção que, no testamento, esses quatro Guinle sejam citados como “amigos”.

A ausência do nome de Eduardo Guinle no testamento pode ser explicada por sua falta de credibilidade no trato com vultosas somas de dinheiro (após os problemas com Eduardo Guinle, Guilherme se tornou o preferido do padrinho). A ausência do nome da afilhada Heloísa pode ter sido consequência de seu afastamento da família, depois de casar-se e ir morar em São Paulo. O afilhado Octávio também não teria recebido nada do padrinho devido a problemas com a gestão de sua fortuna, chegando a ser deserdado pela família. O mais curioso é a inexpressiva herança deixada para os próprios parentes. Para a irmã Carlota, ele deixou reles duzentos contos de réis. Para a sobrinha Cornélia, quinhentas apólices de um conto de réis da Dívida Pública Federal. Para a Santa Casa de Bagé, onde trabalhava o sobrinho Cândido Brum, quatro contos de réis. Fernando, outro sobrinho que trabalhava como engenheiro no Rio de Janeiro e que recebeu quatrocentos contos de réis, foi o Gaffrée mais bem aquinhado. A preferência por Carlos, Arnaldo e Celina reforçava os boatos de que havia algo mais do que apenas amizade na mansão da São Clemente.

Com Guilherme, o sobrenome Guinle atingiu o apogeu. Nenhum outro membro da família teve visão empresarial e política mais aguçada que ele. Hoje, seria considerado um *workaholic*. Trabalhava o tempo todo, viajava pouco, era introvertido e solitário, não teve filhos. Engajou-se com sucesso nas mais diferentes empreitadas: administrou o porto de Santos,

montou um banco em moldes inovadores, achou petróleo na Bahia num tempo em que ainda se duvidava que houvesse petróleo no país, construiu no interior do Rio de Janeiro a maior usina siderúrgica da América Latina, ergueu o maior hospital do Rio de Janeiro de sua época e foi um destacado mecenas da ciência, da educação e das artes.

Guilherme x Light

[Eduardo Palassim e Guilhermina não esperavam muito do segundo filho. Nascido em 1882, Guilherme era aluno mediano e suas dificuldades eram realçadas pelo brilhantismo de alguns dos colegas de turma, que, mais tarde, tornaram-se expoentes da vida pública nacional, como Eugênio Gudín (patrono do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro), Alceu Amoroso Lima e Aloísio de Castro (imortais da Academia Brasileira de Letras) e Miguel Ozório de Almeida (médico que recebeu o título de *doutor honoris causa* da Universidade de Paris). Tampouco a música, tão familiar a Guilhermina, assídua das temporadas de ópera, e aos irmãos Carlos e Arnaldo, que se encantavam com todo tipo de ritmo, atraía Guilherme. Na infância fora obrigado a estudar violoncelo, o que acabou por distanciá-lo definitivamente do mundo musical.⁴

Aos dezessete anos, decidiu seguir a Escola Naval, mas um ano depois foi desligado da Marinha a pedido do pai. A versão da família é que o jovem apresentava problemas de saúde incompatíveis com a vida de marinheiro.⁵ Já Eugênio Gudín diz que os interesses da sociedade entre Eduardo Palassim e Cândido Gaffrée é que falaram mais alto, e o destino de Guilherme acabou sendo a Escola Politécnica, onde seguiu engenharia civil, como o irmão mais velho. Assim, enquanto Eduardo Guinle usufruía a viagem pelo Velho Continente como prêmio pelas boas notas, Guilherme lutava para melhorar seu desempenho acadêmico. Eduardo Palassim chegou a construir uma oficina no palacete da família

para que ele colocasse em prática os ensinamentos teóricos. Do ponto de vista social, Guilherme sempre manteve uma atitude discreta e afável no período universitário: não ostentava, andava de bonde, era bem entrosado com os colegas e ajudava os que passavam por dificuldades financeiras.

Em 1906 seguiu para os Estados Unidos. Como o irmão, sua missão era aperfeiçoar-se na área de elétrica. Quando retornou, em 1907, comandou a filial baiana da Guinle & Cia., instalada em Salvador desde 1905. Mesmo sendo um mercado menos importante que o do Rio de Janeiro e de São Paulo e também um empreendimento secundário dos Guinle, o negócio era considerado promissor, pois abrigava uma elite exportadora que ansiava por melhoramentos urbanos. Aos 25 anos, no comando de um time de engenheiros igualmente jovens, Guilherme lideraria a extensão baiana da empresa da família com absoluto êxito em um dos capítulos mais difíceis da saga Guinle: a briga com a Light. Êxito que o irmão mais velho não obtivera no Rio de Janeiro.

A disputa em Salvador — cidade dividida em duas partes, a Alta e a Baixa — envolvia tanto o setor de energia quanto o serviço de bondes. Os Guinle, tendo em sua retaguarda a americana General Electric Company, tinham assinado em 1906 o contrato de eletrificação dos bondes da Cidade Alta. Já na Cidade Baixa, o negócio ficara com a Light, que usava tecnologia alemã da Siemens. Na Cidade Alta, os Guinle dominavam a Companhia Linha Circular (a CLC) e a Companhia Trilhos Centrais. Ambas serviam aos bairros entre o Centro e arrabaldes. A Light ficara com as regiões portuárias e comerciais.⁶

A situação era tão peculiar que o poder municipal criou uma legislação específica para o serviço de bondes. Assim, em 1907, diferentemente do que acontecia no Rio de Janeiro e em São Paulo, diversas restrições, isenções e obrigações entraram em vigor em Salvador, e até mesmo a velocidade e os horários dos veículos passaram a ter de obedecer a uma tabela. Talvez por não estar acostumada à fiscalização, a Light começou a

ser seguidas vezes multada. Em 1909, o diretor da companhia questionou os quinze contos de réis — uma verdadeira fortuna — de multas e reclamou do rigor governamental para com a empresa.

A partir daí o pouco caso do grupo canadense com a lei se intensificou e foi tornando a empresa extremamente impopular na cidade. Quando, no dia 5 de outubro daquele ano, um bonde da Light matou um transeunte cego, o caldo entornou. O homem forte dos canadenses em Salvador, Willian Mitchell, se dirigiu ao local do acidente. Não se sabe ao certo o que ele teria dito, mas, de acordo com uma das interpretações, resmungou algo como “a vida de um brasileiro se paga com cem mil-réis”.⁷ Outros contam que ele teria passado por cima do cadáver. O fato é que a população se rebelou contra a Light, de modo que bondes e equipamentos de iluminação foram destruídos. Os prejuízos teriam batido a casa dos treze contos de réis.

A reação da Light — que via a entrada dos Guinle no mercado como um acinte, um desrespeito aos interesses do capital estrangeiro no Brasil — envolveu o alto escalão no imbróglio. Acionado, o embaixador americano, Irving B. Dudley, solicitou ao presidente da República, Nilo Peçanha, o envio de forças federais a Salvador, fazendo entrar em campo o ministro da Justiça, o baiano J.J. Seabra, e o senador Rui Barbosa. De repente, então, o jovem Guilherme se viu no meio de uma briga que exigia muito mais habilidade do que a que o irmão mais velho enfrentava no Rio de Janeiro e na capital paulista. No setor político, ele se saiu bastante bem. No segmento elétrico, idem, mantendo a tática de oferecer tarifas baixas e apostando na construção de hidrelétricas no rio Paraguaçu como forma de baratear o preço da energia e desbancar, de forma decisiva, o concorrente.

Quando, em 1909, a Guinle & Cia. foi transformada na Companhia Brasileira de Energia Elétrica (CBEE), criada para adequar o ramo elétrico dos Guinle às sucessivas derrotas de Eduardo Guinle nos mercados carioca e paulista, só ficaram de fora as empresas da Bahia.⁸

Graças à brilhante atuação de Guilherme, as linhas de bonde das duas companhias comandadas por ele, a CLC e a Companhia Trilhos Centrais, não perderam um único centímetro de sua rede para o concorrente. Entusiasmado, ele investiu na modernização e eletrificação do Elevador Lacerda, que fazia a ligação da Cidade Alta com a Baixa desde os tempos coloniais e era fundamental no dia a dia dos soteropolitanos.

A vitória contra a Light em Salvador e a liderança firme na CBEE foram uma demonstração definitiva de que Guilherme estava preparado para ser o cabeça do principal negócio da família, o porto de Santos. Em sua estada na Bahia, desenvolvera o aprendizado em um setor de enorme valor para quem comandaria uma concessão: o trato com o poder público. E, com a derrocada empresarial de Eduardo Guinle, ele, de fato, se tornava o mais indicado a herdar o comando dos negócios da família, mesmo porque os outros irmãos, Carlos e Arnaldo, então com 25 e 26 anos, não haviam sido preparados para ocupar postos de tamanha importância. Por isso, de volta ao Rio de Janeiro, em 1914, Guilherme começou a ser treinado por Cândido para um dia assumir a chefia da Cia. Docas de Santos, o que só aconteceria seis anos depois, com a morte do padrinho.



Paredes de vidro e interior do Banco Boavista, projeto de Oscar Niemeyer

GETTY IMAGES

O Banco Boavista

o ponto de vista empresarial e familiar, a liderança de Guilherme estava assegurada. Mas ainda faltava mostrar que ele também era capaz de vislumbrar um negócio original. Se o pai criara o porto e Eduardo Guinle farejara lucros na especulação imobiliária, Guilherme inovaria

D criando um banco. Tudo teria acontecido, segundo a lenda nos meios financeiros cariocas, a partir de um encontro casual entre ele e o empresário Alberto Teixeira Boavista nas ruas do Rio de Janeiro. Após uma conversa fortuita, Alberto comentou que não havia no mercado uma instituição financeira destinada a operações de grande porte. Guilherme percebeu o bom negócio e assim a família Guinle começou a desbravar o ramo financeiro. Batizando o empreendimento com o sobrenome do amigo, autor da ideia inicial, Guilherme fundou a casa bancária Boavista Cia. Ltda., que começou a funcionar em 1924 e se transformou em uma das mais importantes do país.

De clara inspiração inglesa, o novo negócio atuaria em todas as modalidades do comércio bancário, menos no setor de câmbio. Com seu enorme prestígio no meio empresarial, não foi difícil para Guilherme levantar o capital necessário para consolidar o Boavista, que se tornaria tão próspero que em 1927 os Guinle resolveram vender a CBEE, a fim de concentrar as energias no setor financeiro. Assim, no mesmo ano, transformaram o Boavista Cia. Ltda. em banco de fato, com o objetivo de realizar negócios bancários em todas as áreas, mas com especial atenção ao desenvolvimento da indústria e do comércio. O Banco Boavista S.A. foi aberto com um capital de 15 mil contos de réis (cinco vezes maior do que em 1924), divididos em 30 mil ações. Os irmãos Guinle detinham um número expressivo delas.

Guilherme não teria ficado no comando do banco porque ainda era o cabeça da Cia. Docas de Santos. Porém, há quem diga que o motivo teria sido sua falta de perfil de banqueiro. Fernando Portela, seu secretário, contava que Guilherme tinha “coração generoso e dificilmente saberia dizer não”.⁹ Então, decidiu-se que ele ficaria nos bastidores, longe do guichê pagador, formulando a política da instituição. Assim, o primeiro presidente do banco foi seu irmão imediatamente mais jovem, Carlos Guinle.

Apesar de conservador no campo dos investimentos, o banco seguia uma linha arrojada em outros setores. Já no primeiro ano de existência, publicou seu relatório anual de forma inovadora, trocando as incompreensíveis cifras por uma síntese esclarecedora de suas atividades. Inovou também na arquitetura, ao chamar o jovem Oscar Niemeyer para desenhar sua segunda e definitiva sede, localizada perto da matriz do Banco do Brasil, na avenida Presidente Vargas, no Centro.

Na época, as instituições bancárias costumavam ter uma aparência pesada para passar a ideia de solidez. O Banco do Brasil, no Rio de Janeiro, por exemplo, escolheu como sede o imóvel que depois abrigaria o Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), na rua Primeiro de Março, no Centro, conhecido por suas linhas neoclássicas, suas colunas imponentes de mármore e sua gigantesca cúpula. A sede do antigo Banco do Estado de São Paulo, o Banespa, quando foi inaugurada, em 1947, era o prédio mais alto da cidade e sua linha arquitetônica representava a resistência e a estabilidade do banco. Já o projeto de Niemeyer para o Boavista deveria refletir leveza e transparência. Projetado em 1946, uma década antes da construção de Brasília, rompia com a estética tradicional, tendo uma grande e sinuosa parede de vidro e, em seu interior, um enorme espaço aberto com sustentação de pilotis. Não à toa a inauguração da sede do Boavista, em 1948, causou furor e foi destaque nas revistas americanas *Time* e *Architectural Review*, na londrina *Picture Post* e na italiana *Domus*. O Boavista rendia muito mais prestígio que o porto.

Saúde, cultura e educação

Como nenhum membro da família havia conseguido antes, Guilherme soube conquistar a simpatia da opinião pública, em especial com suas ações em áreas desprezadas pelo Estado — como saúde, cultura e educação —, fundamentais para salvaguardar os interesses dos Guinle. Aliás, desde os tempos de Eduardo Palassim e Cândido, a

Cia. Docas já tratava de realizar melhoramentos nas condições de higiene no entorno do porto. Cândido, em 1905, chegou a pedir ao sanitarista Oswaldo Cruz que indicasse um nome para coordenar o combate a um surto de malária que minava a mão de obra na usina de Itatinga, e o nome escolhido foi o de Carlos Chagas. Muitos anos depois, em 1920, foi aberto em Santos o Ambulatório da Fundação Gaffrée & Guinle, já com Guilherme no comando. Os operários do porto e suas famílias eram atendidos em um centro especializado no combate à sífilis.



Fachada do Hospital Gaffrée e Guinle

SERGIO BORGES / AGÊNCIA O GLOBO

No Rio de Janeiro, na rua Mariz e Barros, na Tijuca, Zona Norte da cidade, Guilherme construiu o maior hospital da então capital brasileira, o Gaffrée e Guinle, erguido com parte da herança deixada pelo padrinho Cândido. Sua concepção arquitetônica, alinhada com o seu tempo, misturava o padrão europeu com clara influência americana. O prédio

principal, de quatro pisos, com capacidade para **320** leitos, recebeu em seu último andar os ambulatórios e as salas de cirurgia. Além do tamanho e da funcionalidade da construção, os serviços eram de alta qualidade.

Apesar de ter construído um hospital e ter financiado o desenvolvimento de pesquisas na área médica, Guilherme mantinha hábitos nada saudáveis, como o de fumar cerca de **140** cigarros por dia.¹⁰ Metódico, não abria mão do vício em hipótese alguma. Nem de outras manias, felizmente mais saudáveis, como a que nutria pelo colecionismo. Varava as madrugadas em seu escritório, acompanhado de amigos, cuidando da coleção de moedas, com lupa, flanela, escova e detergente, até que as peças ficassem reluzentes. Depois, as catalogava. Foi com parte dessas moedas que começou a ser montado o acervo do Museu Histórico Nacional, um dos mais importantes do país, criado para integrar a Exposição Internacional em homenagem ao centenário da Independência do Brasil, na capital federal. A exposição, que contou com a participação de treze países, ficou em cartaz até julho de **1923** e foi visitada por milhares de pessoas. Logo, a imagem de progresso e modernidade transmitida pelo megaevento também era apropriada pelos Guinle.

Quando o porto de Santos completou seu cinquentenário, em **1942**, Guilherme comemorou investindo em outra área carente no país: educação. Nos festejos, foi lançada a pedra fundamental do Grupo Escolar da Cidade de Santos, uma instituição sem fins lucrativos. Ele defendia a educação integral, desde a formação física, sadia e capaz, até a organização cívica e social, passando pela profissionalização técnica e científica. Também apoiava iniciativas ligadas ao ensino universitário. No início dos anos **1940**, por exemplo, ajudou o cardeal Sebastião Leme a fundar as Faculdades Católicas, contribuindo financeiramente com o projeto e mobilizando setores ricos da cidade. Surgiu, então, a Associação de Amigos da Universidade Católica do Rio de Janeiro, a futura Pontifícia Universidade Católica, a PUC. Antes de se mudar para a Gávea,

o núcleo inicial da universidade ficava na rua São Clemente, em Botafogo.

A ajuda não se limitou ao Rio de Janeiro. O bispo de Petrópolis, dom Manuel Pedro Cintra, também resolveu abrir uma universidade, e, com o apoio do mecenas, foi criada a Universidade Católica de Petrópolis. Curioso é que, embora tenha financiado instituições católicas, Guilherme nunca foi religioso. Há até quem diga que seu amor pelas ciências refletia sua total descrença, e que ele seria ateu.¹¹

Em meados da década de 1940, em uma cerimônia de doação de quadros para a criação do Museu de Arte de São Paulo, o Masp, Guilherme resumiu em discurso sua vocação para o patronato: “É melhor dar que receber. Sou eu, portanto, que tenho que agradecer. Agradeço, pois, essa oportunidade de contribuir para o engrandecimento do nosso patrimônio artístico e pela elevação do nível cultural do nosso povo”.

Jogo de cintura

Guilherme acreditava que a Cia. Docas de Santos precisava acompanhar o desenvolvimento do país, já que a empresa, cada vez mais, interligava regiões como o sul de Minas, o norte do Paraná, Goiás e Mato Grosso. Em sua visão, o porto era um organismo vivo que nunca poderia deixar de se expandir e deveria estar preparado para os novos tempos. Mas como era uma concessão, todos os investimentos nele dependiam da boa vontade do governo.

Em sua tentativa de se manter próximo do poder, Guilherme teve de enfrentar momentos difíceis. O fim da década de 1920 foi marcado pela quebra da Bolsa de Nova York, que afetou a economia internacional, atingindo o preço de todos os produtos primários brasileiros. A turbulência bateu à porta do palácio do Catete e em 1930 o presidente Washington Luís foi deposto. Em seu lugar, subiu o gaúcho Getúlio Vargas, afirmando que ficaria provisoriamente no poder. Prometeu

convocar eleições, mas sem determinar quando. A principal empresa dos Guinle foi pega em cheio pela crise política e econômica, pois, além de ver sua renda entrar em declínio, suas instalações estavam em processo de modernização. Em 1932, quando começaram a aparecer indícios de recuperação e tudo parecia melhorar, eclodiu em São Paulo um movimento político-militar cobrando de Vargas a realização de eleições, a chamada Revolução Constitucionalista. Guilherme teve que se equilibrar sob o fogo cruzado entre os paulistas e o presidente.

Esperando o apoio de outras unidades da Federação, em 9 de julho de 1932 os paulistas partiram para a ofensiva de fato. Temendo o uso das dependências do porto pelas tropas rebeldes, Getúlio ordenou seu fechamento. No entanto, os interesses locais falaram mais alto e Guilherme deu uma contraordem: que as atividades seguissem normalmente. Inconformado, o presidente mandou a Marinha agir, e a população de Santos então assistiu à primeira batalha aeronaval da história do Brasil.

O porto foi bloqueado com navios de guerra e a entrada da barra, minada. Sem possibilidade de combater o “inimigo” federal, as forças estaduais se apropriaram da carga dos armazéns. No dia 28 de julho, a população viu passar sobre suas cabeças um avião de guerra cujo alvo era a usina elétrica para cortar a energia local. A missão não deu em nada, mas foi suficiente para animar a organização da defesa da cidade. Barricadas foram erguidas e instaladas baterias antiaéreas. Seis dias depois, três bombardeiros escoltados por um caça atacaram um dos barcos da Marinha, o cruzador *Minas Gerais*. Um avião paulista foi abatido e seu piloto, o primeiro-tenente João Gomes Ribeiro Júnior, morreu. Em 8 de outubro, as tropas leais ao presidente Vargas entraram na cidade, pondo fim ao confronto.

Além dos prejuízos com a paralisação das atividades portuárias, a crise política obrigou os Guinle a interromper as obras de modernização. As minas só foram retiradas no fim de outubro, quando o porto pôde ser

reaberto. Para piorar, a retração econômica se agravou e Guilherme foi obrigado a manobrar para minimizar os efeitos do conflito: de forma prudente, contabilizou as perdas, pagou normalmente aos trabalhadores pelos meses parados e engoliu o prejuízo sem reclamar. Apesar de tudo, a estratégia de não se incompatibilizar com o governo central nem com o estadual ou o municipal deu certo, afinal os eventos mais agudos em Santos aconteceram alheios à sua vontade. Tanto que, em 1934, a legislação portuária brasileira foi alterada por Vargas. Pelas novas regras, a antiga taxa dos serviços portuários, cobrada pela Cia. Docas de Santos, foi majorada. E, claro, o resultado foi bem favorável aos Guinle.

Petróleo

A medida que o mundo moderno caminhou em busca do “ouro negro” como fonte energética, o tema foi ocupando os governantes e a atenção de alguns homens de visão. Com os efeitos da crise mundial de 1929, o Brasil ficou sem recursos para importar petróleo e o assunto virou fonte de preocupação.

No começo dos anos 1920, o escritor Monteiro Lobato foi nomeado adido comercial nos Estados Unidos e lá se aprofundou nos meandros da questão. Quando regressou, deu início a uma forte campanha de esclarecimento da opinião pública. A grande discussão se resumia à seguinte indagação: temos ou não temos petróleo? Entre as principais ideias veiculadas pelo criador das aventuras infantis no Sítio do Picapau Amarelo, estava a de que a existência de petróleo em solo brasileiro seria fundamental para a independência do país. Com Vargas já instalado no poder, houve uma reviravolta política e um decreto liberou a busca em todo o território nacional.

Um novo passo foi dado quando o governo contratou o geólogo lituano Victor Oppenheim, que trabalhava na consultoria francesa Ludovick Barreau, para investigar o potencial petrolífero brasileira. Ele já fizera

análises para a Yacimientos Petrolíferos Fiscales (YPF), da Argentina, também já estivera na Colômbia, no Peru, na Bolívia e no Equador. No Brasil, realizou estudos em Riacho Fundo, Alagoas; na serra do Moa, Acre; em Tibagi, Paraná; e em Mato Grosso. Após percorrer o país por quatro anos, concluiu que não havia a menor chance de haver petróleo no Brasil.

Na esfera governamental, a opinião de Oppenheim era forte, mas nem todos concordavam com ela. A voz mais discordante talvez tenha sido justamente a de Monteiro Lobato, que acusava os trustes estrangeiros de negarem a existência de petróleo com o intuito de sabotar o crescimento brasileiro. Um baiano chamado Oscar Cordeiro, presidente da Bolsa de Mercadorias da Bahia, que pesquisava o solo local, também tinha convicção de que havia petróleo em seu estado. E mais: acreditava que havia “ouro negro” em Lobato, cidade do Recôncavo Baiano, e entrou com um pedido de extração de lavra. O ministro da Agricultura, Juarez Távora, no entanto, negou o pleito. Em abril de 1934, um boletim do Ministério da Agricultura colocou, oficialmente, um ponto final na discussão: não havia a menor possibilidade de haver petróleo em Lobato.

Tudo mudou quando o químico Sylvio Fróes Abreu, um apaixonado pelo assunto, resolveu pesquisar algumas amostras coletadas por Oscar Cordeiro na cidade e concluiu que o líquido colhido era petróleo mesmo. Seguiu até lá e se convenceu do potencial da região. Ciente de que não teria o apoio do ministro, Sylvio Fróes procurou Guilherme, argumentando que era importante o estudo da geologia e da geofísica daquela localidade e que integrariam a equipe o geólogo Glycon de Paiva e o geofísico Irnack do Amaral, profissionais do Departamento Nacional de Produção Mineral. Os três se dispunham a arriscar suas reputações profissionais e Guilherme, literalmente, comprou a ideia.

O primeiro resultado da parceria foi a publicação de *Contribuições para a Geologia do Petróleo no Recôncavo (Bahia)*, um estudo que contou com apenas seiscentos exemplares. Mas quando Guilherme mostrou o trabalho ao geólogo E. Brautley, que estava perfurando alguns poços no

Peru, este aceitou fazer uma visita a Lobato. Chegando ao Recôncavo, declarou não ter dúvidas de que as chances de encontrar petróleo eram boas. Reanimado, Guilherme se dispôs a investir na segunda etapa da pesquisa. Organizou uma companhia, a Empresa Nacional de Investigações Geológicas Ltda., e pediu ao Departamento Nacional de Produção Mineral a concessão para pesquisas de petróleo e gás natural em dois locais: Lobato e Itaparica.

Eufórico, o segundo filho de Eduardo Palassim resolveu conversar com o presidente da República. Vargas ficou tão entusiasmado com os relatos que mandou o Departamento Nacional de Produção Mineral considerar o Recôncavo Baiano área prioritária para a prospecção de petróleo. Outros grupos nacionais entraram na corrida pelo “ouro negro”, como o também milionário Roberto Simonsen, que organizou a Sociedade Brasileira de Pesquisa Mineralógica Ltda. e pediu o direito de concessão em Monte Negro e São Sebastião, na mesma região.

Para Guilherme, o caso não era de disputa, mas de união de esforços. Assim, a sua companhia e a de Simonsen foram fundidas e surgiu a Consórcio Nordeste. Com mais recursos, foi iniciada a sondagem em grande profundidade. Com o apoio de outra empresa da família Guinle, a Companhia Carbonífera São Jerônimo, foi levada para a Bahia uma sonda, além de todo o equipamento necessário. A mobilização de um sofisticado aparato tecnológico, e sobretudo de capital, despertou a opinião pública. Com quem deveria ficar um produto tão estratégico como o petróleo? Com o setor privado nacional? Com os grupos internacionais? Com o Estado? A febre nacionalista acabou falando mais alto. O Estado, que até então nem sequer acreditara que poderia haver petróleo no Brasil e que, aliás, ainda não gastara um único centavo para achá-lo, resolveu que deveria ter o controle sobre a sua exploração, e em 1939 criou o Conselho Nacional do Petróleo (CNP).

Caberia ao CNP comandar todo o setor, a importação, a exportação, o transporte, a distribuição e a comercialização do produto, quando este fosse encontrado. Um dos primeiros atos do CNP foi, pois, diminuir o

poder de fogo do Consórcio Nordeste, limitando em até cinco o número de concessões — o negócio de Guilherme e Simonsen detinha sete. Os empresários tiveram de dividir a empresa em duas, mas seguiram ligados por meio de contratos de cooperação técnica e financeira. A intervenção desanimou Roberto Simonsen, que, temendo novas investidas governamentais, saiu do negócio. Mesmo desapontado, Guilherme persistiu. Até que em 21 de dezembro de 1939, um sábado, no poço 163, jorrou petróleo pela primeira vez no Brasil.

Pouco depois começaram boatos de que a concessão petrolífera concedida aos Guinle seria anulada. Apreensivo, Guilherme procurou o presidente, que confirmou a notícia e justificou-se dizendo que a estatização visava atender a um pedido do Exército, mas que os Guinle seriam indenizados. Guilherme pediu desculpas a Vargas e afirmou que o lucro não era seu objetivo, abdicando de qualquer indenização. “Não agi visando ao lucro”, ele repetia. “Para que quero mais dinheiro?”¹² Guilherme tomara gosto pelo setor e, apesar da ameaça constante de ver seus negócios serem nacionalizados pelo Estado, já que todo o Recôncavo passou a ser considerado reserva nacional, seguiu perfurando poços em outras regiões até meados dos anos 1950, sempre acompanhado do amigo Sylvio Fróes, que não se cansava de alertar sobre o risco de se perder tudo com uma simples penada do governo.

Apesar de todos os avisos, Guilherme seguiu na busca por petróleo. Suas últimas cinco perfurações foram no estado de São Paulo. Só a sonda utilizada custara 200 mil dólares. Em 1953, Getúlio Vargas já estava de volta ao comando do país e estabeleceu o monopólio do Estado sobre o setor. Com isso, o presidente decretou, de forma definitiva, o fim dos planos petrolíferos de Guilherme.

CSN

Se a participação dos Guinle no ramo petrolífero acabou frustrada, o mesmo não se pode dizer de sua atuação no setor siderúrgico. A história da construção da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) começou nos anos que antecederam a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), quando se delineava a disputa pelo apoio do Brasil entre as duas principais potências inimigas na época, Alemanha e Estados Unidos.

Em 1937, o embaixador do Brasil em Washington, Oswaldo Aranha, um dos poucos democratas do governo brasileiro, tentava obter capital para construir um sólido complexo siderúrgico no país. Quando tudo parecia caminhar para que o Eximbank abrisse uma linha de financiamento, Getúlio Vargas decretou o chamado Estado Novo e o negócio não avançou. Até então, com jogo de cintura, Getúlio conseguira manter-se simpático tanto a americanos quanto a alemães, mas então, como ditador, aproximou-se mais do bloco ideológico nazifascista.

Não à toa, naquele ano, em entrevista ao *New York Times*, o ministro brasileiro da Justiça, Francisco Campos, declarou que o país passava a fazer parte do rol das nações fascistas. Ainda assim, Aranha seguia nos Estados Unidos negociando com os americanos. Quando a guerra estourou, em 1939, Getúlio oscilava entre apoiar a Alemanha e os Estados Unidos, em busca de vantagens para a instalação de uma usina de aço no Brasil.

Em março de 1940 foi criada a Comissão Executiva do Plano Siderúrgico Nacional, para elaborar as metas e as estratégias da usina a ser montada e aumentar as chances de se obter um financiamento. Entre seus membros estavam Oscar Weinschenk (diretor da Cia. Docas de Santos), o tenente-coronel Edmundo de Macedo Soares e Silva e, como presidente, Guilherme. Macedo Soares, que na época era um obscuro oficial do Exército e depois seria ministro do presidente Eurico Gaspar

Dutra, conta: “Guilherme Guinle procurou-me em minha residência, em Botafogo. Tivemos uma longa conversa, na qual ele, realisticamente, mostrou as grandes dificuldades da tarefa que nos fora confiada”.¹³

O primeiro desafio da comissão foi definir o local da instalação da usina. Por pressão do interventor¹⁴ do estado do Rio de Janeiro, Ernani do Amaral Peixoto, a opção foi o vale do Paraíba, em algum ponto entre Barra Mansa e Piraí. Foram considerados diversos fatores, como a altitude de quatrocentos metros, boa para a saúde dos trabalhadores — a penicilina ainda não era difundida —, o preço mais baixo da mão de obra, a água farta e a malha ferroviária da Central do Brasil já instalada. A proximidade dos mercados consumidores e da usina da Light e a razoável distância do litoral também foram levadas em conta. Volta Redonda, antes insignificante distrito de Barra Mansa, foi a região escolhida.

Com o projeto na mão, era hora de voltar a negociar. O clima estava mais favorável no cenário internacional, pois o presidente americano, Franklin Delano Roosevelt, colocara em marcha a chamada política da boa vizinhança com o objetivo de angariar a simpatia dos países sul-americanos. A nomeação de Oswaldo Aranha como ministro das Relações Exteriores facilitou a negociação com os Estados Unidos. Em seu lugar na embaixada em Washington ficou Carlos Martins, um diplomata francamente antinazista que pediu ao governo brasileiro que mandasse logo um emissário para iniciar a transação. Vargas nomeou uma comissão integrada por Guilherme, Macedo Soares e o engenheiro Ary Frederico. Em seu diário, o presidente revelava, no dia 24 de maio de 1940, quem, de fato, eram seus verdadeiros interlocutores naquele projeto: “Audiências, entre estas, a Comissão de Siderurgia, isto é, Guinle e Macedo Soares”.

A construção da usina com a participação dos americanos era vista pelos democratas como estratégica na luta contra o governo nazista da Alemanha, pois implicava o compromisso político dos brasileiros com os

Estados Unidos. Em Nova York, quando assediado pela imprensa local, Guilherme soube usar muito bem o argumento da disseminação do sentimento antinazista: “Este fato, aliado às boas relações e amizades existentes entre o Brasil e os Estados Unidos, há de facilitar as negociações com o governo americano para o financiamento do projeto brasileiro”.¹⁵ Na mesa de negociações na capital americana, ele teve como interlocutores Warren Pierson, presidente do Eximbank, dois membros do governo americano e o texano Jesse Jones, amigo de Roosevelt e dono de uma fortuna incomensurável. Assim que chegou, Jones foi logo dizendo que “ouvira esplêndidas referências” sobre os Guinle.

Guilherme expôs o desejo dos brasileiros de construir a usina, e o alto funcionário do Departamento de Estado americano Sumner Welles garantiu que era interesse do próprio presidente dos Estados Unidos atender ao pleito e que tudo seria ultimado da melhor maneira possível. Para surpresa da comissão, o bom clima da reunião não redundou em acordo imediato. Na imprensa, pipocaram informações de que o Eximbank estava descapitalizado e esperava uma deliberação do Congresso para se capitalizar. Aos poucos, foram surgindo várias questões burocráticas. Os negociadores americanos passaram a questionar o projeto, aparentemente desconfiados dos dados fornecidos e, portanto, demandando uma série de informações.

A demora deixava Guilherme e seus colegas angustiados. O maior temor era o acirramento da guerra, e o clima era tenso. Apesar de os americanos ainda estarem fora dela, era visível a mobilização civil e militar nos Estados Unidos. A América poderia entrar no conflito a qualquer momento. Macedo Soares relata: “O Guinle era amigo, mas não era chefe; era incapaz de dar uma ordem, tinha que ser levado a isso: ‘Dr. Guinle, eu preciso fazer isto assim, assim’. Ele respondia: ‘Vosmecê faz se quiser; se não quiser, não faz’. Nunca dizia ‘estou de acordo’ ou ‘não estou de acordo’. Com a minha formação militar, eu ficava completamente aturdido”.¹⁶

O entrave no Congresso americano começou a ser desembaraçado na noite de 22 de agosto de 1940. Enfim, a capitalização do Eximbank fora aprovada e a confirmação pelo Senado era vista como favas contadas, mas a votação teve de ser adiada, pois o presidente da Casa morreu em um desastre aéreo. A questão só foi resolvida no dia 11 de setembro, quase um mês após a chegada da comissão em Nova York. Mesmo assim, as negociações não avançavam, e o grupo brasileiro se ressentia da atitude do texano Jesse Jones. Em muitos momentos ele foi rude, duro, irritadiço e autoritário, a ponto de fazer com que Guilherme pensasse em desistir e voltar para o Brasil. Sentia, pela primeira vez, como era “difícil o pobre tratar com o rico”.¹⁷ Foi quando entrou em campo Carlos Martins, declarando que o acordo seria assinado, provavelmente porque obtivera alguma informação privilegiada no Departamento de Estado.

Dias depois, isso de fato aconteceu. O Eximbank concedeu um crédito de 20 milhões de dólares para a construção da usina siderúrgica com a garantia do Tesouro Nacional e o aval do Banco do Brasil. Em contrapartida, o governo brasileiro investiria 25 milhões de dólares em moeda nacional. Vargas teve muitos motivos para comemorar. A comissão chefiada por Guilherme obtivera bem mais do que os 17 milhões de dólares pleiteados, além de juros de 5% e oito anos para pagar. O governo brasileiro autorizou a comissão “a promover todos os atos necessários à constituição de uma sociedade anônima” de utilidade pública e interesse nacional. Assim começava a nascer a Companhia Siderúrgica Nacional.

Da mesma forma como Eduardo Palassim e Cândido haviam feito para participar da licitação do porto de Santos, Guilherme mobilizou setores da sociedade para entrar no empreendimento. Adquiriu, pessoalmente, 50 mil ações, sendo o maior acionista particular Jacques La Saigne, da loja de departamentos Mesbla. A irmã Heloísa Guinle Ribeiro adquiriu 1.500 ações e a Cia. Docas de Santos, 2.500. A assembleia que constituiu

a CSN em abril de 1941, no prédio da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro, no Centro, foi marcada por enorme euforia. Quando foi anunciado o nome de Guilherme como presidente da CSN, houve calorosos aplausos. Macedo Soares conta que, na hora de formar a diretoria, Getúlio o chamou e afirmou, taxativamente, que o escolhera para presidente da companhia. Macedo Soares recusou a oferta, afirmando não ser um nome conhecido, e indicou para o cargo Guilherme, que, em suas palavras, além de presidente da Cia. Docas de Santos e do Banco Boavista, era conhecido fora do Brasil, rico e simpático. Getúlio acatou sua sugestão; telefonou para Guilherme e marcou uma entrevista, na qual o convite foi aceito. Pouco depois, Guilherme fez publicar no *Jornal do Commercio* um longo artigo em que elogiava o projeto da CSN e revelava como ele concebia a siderurgia. Getúlio ficou muito contente e cumprimentou Macedo Soares pela indicação.¹⁸

Após levantar o capital para a construção da siderúrgica, era hora de erguer a usina. O anúncio das obras animou a combalida economia do vale do Paraíba e de outras regiões decadentes do estado que não haviam prosperado com o ciclo do café no período imperial. Milhares de fluminenses e de brasileiros de todos os cantos do país, na grande maioria analfabetos e sem nenhum preparo na área da construção civil e muito menos na do setor siderúrgico, migraram para Volta Redonda. Como os Guinle da primeira geração em Santos, Guilherme, que já havia contornado os problemas de financiamento do empreendimento, tinha agora de enfrentar outro desafio, de ordem técnica.



Guilherme em reunião. Em 1941, o porto de Santos concedeu ao Paraguai um depósito franco.

CPDOC/ FGV

Os operários, que só conheciam ferramentas rurais, precisavam manejar instrumentos de trabalho bem mais sofisticados e com tecnologia específica. A outra barreira era se adequar às famigeradas polegadas do sistema inglês ao padrão métrico. Foi assim que surgiu a primeira escola técnica da cidade. Consciente do papel da educação, Guilherme sugeriu que se utilizassem os consagrados métodos do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai). Os já letrados aprendiam as profissões básicas para o funcionamento da usina: tornearia, eletricidade, mecânica, caldeiraria, serralheria, solda elétrica e a oxigênio, fundição e carpintaria. Na outra ponta do processo, mandou dezenas de engenheiros aos Estados Unidos para acompanhar o envio dos equipamentos ao Brasil.

No entanto, as dificuldades da conjuntura internacional acabaram atingindo o gigantesco canteiro de obras do vale do Paraíba. A aproximação do Estado Novo com os Estados Unidos culminara, no início de 1942, com o corte das relações diplomáticas entre o Brasil e os países nazifascistas do Eixo (Alemanha, Itália e Japão). Assim, os brasileiros acabaram entrando no conflito. O esforço de guerra desarticulava o mercado internacional e transformava o comércio marítimo em uma grande loteria, uma vez que os submarinos alemães conseguiram bloquear boa parte do Atlântico. Logo, a instalação da usina, cujas peças eram importadas, ficou prejudicada.

Não foi à toa que Getúlio, em 1943, se emocionou ao visitar o canteiro de obras da CSN. Seu discurso foi emblemático: “Diante de empreendimento de tamanha magnitude, como o que estamos aqui realizando, não posso ocultar o meu entusiasmo patriótico e a minha confiança na capacidade dos brasileiros. O que representam as instalações da usina siderúrgica de Volta Redonda, aos nossos olhos deslumbrados pelas grandiosas perspectivas de um futuro próximo, é bem o marco definitivo da emancipação econômica do país. Aqui ele está plantado, em cimento e ferro, desafiando ceticismos e desalentos”.¹⁹

No último dia de 1944, algumas unidades da CSN estavam quase finalizadas. Era o caso da rede de esgoto (100%), da coqueria e subprodutos (98%), do alto-forno (97%), da distribuição de água e das oficinas (95%). Aos poucos, Volta Redonda ia ganhando contornos de cidade. Das 2.782 casas programadas, 1.189 já estavam habitadas. A empresa também mudaria a vida nas cidades de Tubarão e Siderópolis, em Santa Catarina, regiões fornecedoras do carvão utilizado na usina. Se a história portuária do Brasil deve ser contada antes e depois dos Guinle, o mesmo se pode dizer de sua siderurgia. Quando Guilherme deixou o comando da CSN, em 1945, para preparar uma nova expansão do porto de Santos, a usina estava em fase de pré-produção.

Ainda em 1945, acabava a Segunda Guerra e chegava ao fim o Estado Novo. Com a volta da democracia, os Guinle não se beneficiariam mais das facilidades permitidas por Getúlio. Mesmo assim, Guilherme seguiu como um dos empresários mais respeitados do país. Circulava bem entre todas as correntes políticas — de getulistas a antigetulistas ferrenhos, como o jornalista Carlos Lacerda. De comunistas a anticomunistas, como o ministro das Relações Exteriores, Raul Fernandes, que oficializou, em 1947, o fim das relações do Brasil com a União Soviética (URSS).

Guilherme era praticamente uma unanimidade. Para se ter uma ideia, Luís Carlos Prestes, principal liderança do Partido Comunista, considerava o segundo filho de Eduardo Palássim um conservador e também um progressista, mas o admirava — ainda que fosse um milionário — a ponto de indicá-lo para compor a chapa presidencial do partido nas eleições de 1945. Segundo Lacerda, em depoimento prestado ao Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, Guilherme teria achado muita graça da indicação, e declinado do convite, é claro.

Tio solteirão

Milionário, dono de um porto e de um banco, grande negociador, bonito, refinado. Aliás, refinamento não lhe faltava. Segundo Carlos Lacerda, Guilherme era “grã-fino e um aristocrata de sentimentos, (...) trajando com a elegância de um inglês, ajudado pela silhueta magra”.²⁰ Outra saborosa descrição do estilo de vida de Guilherme foi feita por seu sobrinho-neto José de Paula Machado. Quando moraram juntos no palacete da rua São Clemente, diariamente o menino, sentado na cama, assistia ao seguinte ritual: “Com a ajuda de um camareiro e tendo a duração de uma hora e meia, Guilherme Guinle se vestia e, independentemente da temperatura, vestia colarinho duro, chapéu e usava bengala”.²¹

Com tantos predicados, como seria a relação do solteirão Guilherme com as mulheres? O sobrinho Otavinho, filho de Octávio, garante que o tio “tinha seus casos”. Seu irmão, José Eduardo, considerava o tio vaidoso por ser o mais bem-sucedido, e achava curioso que ele nunca tenha sido visto com uma mulher. “Ele era estranho”, declarou. Jorginho, filho de Carlos, só se referia ao tio como “Gaylherme”, revelam seus filhos, Georgiana e Gabriel. Outra explicação para a solteirice de Guilherme é dada por Carmen Gueiros, amiga da família: “Ele nunca foi decisivo na hora de cortejar uma mulher. Na disputa pelo grande amor de sua vida, a prima Branca, acabou derrotado pelo irmão. Guilherme nunca se recuperou do golpe. Sem contar que ele era um trabalhador incorrigível”.²²

Guilherme era também um jogador contumaz. Em seu tempo vago, costumava correr para os cassinos da cidade, o da Urca e o do Copacabana Palace, de propriedade do irmão Octávio. Gastava fortunas nas mesas de baccará, de pôquer e também nas roletas. Tudo leva a crer que tenha perdido sua bela propriedade da Gávea²³ em uma mesa de jogo, em 1939.²⁴ Na gestão do prefeito Henrique Dodsworth, a casa foi adquirida pela prefeitura, e ele se mudou para o hotel do irmão. Depois de conduzido ao cargo de presidente da CSN, passou a achar que não ficava bem para um “alto membro” do governo ser visto envolvido na jogatina e decidiu mudar seu estilo de vida.²⁵ Foi quando se entregou definitivamente à paixão pelas coleções, especialmente as de selos e moedas, e pelas orquídeas, que cultivava na sua casa da rua Barão de Águas Claras, em Petrópolis.

Guilherme morou no Copacabana Palace até meados dos anos 1940. Um dia, em visita à irmã Celina, na rua São Clemente, decidiu passar uma temporada com eles até que encontrasse casa ou apartamento onde morar. Acabou nunca saindo de lá. E os filhos de Celina — Heloísa, Francisco Eduardo, Cândido e Linneo Eduardo — ficaram muito mais próximos do tio solteirão que os demais primos. A viuvez precoce da

irmã, que fora casada com Linneo de Paula Machado, teria deixado Guilherme consternado. Ele acabou se tornando um segundo pai para os meninos.

O lar dos Guinle de Paula Machado era o ponto de encontro da família; aos domingos todos se reuniam para jantar, um velho hábito desde os tempos de Guilhermina. Uma curiosidade é que a cunhada Branca, o único amor de Guilherme, já viúva, sempre se sentava a seu lado, segundo sua neta Teresa. Mesmo após a morte da matriarca, em 1925, o ritual continuou. Nesses jantares eram resolvidos eventuais problemas familiares e financeiros. Guilherme teria dado aos irmãos “várias fortunas” com a intenção de “atender a situações embaraçosas de alguns familiares”. Sempre sem reclamar e nunca deixando de lembrar que “dinheiro é para isso, embora pudesse ter outro uso”.²⁶

Do ponto de vista político, Guilherme foi um liberal. Nos anos 1930, antes da decretação do Estado Novo, Getúlio Vargas certa vez convocou o empresariado para uma conversa sobre a nova legislação trabalhista. O encontro se deu na casa de Guilherme, ainda na Gávea. A fim de convencer os empresários da necessidade de modernizar a regulamentação sobre as condições de trabalho, o presidente argumentava que sua proposta era o melhor antídoto para os ideais comunistas. Choveram reclamações indignadas sobre Vargas a respeito do que lhes parecia uma série de regalias para os operários. O único empresário que não abriu a boca para reclamar foi Guilherme.²⁷

A correção do segundo filho de Guilhermina estendia-se em todos os níveis, do trato com os trabalhadores ao trato com o Estado. Conta Macedo Soares que, quando ele e Guilherme foram negociar o financiamento da CSN nos Estados Unidos, o amigo viajou acompanhado de seu secretário particular e de seu fiel mordomo italiano, Eneias, que só cuidava de suas roupas. No entanto, mesmo sendo uma missão oficial do governo que visava à estratégica instalação da produção de ferro em larga escala no país, a passagem dos empregados foi paga por ele, o que

mostra sua lisura com o dinheiro público.²⁸ Macedo Soares dizia ainda que Guilherme era um homem extremamente polido, de cultura média. Absolutamente patriota, 100% honesto, mas, segundo ele, muito suscetível. Sendo assim, nem sempre era fácil lidar com Guilherme.

Macedo Soares lembra que, logo que se conheceram, tiveram de ir juntos a Petrópolis para uma audiência com Getúlio, que estava em vilegiatura. Guilherme o convidou para almoçar e, no restaurante, ficou observando o modo como ele comia, como pegava no garfo, na faca, registrou o que ele bebia. Não o convidou para ficar hospedado na sua chácara; ficou num hotel. No dia seguinte, levou-o para conhecer sua casa — que Macedo Soares considerou linda —, a coleção de selos, a plantação de orquídeas e rosas. E, da vez seguinte em que foram juntos a Petrópolis, hospedou-o. Macedo Soares garante não ter ficado ofendido com esse procedimento.²⁹

O último gentleman

[Em 1952, os efeitos do cigarro começaram a dar sinal de que algo não ia bem. A recomendação médica era a óbvia: parar de fumar. A resposta de Guilherme era taxativa: não valia a pena privar-se do prazer de fumar só para ter mais alguns poucos meses de vida. “Guilherme, fumante inveterado, consumia diariamente 140 cigarros Petits Londrinos, fortíssimos, fabricados na Tabacaria Londres, que, depois de cessar sua atividade comercial, continuou a produzi-los para o doutor Guilherme.”³⁰ Após a proibição médica, ele passou a fumar “apenas” sessenta cigarros por dia.

Com a piora da saúde, procurou o amigo Lauro Solero, que lhe indicou o médico Artur Carvalho de Azevedo, cardiologista que estudara nos Estados Unidos. Afora a busca por um médico, a diminuição dos cigarros foi a única providência tomada por Guilherme. Seguiu sua rotina de trabalho, mas, precavido e prático, avisou aos familiares que deixaria um

inventário “para não dar trabalho”. Foi, aos poucos, dispondo de tudo o que possuía.

Mesmo sofrendo de constantes acessos de angina, consequência da insuficiência coronária, acordava cedo e lia os jornais, ia trabalhar, voltava para casa, jantava e ficava proseando com os familiares. Na quinta-feira, dia 19 de maio de 1960, haveria uma sessão de cinema na casa da sobrinha Heloísa, a Isá, filha de Celina. Cansado, ficou em casa em companhia do amigo Solero. Como estava angustiado, dr. Artur foi chamado. Após ser medicado, ambos se retiraram. Ainda na madrugada, ligou para Solero e solicitou sua presença. O amigo achou melhor avisar os familiares e convocar novamente o médico.

Na sexta-feira, 20 de maio de 1960, aos 78 anos, morreu o “último gentleman”, conforme discursou na tribuna da Câmara o deputado Hamilton Nogueira. Seu colega de Parlamento, Octávio Rocha, pediu um “voto de profundo pesar”. A CSN suspendeu o expediente. No Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, houve sessão solene. O enterro foi simples, como ele desejava. A missa de corpo presente foi rezada pelo padre jesuíta Leme Lopes, grande amigo dos Guinle. O féretro saiu da rua São Clemente e o enterro foi no Cemitério de São João Batista, em Botafogo. Apesar da presença de inúmeros políticos e intelectuais, como o ministro Afonso Arinos, o brigadeiro Eduardo Gomes e o deputado Prado Kelly, ninguém discursou. Uma semana depois, dom Helder Câmara rezou a missa do sétimo dia.

Logo após a morte de Guilherme, Carlos enviou, em memória do irmão, aquela que seria a última doação feita pela família Guinle — 250 mil cruzeiros para o Instituto Oswaldo Cruz. Depois, a enorme generosidade da família passou a fazer apenas parte de sua história.

A fama de riqueza dos Guinle pode ser atribuída, em boa parte, a Guilherme. Ele fez com que o porto de Santos conseguisse tirar proveito dos bons momentos da economia brasileira: no início do século passado, com o boom do café, e, mais tarde, no pós-guerra de dois conflitos

mundiais. Na década de **1950**, tanto o porto quanto o Banco Boavista se aproveitaram das espetaculares taxas de crescimento da economia nacional. Mesmo sendo um homem elegante e próspero, não foi com ele, porém, que os Guinle se diferenciaram das demais famílias ricas. À sombra de um dos maiores empresários da história do Brasil, seus irmãos mais novos também agiam.



Arnaldo Guinle

FLUMEMÓRIA

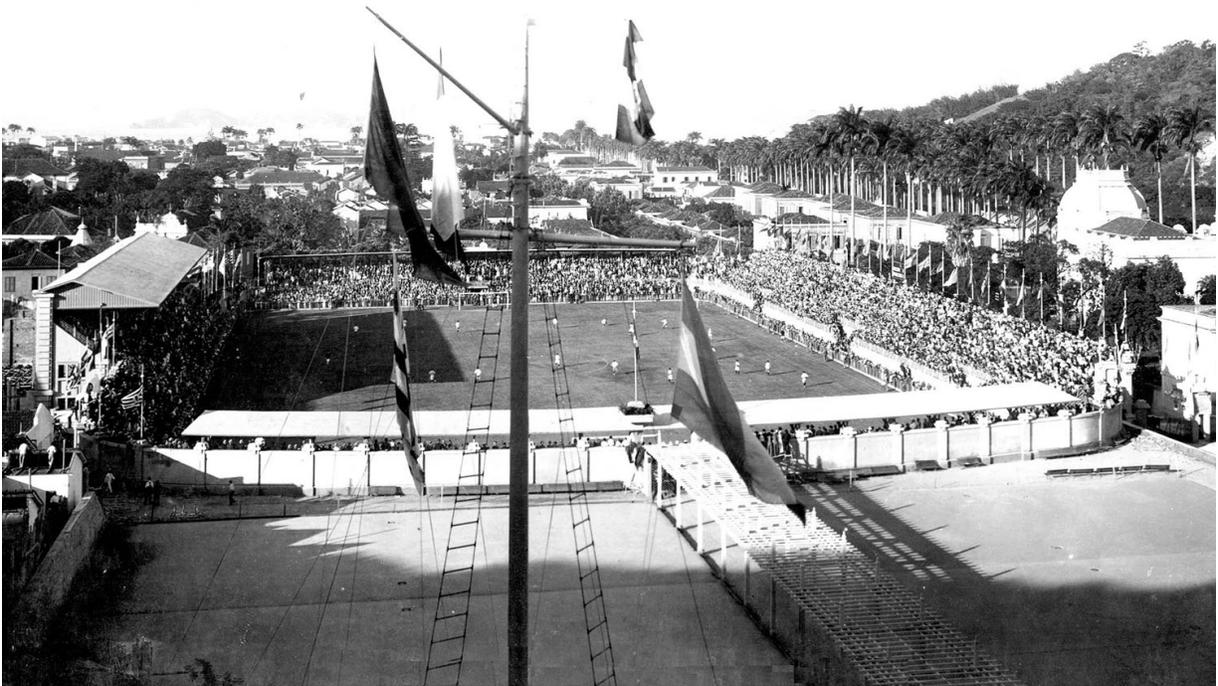
Arnaldo

Quando a seleção brasileira de futebol pisou no gramado das Laranjeiras para disputar a final do Campeonato Sul-Americano de 1919, contra os uruguaios, o mais emocionado em campo era o jovem e aristocrático goleiro Marcos Carneiro de Mendonça. Além de ser ídolo do time, e o preferido das torcedoras, ele fora um dos idealizadores da construção do primeiro estádio na capital do Brasil. O novo campo do Fluminense, mesmo sendo o maior da América Latina, se revelava pequeno para a multidão de mais de 28 mil torcedores. Assim que as equipes perfilaram, Marcos olhou para a tribuna de honra. Avistou diversas autoridades, brasileiras e estrangeiras, e se admirou ao notar a presença de Guilhermina Guinle. Até ela veio, pensou. Mas teve que se esforçar para segurar as lágrimas quando viu em um canto menos nobre da tribuna, como sempre muito discreto, o maior responsável pela presença maciça do público, pelo sucesso do campeonato e pela consagração do futebol brasileiro — Arnaldo Guinle.

Entre todos os irmãos, Arnaldo foi, de longe, o mais reservado, a ponto de comprar sempre a mesma frisa no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, recuada, e ficar sentado atrás da mulher, Madeleine Lacroix.¹ Como se não bastasse, se retirava durante os aplausos para não ser visto. Embora fosse o quarto filho de Eduardo Palassim e Guilhermina, ele foi o primeiro Guinle a ficar famoso. Nascido em 1884, formou-se em direito

na Faculdade Livre de Ciências Jurídicas do Rio de Janeiro em 1904. Sua personalidade foi formada pelo espectro da disputa entre Eduardo Guinle e Guilherme. Também é importante considerar que tanto ele como Carlos, o terceiro filho, e Octávio, o mais jovem dos meninos, receberam um tratamento bem diferente dos pais. E sem grandes perspectivas nos negócios da família, Arnaldo ficou conhecido principalmente por suas iniciativas em prol do futebol, atividade totalmente afastada das práticas empresariais dos Guinle.

O cronista João do Rio, ao relatar a inauguração do campo do Flamengo, em 1916, na rua Paissandu, entre os bairros do Flamengo e de Laranjeiras, sublinha bem a descrição de Arnaldo. Na época, ele era o presidente do Fluminense, time contra o qual o Flamengo estrearia seu campo. Tratava-se, portanto, de um Fla x Flu, e João do Rio acompanhou a movimentação nas arquibancadas. O clima apaixonado era típico e “os gritos e as exclamações cruzavam-se numa balbúrdia”. Segundo João do Rio, um único torcedor, de tão comedido, não expressava de forma clara a sua preferência: “o dr. Arnaldo Guinle”, que, embora presidente do clube, parecia apenas vagamente “almejar a vitória do Fluminense”.²



Campo do Fluminense Football Club, em Laranjeiras

FLUMEMÓRIA

Sportsman

[existia na época um termo genérico para descrever o amante dos esportes: era *sportsman*, ou seja, aquele que mantinha uma relação mais do que atlética com uma atividade física, por preocupar-se também com a promoção de valores morais, pedagógicos e disciplinares. Era o caso dos meninos Guinle e especialmente de Arnaldo, que percebeu como o futebol, que engatinhava no Brasil, virava sinônimo de afirmação social. Seu engajamento era tamanho que, durante sua gestão à frente da agremiação, entrava em campo para treinar junto com os jogadores.³

O sofisticado Fluminense, do qual Arnaldo e os irmãos se tornaram sócios em 1902, não era apenas um clube de futebol, mas um espaço onde a juventude endinheirada usufruía um estilo de vida considerado moderno, no qual podia se exercitar em várias modalidades, como

hóquei, tênis e críquete. Seus irmãos, à exceção de Eduardo Guinle e Octávio, também presidiriam a agremiação, na rua Álvaro Chaves, em Laranjeiras. Santos Dumont, pai da aviação, dizia que quando estava no Fluminense se sentia em Paris, tamanha a sofisticação do ambiente.

Na época em que foi realizado o primeiro campeonato de futebol no Rio de Janeiro, só poderiam participar do evento os clubes que tivessem campo próprio; além do mais, os integrantes teriam de pagar uma anuidade de alto valor e utilizar expressões futebolísticas apenas na língua inglesa. Ainda assim, o esporte não era visto com bons olhos pela elite. Para se ter ideia do preconceito, basta lembrar um episódio ocorrido em 1916, quando a seleção brasileira deveria disputar o I Campeonato Sul-Americano, em Buenos Aires, na Argentina, e teve dificuldade de fazer seus jogadores chegarem à cidade. Como não havia avião de carreira, cogitou-se que eles pegassem carona em um barco, de nome *Júpiter*, fretado pelo governo por aqueles dias para levar uma missão diplomática do Brasil a um congresso na Argentina. O barco seguiria para o país vizinho com espaço suficiente para abrigar o time inteiro, pois os delegados não ocupavam mais do que um terço das acomodações. Quando o chefe da comitiva, o senador e jurista Rui Barbosa, foi consultado, sua resposta resumiu, de modo contundente, o status dos jogadores na época:

— Futebolista é sinônimo de vagabundo. Pode escolher imediatamente: ou eles ou eu.

A seleção não embarcou no *Júpiter*. Somente após uma longa, tortuosa e desgastante viagem por via terrestre, uma aventura que durou quatro dias e cinco noites, chegou à capital argentina no dia do primeiro jogo. Com os jogadores em frangalhos, o Brasil não ganhou nenhum jogo. No ano seguinte, no Uruguai, um novo campeonato reuniu os países do continente. Os uruguaios, que lutavam pelo bicampeonato, haviam construído um estádio especialmente para o evento, o Parque Pereira. O Brasil até se organizou melhor. Mas, sem contar com Marcos Carneiro de Mendonça, acabou goleado pela Argentina por 4 x 2, com duas falhas

incríveis do goleiro Casemiro, e pelos donos da casa por 4 x 0. Obteve apenas uma vitória, contra o Chile, e amargou o penúltimo lugar. As seguidas derrotas alimentavam a vontade de realizar o certame no Brasil.

Com empenho dos dirigentes brasileiros ficou acordado que o Sul-Americano seguinte aconteceria no Brasil, em 1918 (o evento acabou sendo adiado para 1919 por causa da gripe espanhola). Logo começou a disputa entre cariocas e paulistas para sediar os jogos, e o comprometimento de Arnaldo foi decisivo para a sua realização na capital federal. Um manuscrito localizado no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, intitulado “Um bom pedaço desconhecido da história do Fluminense”, de autoria de Marcos Carneiro de Mendonça, afilhado de casamento de Arnaldo, revela detalhes da organização do Sul-Americano no Brasil: “A ideia surgira em 1916, durante a disputa do primeiro torneio. Tivemos que enfrentar 3.300km de estradas de ferro. (...) ali chegando, toda a turma estava com as pernas bambas. (...) Às vezes, vinha a ideia de realizar o campeonato no Rio. (...) Depois disso, quando nos encontrávamos no escritório do dr. Arnaldo, no segundo andar do prédio da família Guinle, (...) começamos a conversar”.

O objetivo da conversa era a construção de um estádio no Rio de Janeiro para receber o campeonato, de preferência usando a infraestrutura já existente no Fluminense. Carneiro de Mendonça, que trabalhava em uma empresa de construção, a Cia. Locativa Construtora, disse que sua firma tinha condições técnicas de realizar a obra, mesmo sem um engenheiro e um arquiteto. Arnaldo afirmou então que traria um arquiteto de São Paulo e contratou Hypólito Pujol, um pioneiro na construção com concreto armado. Conforme conta Carneiro de Mendonça, a questão financeira foi equacionada por Arnaldo de duas formas. Primeiramente envolvendo a própria mulher: “Dr. Arnaldo tinha como vice-presidente o dr. Octávio Rocha Miranda. Eles pediram uma autorização governamental para fazer um empréstimo representado por

debêntures, com as quais a Mme. [Madeleine] Lacroix passou a ser a maior possuidora particular”.

Em seguida, fez circular entre os amigos do clube um Livro de Ouro para angariar fundos. Logo, Arnaldo levantou uma quantia suficiente para a aquisição de um outro terreno na rua Álvaro Chaves e um novo na rua Pinheiro Machado, onde a arquibancada do Fluminense seria ampliada. Certa vez, referindo-se a Arnaldo, o dramaturgo e cronista Nelson Rodrigues escreveu em sua coluna “À Sombra das Chuteiras Imortais”, de *O Globo*, que em “Álvaro Chaves, o dinheiro escorria-lhe, generosamente, por entre os dedos, como água”.

A organização de um evento esportivo internacional no país e, em especial, a construção de um estádio, o do Fluminense, sem um único centavo de financiamento público se tornariam paradigmáticas. Assim, foi Arnaldo quem, de forma despretensiosa, apontou o caminho trilhado por muitos anos pelo futebol brasileiro, com os clubes usando recursos próprios para construir seus estádios. Esse modelo seria abandonado nos anos 1950, quando grandes estádios começaram a ser construídos com dinheiro público. Para Arnaldo, os investimentos no futebol eram uma opção consciente e séria, quase uma missão patriótica.

O Rio de Janeiro sediou aquele que era o mais importante certame futebolístico do continente, e Arnaldo não mediu esforços para que tudo corresse a contento. Em sua visão, não se tratava apenas de um esporte, mas de um fator de eugenia, uma forma de “melhorar” o caráter do povo brasileiro. Por isso, na agenda do campeonato, estava programada, por exemplo, uma visita de todas as delegações à Biblioteca Nacional e ao Theatro Municipal, construções ícones da cultura nacional. Mais adiante, já com o campeonato em andamento, quando as paixões começaram a esquentar, mostrou mais uma vez sua intenção de fazer do esporte um conagraçamento e fez publicar sua mensagem nos jornais: “Aquele que se abandona à demonstração de hostilidade contra quem quer que seja durante uma prova desportiva, mostra-se indigno do nome *sportsman* e, nesse momento, do nome brasileiro”.

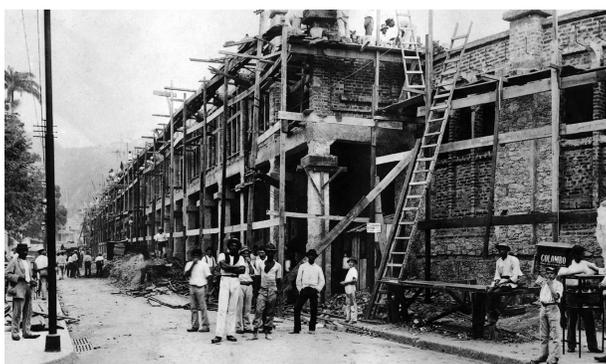
O Brasil avançou e foi à final, disputando o título com os uruguaios. Um frenesi a partir do campo do Fluminense atravessava o Rio de Janeiro e tomava conta do Brasil. Caravanas de *sportsmen* eram organizadas em São Paulo em direção à capital. Pela primeira vez, em várias cidades, as pessoas se aglomeravam nas portas dos principais jornais atrás de notícias, e a grande imprensa percebeu que um fenômeno de massa estava em formação. No dia da final, uma quinta-feira, o presidente da República decretou ponto facultativo nas repartições públicas. Os bancos não abriram e o comércio fechou as portas na hora do embate, iniciando uma tradição que se repetiria todas as vezes em que a seleção entrasse em campo numa competição mundial.

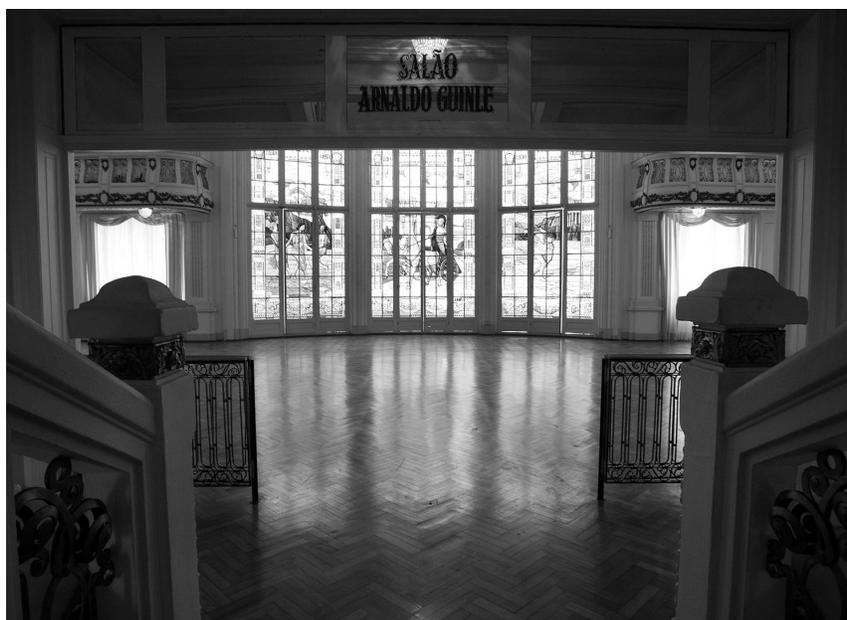


Campo do Fluminense em construção.

Acima, as arquibancadas; abaixo, a parte externa.

FLUMEMÓRIA





Salão nobre do Fluminense

GUIITO MORETO / AGÊNCIA O GLOBO

O Brasil se sagrou campeão e o futebol virou obsessão nacional. Era a primeira vez que ganhávamos dos temidos uruguaios e conquistávamos um campeonato internacional. Arnaldo viveria por um bom tempo como o Guinle de maior prestígio do país, uma vez que Guilherme só assumiria a Cia. Docas de Santos no ano seguinte, em 1920, e Eduardo Guinle já estava em decadência. O nome de Arnaldo ficaria ligado, para sempre, ao mundo do desporto e do futebol, e Nelson Rodrigues diria que ele foi “a maior figura brasileira do esporte brasileiro em todos os tempos”.⁴

Fora do campo

Não foi somente por sua dedicação ao futebol que Arnaldo se mostrou um aristocrata um tanto diferente do padrão da época. Na vida pessoal ele também seguiu caminhos pouco convencionais. Morou por muitos anos com a francesa Jeanne Madeleine Lacroix Guinle, a “tia Madeleine”, como a chamavam os sobrinhos, e só por intensa pressão da família oficializou o casamento. Nunca tiveram filhos.

Muito bonita, elegante e sempre com joias de bom gosto, Madeleine chegara ao Brasil como modelo para um desfile de uma grife francesa. Com o casal vivia uma sobrinha de Madeleine, Jeanne. Segundo o afilhado José Eduardo Guinle (filho de Octávio Guinle), que desde criança frequentava a casa do padrinho, Jeanne era baixa, tinha cabelos curtos e mais parecia um garoto. Ele sempre achara curiosa a relação entre Madeleine, Jeanne e o tio. “Desde a minha mais tenra infância, eu achava que havia algo entre elas. Meu tio era muito estranho e me parecia ser um mero espectador da relação de Madeleine e Jeanne”, afirma.⁵ O irmão de José Eduardo, Luiz Eduardo Guinle, também acredita que entre o tio Arnaldo, Madeleine e Jeanne havia muita intimidade.⁶ O terceiro irmão, Otavinho Guinle, não descarta a hipótese de que eles formassem um triângulo amoroso, pois “Jeanne tinha um ar meio lesbo”.⁷

Bem mais jovem do que a tia, Jeanne, ou Jeannette, como também era chamada, era uma figura enigmática. O nome de Jeanne Lacroix não consta em nenhuma lista de passageiros desembarcados no Rio de Janeiro de navio, trem e depois aeroporto, em toda a primeira metade do século XX, publicada em jornal, conforme tradição na imprensa carioca. Seria ela realmente uma Lacroix ou teria ganhado esse sobrenome para ocultar algum segredo? De acordo com Luiz Eduardo Guinle, ela gostava de carros conversíveis. Ao longo de sua vida com Madeleine e Arnaldo, foi dona de pelo menos um Buick 1947 e um Cadillac 1950 azul, ambos superequipados.

Além do relacionamento estável com Madeleine, Arnaldo manteve por muitos anos uma amizade íntima e sólida com uma ex-namorada do então jovem jornalista Roberto Marinho, a belíssima soprano Antonieta Fleury de Barros, de origem francesa. Arnaldo era chamado de “tio” na família da cantora. Dezesseis anos mais moça, Antonieta ganhou dele todos os mimos possíveis: apartamento na avenida Rui Barbosa, na praia do Flamengo, casa de campo em Teresópolis, carros e joias.⁸

Arnaldo era sofisticado e deleitava-se com preciosidades. Morava em um espetacular apartamento na praia do Flamengo, 116, esquina com a rua Correia Dutra. Como Guilherme, colecionava louças finas, móveis e prataria brasileira, com destaque para a soberba coleção de bronzes Animalier, de Antoine-Louis Barye, o mais importante escultor francês de animais.

A propósito de seu amor por coleções, certa vez a chefe do Museu da República, Jenny Dreyfus, escreveu ao ver seu acervo de obras de arte: “Surpreendeu-me, realmente, a esmagadora riqueza que tal coleção encerra, não sabendo mesmo o que dizer diante de tanto esplendor. Por onde começar? Por onde terminar? Não sei, pois raramente em nossos dias se consegue reunir tanta coisa de valor e de gosto apurado”.⁹ Entre as peças havia conjuntos de porcelana da Companhia das Índias, ricamente destacada em ouro do século XVIII, vasos chineses da época do imperador Yong Tchen, também do século XVIII, quadros de Frans Post, Debret, Émile Breton, Debat-Ponsan, Pancetti, Di Cavalcanti, entre outros.

Música brasileira

Outra clara demonstração de que Arnaldo se afirmava longe do estilo do poderoso irmão Guilherme, que sempre foi avesso ao mundo musical, se deu no campo da música. Floresta de Miranda conta que, certa vez, em 1920, durante uma gala da ópera *Parsifal*, de Wagner, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, encontrou Guilherme no intervalo do primeiro ato e escutou a seguinte pergunta: “Vosmecê está gostando disso?”. Na sequência, segundo o amigo, ambos saíram de fininho.¹⁰

Arnaldo se revelava avançado para a época também pela relação mantida com alguns músicos populares ainda desconhecidos. No início do século XX, a elite republicana queria construir um novo Brasil, um

país moderno, o mais afastado possível do passado escravista e colonial. Portanto, toda manifestação que remetesse ao passado africano, como os lundus, os maxixes e as batucadas, deveria ser proscrita, devendo se aproximar, no máximo, de modelos europeus, como polcas, mazurcas, valsas. Os ritmos preteridos, no entanto, continuavam sendo consumidos por parcelas substanciais da população.

Arnaldo e o irmão Carlos jamais partilharam a visão de que a nascente música brasileira deveria se curvar aos novos padrões ditados pela elite. Ambos eram admiradores de Pixinguinha, que começou a fazer sucesso em meios restritos da noite carioca em meados de 1919. Ele se apresentava acompanhado por seis músicos, entre eles o sambista Donga, na sala de espera do Cine Palais, no Centro. A formação era chamada de Orquestra Típica Oito Batutas¹¹ e seu repertório trazia maxixe, choros, lundus, canções sertanejas, modinhas e batuques. Todos eram negros e logo surgiram alfinetadas racistas na imprensa — que os tratava como “rapazes morenos” — e críticas indignadas segundo as quais o grupo apresentava um programa “chulo” em um dos endereços mais nobres da cidade, quando o local certo para esse tipo de música “seria os cabarés”.

Apesar das ferroadas, o conjunto foi visto e aplaudido por personalidades como Rui Barbosa e o maestro Ernesto Nazareth. Muitos espectadores nem entravam na sala de projeção; preferiam ficar na entrada, escutando os Batutas. Arnaldo, no auge do prestígio por causa do futebol, se encantava de tal forma com eles que os levava para saraus em sua casa. Ainda em 1919, com o seu patrocínio e o apoio do empresário Irineu Marinho, fundador do jornal *O Globo*, os Batutas iniciaram sua primeira turnê, por São Paulo, Minas Gerais, Bahia e Pernambuco. Na capital paulista o grupo recebeu críticas favoráveis. O mesmo se deu em Santos, Campinas e Ribeirão Preto. Seguiu viagem para Minas Gerais, e em Juiz de Fora e Belo Horizonte as apresentações tiveram “ruidoso sucesso”, segundo os jornais.

O mecenato Guinle incluía, além de apresentações, um projeto de pesquisa musical. Instruídos por Arnaldo, os músicos tinham como missão passar para partituras cantigas de músicos populares relevantes que ouvissem em suas andanças, tendo em vista a criação de uma antologia. Ao fim do *tour*, Arnaldo considerou insuficiente o material reunido. E o mais grave: desentendeu-se com o músico Pernambuco, que não sabia transpor músicas para partituras, e Pixinguinha. O projeto de pesquisa parou. Dias depois, Donga foi chamado por Arnaldo, que queria retomar o trabalho, mas sem os dois desafetos. Pixinguinha, entretanto, foi defendido por Floresta de Miranda e os estudos prosseguiram. Finalmente, Arnaldo decidiu estender o projeto ao Nordeste, o que significou uma nova viagem. Em 14 de julho de 1921, os músicos desembarcaram em Salvador com o êxito de sempre. Pixinguinha estava se afirmando como grande flautista, e a consagração no estado de Pernambuco fez com que surgissem os primeiros boatos de que o grupo estava agendado para se apresentar nos Estados Unidos, ainda que o destino fosse voltar para casa, no Rio de Janeiro.

Apesar do sucesso dos Batutas, o mal-estar por serem negros se mantinha. Aparentemente, contudo, essa não era uma preocupação de Arnaldo, que, naquele momento, resolveu patrocinar uma turnê do grupo a Paris, da qual participou ativamente o dançarino brasileiro de maxixe Antônio Lopes de Amorim Diniz, o Duque, diretor artístico do *Le Shéhérazade*, no Faubourg Montmartre, 16, casa noturna frequentada pelos Guinle.

Quando o grupo embarcou em 29 de janeiro de 1922 rumo à França, as críticas na imprensa brasileira se intensificaram: não se podia conceber um grupo de negros representando o Brasil e a música nacional. O pesquisador Sérgio Cabral relata algumas: A. Fernandes, do *Diário Pernambucano*, escreveu não entender por que mostrar em Paris “um Brasil pernóstico, negroide e ridículo”; S., do *Jornal do Comércio do Recife*,

disse que se apresentariam em Paris “nove pardavascos que tocam violas, pandeiros e outros instrumentos rudimentares”.



Os Oito batutas

ACERVO DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL - BRASIL



Ainda conforme Cabral, o caso não ficou restrito aos jornais. Em discurso no Parlamento, o deputado Gilberto Amado condenou a opção de se investir em música popular em detrimento do modelo mais europeu e erudito, então seguido e representado pelo compositor Heitor Villa-Lobos, que se tornaria o maior expoente da música modernista. Disse o parlamentar que apostar no choro e no samba era “negar a Villa-Lobos o direito de ir à Europa mostrar que não somos apenas os ‘Oito Batutas’”.¹² De fato, nessa época, Villa-Lobos não conseguiu nenhum tipo de apoio, nem público nem privado.

Em Paris, o ambiente pesado da Primeira Guerra (1914-1918) recém-terminada jogara os franceses para fora de casa, numa febre em busca de diversão e de comemoração da vida. Não à toa os anos 1920 foram chamados de *années folles* (anos loucos) e o clima musical era o mais eclético possível. A intelectualidade francesa estava em lua de mel com a antropologia e os estudos sobre a África estavam em alta. Portanto, todos os movimentos artísticos que revelassem algum vínculo com a cultura negra eram bem recebidos. Os artistas do continente negro e das Américas eram vistos como símbolo do “exotismo africano” e era de esperar que os Batutas fossem tratados com simpatia. Após a estreia, o *Le Journal* informava: “Os Batutas, a famosa orquestra brasileira, única no mundo, estreou com grande sucesso no Shéhérazade, o feérico estabelecimento do Faubourg Montmartre. Venham ver os Batutas, os senhores não se arrependem do seu deslocamento”.¹³

A repercussão, no Brasil, da primeira apresentação acabou sendo positiva. No dia 17 de fevereiro de 1922, o *Jornal do Brasil* noticiava: “O Salão estava repleto de pessoas de todas as classes sociais, sendo de notar a presença de muitos membros da colônia. Os Batutas foram aplaudidíssimos (...). As músicas brasileiras agradaram extraordinariamente”. Porém, de início, o grupo ficou apreensivo quanto à receptividade nos palcos franceses. Não à toa Pixinguinha compôs o samba “Les Batutas”, com letra de Duque. A canção falava nos Batutas *venus du Brésil* (vindos do Brasil) que fariam todo mundo *danser le samba* (dançar o samba) com *beaucoup d’élégance* (com muita elegância). Pixinguinha gostava de contar que seu samba franco-brasileiro era o que mais entusiasmaria os franceses e que a plateia cantara junto. A boa música fez do Shéhérazade um ponto de encontro da elite de Paris, com a presença de Arnaldo, o irmão Carlos e seus amigos.

Não tardou e os Batutas passaram a receber inúmeros convites. Tocaram no Chez Duque, numa rua paralela ao sofisticado Boulevard Haussmann; na casa do boxeador americano e campeão mundial dos

pesos-pesados Jack Dempsey; no La Reserve de Saint-Cloud, onde subiram ao palco com a prestigiada Kay's American Jazz Band. Os Batutas gostavam de assistir aos músicos americanos das bandas de jazz, bastante comuns então, que eram pagas pelo governo dos Estados Unidos para realizar concertos nos hospitais montados em Paris que ainda atendiam os feridos de guerra. Pixinguinha conta que, um dia, viu um violoncelista pegar um saxofone e tocar um de seus choros. Foi quando Arnaldo perguntou:

- Ô, Pixinguinha, você toca aquele instrumento?
- Toco. A escala é parecida com a da flauta.
- Então vou mandar fazer um saxofone para você.

Um mês mais tarde, o músico brasileiro ganhou um saxofone de prata. Pegou o instrumento e foi para o hotel ensaiar. Depois, tocou para o tal violoncelista. Acabou abandonando a flauta e se dedicando inteiramente ao saxofone. Não foi o único do grupo a mudar de instrumento; outros voltaram para o Brasil tocando violão-banjo, cavaquinho-banjo etc. Os Batutas retornaram consagrados da Europa. Assim que chegaram ao Rio de Janeiro, as duas primeiras apresentações foram promovidas pelos Guinle. A primeira, no Jockey Club, presidido pelo marido de Celina Guinle, Linneo de Paula Machado, e a segunda, na sede do Fluminense. Esta última, já bem influenciada pela estada do grupo em Paris, pois o concerto foi no gênero *jazz band*. No mesmo ano, confirmando a influência americana, Pixinguinha gravou um único disco com dois foxtrotos: “Ypiranga” e “Dançando”.

As pesquisas realizadas pelo conjunto foram responsáveis pelo encontro dos Guinle com Heitor Villa-Lobos, pois coube a ele organizar o material colhido pelos músicos populares em suas turnês, hoje conhecido como Fundos Villa-Lobos.¹⁴ O encontro seria fundamental para o compositor carioca, já que Arnaldo Guinle, impressionado com sua obra, decidiu investir em seu desenvolvimento e, um ano após a viagem dos Batutas, em 1923, deu ao compositor duzentos contos de réis para que fosse se aprimorar na França.

Não foi fácil para Villa-Lobos ocupar algum espaço na cena musical francesa. Somente no ano seguinte conseguiu apresentar seu trabalho na Salle des Agriculteurs. Arnaldo arcou com despesas elevadas: mandou contratar uma orquestra e permitiu que se confeccionassem suas partituras na prestigiosa Casa Max Eschig. O concerto obteve relativo êxito e Villa-Lobos foi contratado para uma série de apresentações em Paris. Em plenos *anos loucos*, suas composições eram recebidas como exóticas, fenômeno que já beneficiara os Batutas, e passaram a ser tocadas junto com as de compositores aclamados, como o russo Igor Stravinsky e o francês Darius Milhaud. “Maior consagração impossível”, registrou o poeta brasileiro Sérgio Milliet, que vivia na cidade.¹⁵

O grande problema de Villa-Lobos é que ele mantinha um estilo de vida caro, marcado pela boemia, ao lado de artistas e intelectuais. Assim, a quantia recebida de Arnaldo acabou num piscar de olhos. No primeiro dia de abril de 1924, ele escreveu uma carta pedindo nova ajuda ao mecenas. Recebeu apenas um conselho: regressar ao Brasil. Cinco meses mais tarde, o músico estava de volta ao Rio de Janeiro. Apesar da decepção, Arnaldo ainda lhe deu de presente um piano de cauda e pagou seu transporte da França para o Brasil.

Profissionalização do futebol

Na década de 1920, a suspensão da temporada parisiense de Villa-Lobos não foi o único dissabor de Arnaldo. A ascensão do futebol como principal esporte brasileiro abriu uma polêmica no mundo esportivo. Após a vitória no Sul-Americano de 1919, e até 1937, num segundo momento, o esporte no país ficaria cindido em duas correntes: os que lutavam por sua profissionalização e os que eram completamente contra. Arnaldo sustentava que os jogadores deveriam ser pagos porque essa seria a única forma de impedir a saída dos craques para o exterior. Porém, nem mesmo no Fluminense a tese da

profissionalização era consenso, pois parecia ferir a ideia do esporte como promotor de valores morais, ideal do verdadeiro *sportsman*.

Esse confronto era tangenciado pela questão racial. O esporte se popularizara e os times não eram mais formados apenas por brancos da elite. Alguns, como Bangu e Vasco da Gama, passaram a pagar a seus jogadores, negros e brancos, e por isso eram discriminados pelos clubes da elite, como Fluminense, Botafogo e Flamengo. Então, a questão que vinha à tona era: o futebol, que nascera no berço nada esplêndido da eugenia, poderia aceitar jogadores das classes populares?

Criticado por levar negros para os palcos da França, Arnaldo agora era tachado de racista por não aceitá-los nos campos de futebol. Para o pesquisador Sérgio Cabral, “Arnaldo tinha seus graves pecados, como o de liderar o movimento pela expulsão do Vasco da entidade dos clubes, por ter negros e operários no time”.¹⁶ Floresta de Miranda relatou no *Diário Carioca* um pouco da relação de Arnaldo com a chamada “morenice” brasileira, afirmando que, em 1924, ele foi a Londres experimentar, no rio Tâmis, a sofisticada lancha *Yara*, fabricada pela Thornycroft. Assim que o barco chegou ao Rio de Janeiro, ele participou de uma regata até Santos. Em Angra dos Reis, teria sido recebido com muita festa, pois barcos do porte do *Yara* nunca atracavam na região. “Um homem muito queimado de sol, vestido de forma muito simples” providenciou o abastecimento do barco. Quando estava tudo pronto para a *Yara* zarpar, Arnaldo ofereceu uma quantia razoável ao prestativo senhor. O cidadão recusou. Arnaldo perguntou: “O senhor tem filhos?”. A resposta foi afirmativa. “Compre umas balas para eles”, insistiu Arnaldo. A resposta foi surpreendente: “Eu sou o capitão Miranda, presidente da Câmara Municipal”.¹⁷

Em 1936, para ter seus interesses no mundo esportivo defendidos na imprensa, Arnaldo resolveu lançar mão do mesmo expediente usado pelo irmão Guilherme, que, em 1925, assinou um polpudo cheque de 75 contos de réis, considerado pelo próprio um investimento a *fond perdu*

(fundo perdido), para que o jornalista-empresário e amigo Assis Chateaubriand se tornasse dono de *O Jornal*. Arnaldo procurou então o jornalista e grande amigo Mário Filho e lhe perguntou se ele não queria comprar o jornal em que trabalhava como repórter, o *Jornal dos Sports*. Mário já era uma celebridade no meio, de tanto fazer a cobertura dos jogos, mas não tinha capital.

— Com que dinheiro? — respondeu, incrédulo, o jornalista.

Arnaldo e o cunhado de Mário Filho, José Mário Padilha, foram conversar com Roberto Marinho, dono de *O Globo*, e, com a ajuda de Arnaldo e a bênção de Marinho, a compra foi realizada.¹⁸ Coincidência ou não, tendo um amigo na imprensa como proprietário de um jornal influente, a paz, enfim, foi selada no futebol carioca e a campanha em prol da profissionalização se tornou sistemática.

Na serra e no mar

Assim como Eduardo Guinle, que acreditara em Nova Friburgo, e Guilherme, que tinha uma casa em Petrópolis, Arnaldo também resolveu investir no interior do estado do Rio de Janeiro. Em Areal, Três Rios, bem na divisa com Minas Gerais, comprou uma das mais antigas propriedades do município, a fazenda Bemposta. O prédio original, do século XIX, possuía 42 cômodos. Em seus quatrocentos alqueires, havia 65 moradias de empregados e oito estábulos para a criação de até 1.500 animais. Quando foi adquirida, em 1938, as coisas começaram a mudar de rumo. As paredes foram revestidas com tecidos franceses e novos azulejos vieram de Portugal.

Era em Bemposta que Arnaldo se refugiava nos fins de semana. Em uma de suas luxuosas dependências, havia um cinema com dois projetores e, aos sábados, a casa ficava cheia para as sessões de cinema. A fazenda se tornou um importante endereço político, frequentado pelos presidentes Getúlio Vargas e Eurico Gaspar Dutra e pelo governador

Ernani do Amaral Peixoto. A região sempre fora produtora de café, mas Arnaldo resolveu apostar no ramo leiteiro. Junto com os irmãos fundou a empresa Normandia, que, além de laticínios, dedicava-se à citricultura e à venda de terrenos. Sua primeira loja foi aberta no Rio de Janeiro, na rua Nossa Senhora de Copacabana, vizinha de fundos do Copacabana Palace.

Outra paixão de Arnaldo era o mar. Tanto que em 1920 ele fundou, na Urca, Zona Sul carioca, o Fluminense Yacht Club, como uma extensão do clube de futebol. A nova agremiação, a par das atividades náuticas, possuía um campo de pouso para aviação de lazer. O clube acabou sendo uma peça importante na política de Vargas durante a Segunda Guerra para a campanha Asas para o Brasil, que visava estimular a formação de pilotos. Ao longo do século XX, o Yacht teria papel de relevo no desenvolvimento de várias atividades esportivas marítimas. Por decisão dos sócios, a sonhada fusão com o Fluminense nunca aconteceu.

Para estimular o setor náutico no país, Arnaldo também financiava, e participava, de *raids* (regatas) marítimos. Floresta de Miranda descreveu no *Diário Carioca* como era navegar na costa brasileira na década de 1920. Em suas palavras, em um *raid* até Vitória, “a lancha *Yara* foi surpreendida por uma forte tempestade na altura de São João da Barra (estado do Rio de Janeiro). Arnaldo, sem visibilidade, foi obrigado a abrir uma janelinha no teto do barco. Ele governava a lancha como se dirige um carro. A *Yara* acabou se perdendo. Com a tripulação já aflita, foram salvos por pescadores de S.J. da Barra. Pernoitaram na cidade em um ‘pseudo-hotel’. Para surpresa de todos, Arnaldo Guinle, homem riquíssimo, tomou banho frio em uma ‘caranguejola’ que tinha o nome de banheiro. Não reclamou e ainda agradeceu a Deus: ‘Água que nos lava é sempre água, e somente água, chame-se água, ou *water*, ou *l’eau*’”.¹⁹

Patrono

Em 1941, Arnaldo entrou para o conselho da Orquestra Sinfônica Brasileira (OSB). Sob os auspícios da Cia. Docas de Santos, a orquestra, no mesmo ano, finalmente ganhou sede própria, no endereço da empresa: avenida Rio Branco, 135, 9^o andar. Comprou nos Estados Unidos oboés, um corno-inglês, fagotes, trompas, trombones, uma tuba, harpa e vários instrumentos de percussão. Foram 24 peças que custaram cerca de 120 mil cruzeiros. E financiou os estudos do maestro Eleazar de Carvalho. Ao longo de sua formação com o compositor e também regente Serge Koussevitzky, na Berkshire Music Center, em Massachusetts, Eleazar recebeu mensalmente duzentos dólares. Sem saber, Arnaldo também beneficiou Nelson Freire, o maior pianista brasileiro de todos os tempos, pois quando este fez sua estreia no Theatro Municipal, com apenas onze anos, acompanhado da OSB, Arnaldo era o diretor da orquestra.

Na década de 1960, Arnaldo era visto muito mais como um homem do mundo musical do que dos esportes. Ele, que era patrono do Fluminense e fora presidente da antiga Confederação Brasileira de Desportos (CBD) — antecessora da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) —, em 15 de janeiro de 1960 foi eleito, por unanimidade, para presidir o conselho deliberativo da OSB.

Em abril de 1963, surgiram os primeiros boatos de que seu estado de saúde não era bom. Desde o fim do ano anterior, algumas questões o atormentavam. Primeiro, a acirrada disputa eleitoral no Fluminense, que obrigou o patrono do clube a se manter afastado do pleito. Depois, em março, as denúncias de que em sua propriedade de Areal não se respeitavam as leis trabalhistas. A imprensa carioca usou termos duros, como “campo de concentração” e “verdadeira escravidão” contra a empresa Normandia.

Arnaldo morreu em agosto de 1963, após enfrentar diversos problemas de saúde. Seu corpo foi velado no Fluminense. Madeleine, algum tempo depois, voltou para a França, sem esperar a finalização do espólio do marido. A herança foi distribuída entre a esposa, os sobrinhos e Jeanne: o afilhado José Eduardo Guinle ficou com o exclusivo relógio Patek Philip de ouro, com as iniciais AG gravadas, patacão chamado também de *driving watch* (relógio para dirigir). O sobrinho Otavinho ficou com um título do Yacht. Jeanne herdou um sítio em Areal, perto da fazenda Bemposta, de 10 mil metros quadrados.

Como não deixou filhos, o maior legado de Arnaldo foi assim descrito por Nelson Rodrigues em *O Globo* de 27 de agosto daquele ano: “Amigos, enquanto existir um torcedor, que seja um pau-d’água rouco de paixão e de álcool, mas capaz de gritar o nome do Fluminense, Arnaldo Guinle não será um cadáver”. Foi o primeiro Guinle de renome nacional. Seus irmãos Octávio e Carlos também viveriam momentos de enorme prestígio.



Carlos Guinle

AGÊNCIA REMINISCÊNCIAS

Carlos

N a sexta-feira 27 de novembro de 1936, Gilda acordou mais tensa do que o normal. Desde que ficara sabendo, pelos meios diplomáticos, que deveria organizar um *supper* em sua casa, no fim da tarde, para uma visita muito especial, ela andava preocupada. A palavra *supper* já dera motivo a uma enorme discussão com o marido, Carlos Guinle. Como traduzi-la? Na prática, seria um lanche ou uma ceia? Foi a governanta Emmy quem acabou dando as coordenadas: caviar Almas acompanhado de champanhe Cristal. Para a inusitada recepção vespertina, escolheu o fino Serviço Imperial: as travessas de porcelana azul da Cia. das Índias, os copos de cristal *overlay* rubi e branco, com as armas imperiais e talheres Christofle, de prata.

A poucos minutos do início da recepção, Gilda teve um calafrio rememorando a visita que recebera, anos antes, do príncipe de Gales e de seu irmão, o duque de Kent. Logo no começo da festa, o herdeiro da Coroa britânica pediu ajuda, pois estava sendo incomodado por um anão. Para constrangimento de Gilda, o “anão” era seu marido.¹ Agora, uma gafe do mesmo quilate seria mortal para o prestígio da família, pois haveria a inabitual e inconveniente presença de jornalistas.

Gilda fora comunicada de repente: o visitante era portador de *special needs*, por isso os Guinle tiveram de pedir ajuda ao amigo e diplomata Maurício Nabuco. Que necessidades especiais seriam essas? Como deveriam agir? Quando Emmy contou que a enseada de Botafogo estava

tomada por uma multidão, Gilda viu que estava na hora. Logo recebeu a notícia de que seu visitante, o homem mais poderoso do mundo, o presidente dos Estados Unidos, Franklin Delano Roosevelt, que sofria de paralisia infantil, acabara de chegar.

A visita de Roosevelt ao Brasil estava sendo acompanhada pela imprensa internacional. Seu destino final era Buenos Aires, onde participaria da Conferência Pan-Americana, mas foi graças a essa rápida passagem pelo Rio de Janeiro que o sobrenome Guinle entrou para o seleto círculo político de Washington. As duas famílias, Roosevelt e Guinle, seguiram trocando cartas e telegramas por algum tempo. Anos depois, quando Guilherme foi negociar a instalação de uma siderúrgica no Brasil, seu sobrenome já era familiar. Da mesma forma que a inauguração da avenida Central, em 1905, colocara os Guinle em um novo patamar social, o jantar com o presidente dos Estados Unidos foi o passo definitivo para a confirmação de Carlos e Gilda, e do nome Guinle, como membros do *jet set* internacional.

Sinônimo de glamour

Carlos e Gilda formaram o casal mais fascinante dos salões da capital brasileira dos anos 1920 até a década de 1960, acrescentando, definitivamente, uma aura de glamour ao sobrenome da família. No início dos anos 1940, graças também ao filho Jorginho, talvez o mais famoso playboy do Brasil, os Guinle consolidaram seu renome fora do país.

Por conta de sua personalidade expansiva, Carlos já frequentava as colunas sociais aos 21 anos. Como todas as famílias ricas do Rio de Janeiro, os Guinle tinham casa de veraneio em Petrópolis, na avenida Sete de Abril. No verão de 1904 a *Gazeta de Notícias* contava que era um “regalo passear pela manhã pelo nemoroso e encantador parque do estabelecimento de duchas. É o ponto predileto da fina flor da nossa

melhor sociedade”. Entre os “duchistas” estavam o futuro presidente da República Epitácio Pessoa, o economista Eugênio Gudim e Carlos Guinle.

A escritora carioca Carolina Nabuco, ainda jovem, se deslumbrava sempre que entrava na casa de Carlos, na enseada de Botafogo. O belíssimo jardim lateral, marcado por uma aleia de palmeiras imperiais, dava o tom da imponente construção. Anos mais tarde, ao falar sobre seu romance de maior sucesso, *A sucessora*, a autora, que morava na rua ao lado, revelou que era nesse belo interior que ela via mover-se a sua “heroinazinha Marina, em luta com o fantasma da primeira esposa de seu marido”.²

Mesmo em casa, Carlos jantava todas as noites de smoking, enquanto Gilda se vestia de longo com estola inglesa. Os filhos trajavam veludo e seda, com colarinhos engomados. A mesa, para 24 pessoas, era servida à francesa. Carlos observava todos os detalhes e não deixava passar um mínimo deslize na arrumação dos pratos, da prataria e dos copos. Fazia cara feia quando não concordava com o cardápio ou não havia harmonia entre o menu e os vinhos. Não admitia nenhum tipo de descuido dos serviçais, como cabelos desalinhados, uniformes sem vinco, falta de postura ou de discrição.

Quanto a cumprimento de horários, Carlos e Gilda eram de um rigor britânico. Conta Cesarina Riso, afilhada de casamento do casal, que eles chegavam antes da hora em seus compromissos sociais e ficavam esperando no carro, até o momento exato de tocar a campainha.³ Fiéis aos próprios hábitos, quando os principais salões de beleza da cidade migraram para a Zona Sul, Gilda continuou frequentando o Baldini, na rua 13 de Maio, no Centro, sempre atendida pela cabeleireira Mariazinha.



Carlos em uma corrida

AGÊNCIA REMINISCÊNCIAS

Outra marca de elegância do casal residia na espetacular coleção de joias de Gilda. Colares, broches e anéis com as mais variadas pedras preciosas, braceletes ricamente ornados com os metais mais caros. Cesarina lembra que em uma viagem à Espanha Carlos comprou um bilhete de loteria e tirou a sorte grande. Gastou tudo o que recebeu em uma única peça para a esposa: um arranjo de brilhantes, os quais, encaixados, cruzavam na diagonal do peito até a cintura. Segundo Cesarina, certa vez, em um jantar em casa, Gilda tirou um belo anel do dedo para mostrar aos convidados. A joia correu a mesa e, num piscar de olhos, sumiu. Não estava com ninguém. Ao fim da noite, Carlos acompanhou um dos casais até a porta e a pediu de volta. “Eu vi que foram vocês”, teria dito. O anel foi devolvido e ele nunca revelou o nome do casal.

Carlos e seus irmãos cresceram à sombra da disputa entre os dois mais velhos pela sucessão do pai. Com a ascensão fulminante de Guilherme, ofuscando Eduardo Guinle, os mais novos seguiram caminhos mais distantes da esfera do poder, cavando espaço próprio em áreas que não

eram de interesse de Guilherme. Entre Carlos e Arnaldo nunca houve conflito. Eram tão próximos que se tornaram vizinhos de rua e atuaram juntos em diversos momentos.

Carlos, que também era um grande amante da música, foi fundamental na carreira de Heitor Villa-Lobos. Foi pioneiro na construção de estradas, em especial a Rio-Petrópolis, e no incremento do turismo carioca, apontando filões como a vocação da cidade para grandes eventos esportivos.

O festeiro Carlos

Em termos de temperamento, Carlos era o oposto de Arnaldo. Entre os Guinle de diferentes gerações e os amigos, parece haver unanimidade em torno de seu nome: segundo a sobrinha Teresa Castelo Branco, “era muito alegre”, opinião partilhada pelos primos Maria Helena Flores Guinle e José Eduardo Guinle. “Era muito festeiro”, resume a amiga e afilhada Carmen Gueiros. “Era simpático e engraçado”, lembra o músico e amigo da família Dori Caymmi.

Carlos nasceu em 1883 e formou-se em medicina. Embora nunca tenha atuado na profissão, em 1911 foi nomeado capitão-cirúrgico do 3º Regimento da Guarda Nacional, função que jamais exerceu. Da medicina só restaram os amigos. Trabalhou nos Estados Unidos representando a Guinle & Cia. e foi dono de alguns empreendimentos, como a Companhia Internacional de Seguros, a Frota Carioca S.A. (que fazia o transporte marítimo entre Rio de Janeiro e Niterói, na baía de Guanabara) e a Serva Ribeiro & Companhia, mas sua presença no ramo empresarial era em geral eclipsada pela figura de Guilherme.

Em 1909, Carlos começou a trabalhar com os irmãos na Guinle & Cia. Estabelecida inicialmente na rua do Ouvidor, 55, com depósitos na travessa do Ouvidor e na rua Visconde de Sapucaí, no Centro, seus principais diretores eram Eduardo Guinle e Guilherme, que mantinham

salas no primeiro andar da empresa, evidenciando a hierarquia. No mesmo ano, com a fundação da CBEE, o nome de Carlos começou a aparecer como homem de negócios. A verdade é que, ao longo de boa parte de sua juventude, o terceiro filho de Eduardo Palassim e Guilhermina foi muito mais celebrado por sua intensa vida social do que pelas atividades empresariais. Culto e elegante, seu nome sempre estava “*parmi les décolletées*” (entre as decotadas), nos encontros da “*haute gomme*” (alta sociedade) e do “set carioca”, fosse *five o'clock tea* (chá das cinco), estreias teatrais, jogos de bridge, bailes ou inaugurações.

Com pouca repercussão na imprensa para os padrões da época, Carlos se casou com Gilda de Oliveira Rocha. Os proclamas foram na Catedral do Rio de Janeiro, na praça XV, no Centro, no dia 14 de novembro de 1914. Já o casório foi realizado, também de forma discreta, na rua São Clemente, mas não na casa dos Guinle, e sim do outro lado da rua (ao lado do atual Colégio Santo Inácio), na residência do pai da noiva, Manuel Jorge de Oliveira Rocha, proprietário do jornal *A Notícia*. Devido à sua posição social, Gilda abdicou das pretensões musicais e artísticas, fato comum na época, porém nunca abandonou o piano. Ao longo da vida, costumava tocar ao pôr do sol. Em 1916, nasceu o primeiro filho, Jorge Eduardo Guinle, Jorginho; em 1919, Carlos Oliveira Rocha Guinle, o Carlinhos.

No começo dos anos 1920, enquanto Arnaldo vivia seus dias de glória no mundo do futebol e Guilherme chegava ao comando da Cia. Docas de Santos, Carlos seguia a rotina social e familiar. Ele, a mulher e os filhos moravam com Guilhermina, na mansão da São Clemente, onde, a par da atmosfera caseira, havia muita formalidade e até as crianças usavam garfo e faca para tomar sorvete. O pequeno Jorginho era o xodó da avó. Cheio de mimos, certa vez, ao cair doente, o pobre menino rico se recusou a tomar uma injeção. Só cedeu porque ganhou do tio Octávio um relógio de ouro. Ainda criança, subia nos pés de goiaba, pitanga, jabuticaba, carambola e abio do pomar e gostava de brincar no porão da mansão com

trenzinhos elétricos e miniaturas, em especial uma moderna Maria-Fumaça que se movia com o uso de água e fogo. Os Guinle eram proprietários de boa parte dos poucos carros da cidade e, estacionados na garagem, os Rolls-Royces da família o impressionavam.

Carlos morou nessa espécie de chácara até 1921, quando se mudou para um casarão na praia de Botafogo adquirido do irmão Guilherme, que se transferiu para a Gávea. Por suas suntuosas recepções, essa residência deu muita projeção ao novo morador, a ponto de, em meados da década, Carlos conquistar mais notoriedade que Arnaldo. A escritora Carolina Nabuco lembra que assistiu da varanda dessa magnífica moradia à chegada festiva dos reis da Bélgica, Alberto I e Elisabeth, ao Rio de Janeiro. A mansão pertencia então a Guilherme, que ali iria residir com seu padrinho, Cândido Gaffrée, ainda no comando da Cia. Docas de Santos. Porém, este falecera antes do término de sua construção. Sozinho, Guilherme lhe teria dito que não pensava mais em ocupar a mansão e que tencionava cedê-la ao irmão Carlos, que era casado. A residência passou, de fato, a ser presidida por Gilda, que a tornou, por mais de duas décadas, segundo Carolina, um dos mais agradáveis pontos de reunião da alta sociedade do Rio de Janeiro.⁴

De uma das viagens que fizeram à Europa, logo após o nascimento dos meninos, Carlos e Gilda trouxeram uma governanta suíço-alemã, Emma Wacker, a dona Emmy. Ela ensinou a Jorginho e Carlinhos um certo senso de justiça social, ao repetir constantemente que todos os seres humanos deveriam ser tratados com igualdade. Era irmã de Émile Wacker, companheiro do líder comunista Lenin em seu exílio na Suíça, antes da Revolução Russa de 1917, fato que Carlos descobriria anos depois. Só falava francês e foi esse o primeiro idioma que Jorginho aprendeu. Por isso Gilda não era chamada de mamãe e sim de *maman*. O cotidiano dos Guinle, no entanto, passava bem longe dos ideais pregados pelos bolcheviques.

Construtor de estradas

Como Arnaldo, Carlos também tinha um esporte preferido: o automobilismo. Sua paixão pelos carros seria decisiva tanto para cristalizar o nome da família no país como para emoldurar sua atuação como empreendedor. Animado pelas celebrações em torno do centenário da Independência, em 1922, ele concluiu que era hora de o Brasil dar um salto de qualidade no setor automotivo. A capital ainda não era servida por nenhuma estrada e, em plena era do automóvel, dizia, o poder público precisava preparar o país para esse novo momento histórico.

O sonho de construir uma rodovia unindo o Rio de Janeiro a Petrópolis, cidades ligadas apenas por linha férrea, era acalentado pela elite desde o Império. Esse sonho, contudo, só começou a tomar corpo quando Carlos foi eleito presidente do Automóvel Club. Segundo o escritor João do Rio, este era, entre todos os “*cercles fermés* [círculos fechados] do Brasil”, o mais elegante. E foi ali, entre seus pares, que Carlos fez correr o chapéu para a construção da primeira estrada de rodagem, de aproximadamente setenta quilômetros, a sair da capital da República. Na sessão de 20 de novembro de 1922, ele comunicou, para alegria dos associados, que acabara de reunir 170 mil contos de réis para o início da Rio-Petrópolis. O curioso é que na lista dos maiores doadores estavam alguns dos inimigos dos Guinle — a Light, por exemplo, contribuiu com 10 mil contos de réis, o dobro da doação da própria CBEE.



Carlos Guinle e Getulio Vargas, ambos à esquerda, na inauguração da estrada Itaipava-Petrópolis

CPDOC/ FGV

As obras começaram na Pavuna, divisa do Distrito Federal com o antigo estado do Rio de Janeiro. A estrada teria seis metros de largura e ficaria sempre do lado esquerdo da linha férrea da Leopoldina. Em setembro, o primeiro trecho ficou pronto — da Pavuna até Raiz da Serra — e 23 quilômetros foram inaugurados com um almoço em Raiz da Serra e brindes “ao champagne”.

Carlos, porém, tinha certeza de que não bastava construir estradas. Nos países mais desenvolvidos do mundo, o uso do carro já era visto como uma atividade esportiva. Assim, em 1924, organizou o I Salão do Automóvel, fazendo-o coincidir, para aumentar sua repercussão, com o III Congresso Nacional de Estradas de Rodagem. E para aumentar o poder de fogo do Automóvel Club, idealizou a fusão dos dois clubes de automobilismo da capital: o dirigido por ele e o Club dos Diários. Conseguiu. Foi aí que surgiu o Automóvel Club do Brasil (ACB), na rua

do Passeio, no Centro. Era hora de comemorar, “majestosamente, à moda Carlos Guinle”, como diria a imprensa da época. Um histórico baile foi organizado nos salões do ACB, descrito por *O Paiz* como “uma profusão mágica de flores finíssimas, cravos vermelhos em maioria, que os guarneciam e deliciosamente perfumavam”. De acordo com o jornal, a impressão era de um encantamento indefinível naquele ambiente de fantasia, graça e perfeito bom gosto.

Após tal consagração, Carlos e família seguiram para a tradicional temporada de lazer europeia. Na volta, em agosto de 1925, ele criaria a Corrida Kilômetro, entre o bairro da Glória e a ponta do Calabouço, perto de onde seria construído o Aeroporto Santos Dumont. Em setembro, montou a I Exposição Automotiva, para vendas, e, paralelamente, o ACB organizou um circuito na Gávea, uma prova de resistência de 250 quilômetros realizada entre o Jardim Botânico, a Gávea, São Conrado e Ipanema, na Zona Sul. Foi um sucesso.

Por essa época, uma decepção com o governo municipal na Rio-Petrópolis: as prefeituras, além de não contribuírem financeiramente para a construção da estrada, não providenciavam nem a conservação de seu entorno nem a sinalização. Por outro lado, Carlos escutou dos trabalhadores que o movimento de carros não parava de crescer: em vinte dias, haviam passado mais de seiscentos veículos no período diurno. Em maio de 1926, a estrada ficou pronta, com 79 quilômetros de extensão. No discurso de inauguração, Carlos expôs sua visão sobre a importância da criação de uma malha rodoviária no país, afirmando que a Rio-Petrópolis serviria de tronco principal ao gigantesco sistema de rodovias que os poderes públicos e os particulares planejavam implementar no país, ligando o Sul ao Centro-Oeste e o Centro-Oeste ao Norte. Para Carlos, o projeto permitiria um formidável impulso em direção ao desenvolvimento da lavoura e do comércio brasileiros; ao mesmo tempo, teria grande significado estratégico para os interesses da defesa nacional.⁵

A nova estrada, construída com capitais privados, era usada gratuitamente pelos usuários, pois o maior objetivo de Carlos era o desenvolvimento do setor automobilístico. E os resultados começaram a ser colhidos: a sociedade passou a se interessar mais pelo tema e em diversos jornais do eixo Rio-São Paulo foram criadas colunas de automobilismo. O brasileiro começava a ver o automóvel de uma forma até então impensável, como instrumento de turismo.

Imediatamente depois da inauguração da Rio-Petrópolis, Carlos quis construir uma ligação entre o Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Ele e Octávio Rocha Miranda, vice-presidente do ACB, organizaram uma excursão de carro entre as capitais dos dois estados para sondar a viabilidade do plano. Na divisa entre os dois estados já existiam sessenta quilômetros de estrada, mas, para chegar até a capital mineira, era necessário completar a viagem de trem. Ambos sabiam que não seria possível percorrer todo o trajeto de carro; o mais importante era chamar a atenção para a proposta. Isso eles conseguiram.

Automobilismo

Em fins dos anos 1920, o potencial turístico esportivo da capital federal já começava a se desenhar. O estádio do Fluminense não era mais o único da cidade, pois a construção de estádios com capitais privados, modelo criado por Arnaldo, se disseminara. O Vasco da Gama, liderado pelo comendador Raul Campos, começava a erguer o São Januário; mais tarde, o Flamengo se instalaria em sua própria sede, na Gávea. Em São Conrado, o *green* do Gávea Golf, cujo vice-presidente era Carlos, embelezava e animava aquele recanto distante. Na lagoa Rodrigo de Freitas, o Jockey Club, empreendimento do cunhado Linneo de Paula Machado, marido de Celina, funcionava a todo o vapor.

Arnaldo nunca percebera, apesar do sucesso do Sul-Americano de 1919, que o esporte poderia ser um fator econômico importante para o

Rio de Janeiro. Já Carlos acreditou que o perfil da cidade se adequava perfeitamente ao automobilismo e viu aí um filão a ser explorado; sua percepção sobre o setor era tanta que foi convidado a integrar a Sociedade de Turismo, entidade estatal. Assim, começou a procurar um local para a construção de um autódromo, a fim de tirar as corridas das ruas — até no longínquo bairro de Bangu, na Zona Oeste, ele visitou terrenos. Em meados de 1926, houve enorme pressão para que se montasse um circuito dentro do Jockey Club, na Lagoa, já que alguns órgãos da imprensa defendiam que a pista deveria ser oval, como a do famoso autódromo americano de Indianápolis. A ideia não vingou.



Mansão de Carlos na praia de Botafogo

CONSULADO ARGENTINO

Nesse ano, o automobilismo no Brasil vivia uma nova era, pois Washington Luís, que governara o estado de São Paulo tendo como lema “governar é abrir estradas”, era agora o presidente da República, e uma de suas metas era construir a tão “propagada estrada Rio-São Paulo”, como a imprensa dizia. Nesse clima mais favorável, Carlos organizou a II Exposição Automotiva. A novidade é que nessa edição o conceito de automóvel foi ampliado, visando incorporar os barcos para ajudar Arnaldo, que fundara, em 1920, o Fluminense Yacht Club. As possibilidades e os sonhos pareciam não ter fim e Carlos patrocinou um audacioso *raid*. Um Ford, guiado pelos aventureiros Antônio de Azevedo e Ayres Martins, percorreu 45 mil quilômetros ligando o Rio de Janeiro à cidade de Nova York, nos Estados Unidos.

Em maio de 1928, a imprensa procurou Carlos para saber sua opinião sobre a inauguração da estrada que ligava as duas maiores cidades do país (conhecida como antiga Rio-São Paulo). “A estrada reflete a clarividência e o patriotismo do presidente Washington Luís. A estrada é, tecnicamente, de primeira classe, preenche admiravelmente as mais completas condições da moderna engenharia rodoviária. Com oito metros de largura e 505 quilômetros, suporta um tráfego diário de oitocentos veículos”, disse ele em entrevista aos jornais.⁶ Carlos, que se transformara também em *turfman* e proprietário de um haras que levava o seu nome, naquele ano ainda foi brindado com a vitória de seu cavalo Taciturno no Grande Prêmio Jockey Club, então a maior prova da capital.

Por essa época ele era, sem nenhuma dúvida, o Guinle de maior fama. Em pouco tempo, suplantara tanto Guilherme quanto Arnaldo. Gilda ganhou da imprensa o título de “mundana completa”, por sua beleza, elegância, distinção, talento e cultura. Seu marido se tornara um verdadeiro “garoto-propaganda” do Banco Boavista, em cujas campanhas publicitárias seu nome vinha sempre em primeiro lugar. Quando adquiriu um carro importado dos Estados Unidos, um Imperial-

Touralette, a fabricante Chrysler estampou o fato em seus anúncios. Carlos era ainda um dos maiores construtores da cidade. Levantou, com os irmãos Guilherme, Octávio e Arnaldo, o Edifício Guinle, na avenida Rio Branco. Ao mesmo tempo, eram erguidos a primeira sede do Boavista, na rua do Rosário,⁷ e o Edifício Tamandaré, na avenida de mesmo nome, todos no Centro. Os fornecedores que vendiam material de construção e equipamentos para as suas obras registravam o fato em suas propagandas.

Granja Comary

Assim como Eduardo Guinle investira em Nova Friburgo e Arnaldo em Areal, Carlos se encantou com Teresópolis. O local, na Região Serrana, não era muito conhecido nas primeiras décadas do século XX, pois, além de estar a quase cem quilômetros da capital, não era de fácil acesso. Depois que Carlos e os irmãos Arnaldo e Octávio resolveram apostar na compra de terras em Teresópolis — os dois últimos com intenções meramente especulativas —, a cidade começou a atrair a atenção da imprensa e de potenciais compradores de terrenos. Em uma jogada estratégica, Carlos cedeu ao poder municipal uma área de mil metros quadrados e construiu um caramanchão público.

O verdadeiro objetivo de Carlos era viabilizar, sob o imponente pico Dedo de Deus, principal cartão-postal da região, aquele que seria o seu mais famoso empreendimento, a Granja Comary — uma propriedade rural com todo o requinte de uma casa de campo, além da eficiência de uma fazenda produtora. Contudo, para a cidade vir a ser um local interessante para tão grandioso investimento seria necessário enfrentar um novo desafio: construir uma estrada entre Rio de Janeiro e Teresópolis, via Petrópolis.

No início da década de 1930, após ser nomeado pelo interventor do estado para a Comissão Consultiva do município, Carlos financiou os

trabalhos de seu Plano Geral para Teresópolis. Contratou a empresa Mauá S.A. para reformar ruas, praças, jardins e construir novos logradouros públicos e campos de esportes, e ainda reestruturou o sistema de abastecimento de água, de esgotos e de canalização de águas pluviais; remodelou a usina hidrelétrica e sua rede distribuidora; ergueu um hospital, prédios diversos para a administração pública e uma biblioteca.

Preocupado com os estragos que chuvas fortes poderiam causar no município, encomendou ao engenheiro Ribeiro de Castro um plano para evitar alagamentos e desabamentos. Os estudos foram pagos por ele e, ao longo de um ano, uma firma realizou pesquisas e elaborou um projeto que recebeu a alcunha de Plano Agache de Teresópolis. Quando ficou pronto, foi entregue ao poder público com pompa e circunstância. A iniciativa de Carlos, no entanto, nunca saiu do papel.

Em meados de 1933, Carlos ofereceu um almoço ao ministro da Viação, José Américo, em sua mansão no Rio de Janeiro para comemorar o início das obras da futura estrada Petrópolis-Teresópolis, que teria 52 quilômetros. Aproveitando a presença da imprensa, levou a comitiva para visitar a propriedade que construía em Teresópolis. Todos ficaram deslumbrados com a beleza do lago e dos gramados da Granja Comary, que tinha gado, cavalos, ovelhas, suínos e aviário.

Nos anos 1930, sempre que podia, Carlos tirava Getulio Vargas da residência de verão da Presidência da República, em Petrópolis, e o levava até a vizinha Teresópolis. Em seu diário pessoal, Getulio registrou alguns momentos vividos na Granja, como: “sábado, fomos à granja do sr. Carlos Guinle”, “fomos ao Golf Club e, de lá, até a casa do dr. Carlos”. Provavelmente foi de tanto “apanhar chuva em um passeio de cavalo”,⁸ que foi inaugurada pelo presidente, em 1937, a estrada Petrópolis-Teresópolis. Uma obra que mudaria a história da cidade e facilitaria enormemente os negócios dos Guinle.

Seguindo o estilo da família, jornalistas começaram a ser convidados para visitar as instalações da Granja. O jornalista Magalhães Correa destacou sua bela entrada, com vastos jardins e alameda arborizada de castanheiras que levava à casa principal. Segundo ele, tudo era imponente, como o lago de oitocentos metros de comprimento por trezentos de largura, onde se criavam carpas e outros peixes exóticos e em cuja superfície deslizavam cisnes, marrecos, irerês etc. Revelou ainda que a parte industrial da Granja possuía galinheiro, estábulo, pocilgas, fábrica de manteiga e queijo, o que, para ele, significava transformar o lugar em um verdadeiro centro rural. E terminava dizendo que a propriedade, onde o conforto era completo, era digna de ser visitada, como “todas as propriedades do sr. Guinle”, “notáveis pelo bom gosto, beleza e perfeição”.⁹

Afora o fato de ser frequentada pelo presidente da República e de ser mais uma bela propriedade da família, a Granja era um refinado centro de produção agrícola, criando gado Schwyz, conhecido pela aptidão leiteira, e carneiros Romney Marsh, famosos por sua carne e sua lã. Comary era circundada por uma quantidade expressiva de terras a serem negociadas, com as quais a família faturaria ao longo de décadas.

Com tamanha exposição, os Guinle eram mais uma vez alvo de alfinetadas. O maior desafeto na imprensa carioca era o escritor e jornalista Gondin da Fonseca. Suas críticas no *Correio da Manhã* visavam atingir a honra da família. Ao ser processado, aproveitou para relembrar as relações entre Eduardo Palassim e o sócio e as realizações familiares, como uma majestosa propriedade de Octávio construída na ilha de Brocoió: “Quando, há dias, o sr. Carlos Gaffrée, ou Carlos Guinle, ou lá o que é (esse homem sinistro mais conhecido como Carlos Brocoió), teve o desplante de dar queixa em juízo contra mim, minha mesa de trabalho, na redação deste jornal, encheu-se de cartas e telegramas, vindos de toda parte e subscritos por pessoas que nunca vi e me emprestam, entretanto, solidariedade”.¹⁰

O Circuito da Gávea

Críticas à parte, Carlos seguia em frente com a paixão pelos automóveis. Em 1933, o Automóvel Club do Brasil organizou o Grande Prêmio Cidade do Rio de Janeiro (GP), que abrangia alguns bairros da Zona Sul e ficou conhecido como Circuito da Gávea. O evento era resultado de anos de organização das corridas chamadas Km Lançado, nas ruas da Zona Sul, e Subida da Montanha, na serra de Petrópolis. O GP estava sendo preparado em homenagem ao presidente argentino, general Justo, que visitava o Rio de Janeiro, e foi uma das ações do novo governo brasileiro no sentido de melhorar as relações com o país vizinho.

Com a participação de pilotos internacionais, o GP recebeu uma multidão. Quem não pôde ir acompanhou a transmissão pela Rádio Club do Brasil (curioso é que só mais tarde o futebol passaria a ser transmitido por rádio). Todas as esperanças brasileiras foram depositadas em Manoel de Teffé. Ele correu com um Alfa Romeo e passou boa parte da prova quatro minutos atrás do líder, um piloto argentino. Na décima volta, para desespero dos presentes, fez uma parada de dois minutos. Quando tudo parecia perdido, o piloto argentino abandonou a pista. A vitória de um brasileiro deixou o público em êxtase.

O sonho de aliar esporte e turismo na capital da República foi coroado durante a corrida de 1934, que transformou o Circuito da Gávea no mais importante evento esportivo da América do Sul. Com transmissão radiofônica internacional pela Rádio Splendido, de Buenos Aires, para os países vizinhos, o GP atraiu muita gente. Em seu discurso de boas-vindas aos visitantes e competidores, registrado em *O Paiz*, Carlos exercitou seu espírito agregador com amável cortesia: “Os corredores argentinos aqui presentes na cidade do Rio de Janeiro podem sentir-se como na sua casa, e todos os entusiastas da pugna iminente confundem nacionais e argentinos, como irmãos”.



Bandeirada final no Circuito da Gávea

AGÊNCIA REMINISCÊNCIAS

Havia muita tensão nas corridas, inclusive com mortes, como em 1934 e 1935. A primeira foi a do italiano Nino Crespi: sua “barata”, uma Bugatti, colidiu violentamente com um poste na rua Marquês de São Vicente, na Gávea. O segundo piloto a morrer foi Irineu Correa: seu carro subiu no meio-fio, foi projetado contra uma árvore e caiu no canal da rua Visconde de Albuquerque, no Leblon. Aparentemente, a população gostava de GPs com esse nível de emoção. Já no âmbito governamental, esse tipo de automobilismo não era visto com bons olhos, de modo que o governo de Getúlio questionou a realização do Circuito.

Desgostoso, Carlos foi para a Europa em agosto de 1935, para uma temporada de banhos em Karlsbad e “um cruzeiro automobilístico” pelo Velho Mundo. Embarcou de navio com seu carro rumo a Lisboa, de onde seguiria até a Tchecoslováquia. Para sua surpresa, ao desembarcar na capital portuguesa, foi procurado pela imprensa local. Todos queriam saber se era verdade que o Circuito da Gávea acabaria. Retornou ao seu país com força total e revigorado espírito esportivo, garantindo que o GP prosseguiria na agenda da cidade. Sua consagração pessoal foi dada pelo

ACB: doravante, o Grande Prêmio passaria a se chamar “Carlos Guinle”. Antes dele, nunca um Guinle fora esperado por jornalistas ao desembarcar na Europa ou em outro continente.

Música clássica

Carlos e Gilda encarnavam o Brasil pós-República Velha, um país urbano que tentava ocupar um espaço diferenciado na esfera internacional. Sua casa, que nunca fora chamada de palacete e muito menos de palácio, agora era o principal endereço da capital do Brasil. Mesmo assim, na intimidade dos eventos da família, não havia jornalistas nem fotos. E a ausência de informações sobre os detalhes de como Carlos e a esposa recebiam seus convidados aguçava a imaginação da opinião pública. Ao mesmo tempo, isso evitava que possíveis deslizes fossem divulgados, o que acabou por esconder histórias saborosas, como o seguinte diálogo, ocorrido em 1926:

— Você não vai querer ser celebrado após a sua morte, Carlos? — perguntou certa vez, enquanto fumava um charuto cubano, o virtuoso pianista de origem polonesa Arthur Rubinstein, conhecedor da fina flor da sociedade internacional.

Na Europa, Rubinstein frequentara gente como o príncipe de Gales e o rei de Espanha, Afonso XIII; nos Estados Unidos, os Kennedy e os milionários Vanderbilt. Para ele, um milionário do porte dos Guinle só poderia ocupar um lugar de honra na história fazendo algum tipo de benemerência. E então continuou, advogando a causa de Heitor Villa-Lobos, que já fora ajudado por Arnaldo mas seguia com graves problemas financeiros e que, em sua opinião, era o único gênio de todo o continente americano:

— O arquiduque Rudolph, o príncipe Lichnowsky e o conde Waldstein teriam sido esquecidos se não tivessem tido a sorte de entender e amar a música de Beethoven.¹¹

Talvez preocupado em entrar para a história, Carlos abriu a carteira para ajudar o compositor e patrocinou seu retorno à França.¹²

Sofisticação sem limites

Outro episódio memorável protagonizado por Carlos e Gilda ocorreu no aniversário de quinze anos do filho Jorginho. Coincidiu que por aqueles dias estavam de passagem pelo Brasil duas cabeças coroadas da realeza inglesa: o príncipe de Gales e seu irmão, o duque de Kent. O casal não deixou passar a oportunidade e os convidou para a festa, no casarão de Botafogo. Ambos seriam, mais tarde, reis da Inglaterra — o primeiro era Eduardo VIII, e o segundo, Jorge VI, pai da rainha Elizabeth II. Hospedados no Copacabana Palace, participaram de todas as atividades sociais ao lado de Carlos e Gilda, como um jantar no Gávea Golf.

Após ter recebido os herdeiros do Império britânico, a casa de Carlos foi visitada por um marajá da Índia. Antes de sair da cidade, o visitante foi brindado com um presente do anfitrião: uma água-marinha. O marajá retribuiu a cortesia com uma foto em um porta-retratos de ouro maciço. Acostumado a pedrarias e luxo, Carlos comentou:

— Puxa, mas a água-marinha que eu dei vale mais do que um porta-retratos.¹³

A par dessas ocasiões festivas, Carlos também tinha seus dissabores. Os problemas financeiros com o irmão mais velho, segundo contam alguns amigos, teriam atingido o casal. A agressão sofrida por Eduardo Guinle dentro de sua residência por um ex-empregado teria influenciado a decisão de mudar de ares, e Carlos resolveu procurar um local mais seguro para morar, na virada de 1936 para 1937. Na praia do Flamengo, esquina com a rua Tucumã, em um terreno que ia até a via paralela, a Senador Vergueiro, funcionava a representação diplomática da Argentina. Decidiu-se por uma permuta: os argentinos se mudariam para

a praia de Botafogo e Carlos e Gilda para o Flamengo, onde se tornariam vizinhos de Arnaldo.

Um prédio de apartamentos, erguido pela construtora Pederneiras, trazia detalhes típicos dos Guinle. Além de ser um triplex, um dos andares, o último, com o pé-direito mais alto para acomodar quadros, era “marcado por portas-janelas em arco, guardadas por passarela balaustrada, sobreposto por um dos maiores, mais elegantes e clássicos terraços-jardim de cobertura da cidade”.¹⁴ Havia cinco suítes e onze quartos de empregados, servidos por elevadores e garagens privativos. Mesmo não tendo a mesma imponência de sua mansão na praia de Botafogo, esse seria, por três décadas, o endereço mais exclusivo do Rio de Janeiro.

Nos anos 1950, Carlos aos poucos foi perdendo espaço para os filhos, pois, de acordo com o pesquisador Muniz Sodré,¹⁵ foi entre 1946 e 1950 que as colunas sociais começaram a ter relevância, e foi essa novidade que impulsionou a terceira geração dos Guinle. O mundo havia mudado, o Brasil também, e um outro segmento social, a burguesia industrial mercantil, se afirmava disputando lugar na imprensa. Doravante, a fama da família se restringiria à participação em eventos mundanos, alimentando as notinhas de jornalistas como Jacinto de Thormes e Ibrahim Sued. O filho de Carlos, Jorge Eduardo Guinle, o playboy Jorginho, seria um dos protagonistas desse tipo de jornalismo. O tempo da construção de portos, usinas e estradas ficaria para trás.

Jorginho e as divas

Para os Guinle, a Segunda Guerra foi negativa do ponto de vista econômico. Mas, usada pelo filho mais velho de Carlos e Gilda, Jorginho, como pretexto para ficar em Nova York — bem longe dos campos de batalha europeus —, acabou contribuindo para consagrar definitivamente o sobrenome da família no *jet set* internacional.

Em 1938, Jorginho estudava no Collège de France, em Paris. Influenciado pela governanta tida como “socialista”, dona Emmy, e pelo pensador alemão Martin Heidegger, matriculou-se no curso de Filosofia. Não era nem de longe o melhor aluno da turma, já que sua rotina incluía, além dos estudos matinais, noitadas que, em geral, terminavam às seis da manhã. Sem contar que as festas dos boêmios costumavam ser marcadas pelos três “c”: caviar, champanhe e cocaína.¹⁶ Preocupado com a tensão bélica que se espalhava por todos os países, pouco antes do início da guerra, Jorginho recebeu uma ligação telefônica do pai, algo raro na época:

– Meu filho, acho melhor você voltar para o Brasil.

Habitado a um estilo de vida que talvez ainda não existisse em seu país natal, Jorginho não queria voltar e argumentou:

– Será mais fácil o navio ser torpedeado pelos alemães em uma longa viagem para o Brasil do que em apenas quatro dias entre a Europa e os Estados Unidos.¹⁷

Carlos se convenceu de que o filho tinha razão e permitiu que ele embarcasse de Paris com destino a Nova York. No dia 28 de abril de 1939, Jorginho pisava em solo americano. Depois de entrar em contato com o playboy brasileiro Jorgito Prado, que era filho de um ex-prefeito de São Paulo, Antônio Prado, e estava na cidade, as portas mais sofisticadas de Nova York se abriram para ele. Rapidamente alterou o sentido da palavra *date*, expressão que significa “ter um encontro” ou mesmo “namorar”, para “jantar, sair, trepar”.¹⁸ Após avançar nesse quesito, ele fazia uma importante e fundamental descoberta: *dates* com estrelas de cinema eram muito mais interessantes. Ele explica por quê:

– Você chega a um lugar, ganha a melhor mesa, é servido com a maior deferência, você vira o centro das atenções. Minhas memórias de viagem registram vários casos de gente muito famosa barrada em festas, *nightclubs*, restaurantes. Mas nunca vi barrarem uma Sophia Loren, uma Ava Gardner.¹⁹

Essa prática já era utilizada por seu tio Eduardo Guinle quatro décadas antes. A diferença é que o mundo mudara e, no início dos anos 1940, as atrizes de cinema haviam roubado a cena das divas de ópera. Outra diferença inquestionável: o tio era um homem bonito, atributo que faltava ao sobrinho.

Dois relatos de amigos da família dão conta do tipo de relação que Jorginho mantinha com as atrizes. Segundo Carmen Gueiros, Rita Hayworth teria pedido a ele um colar de esmeraldas. Mas alguém o prevenira de que ela não sabia distinguir uma pedra preciosa de uma comum, por isso Rita acabou ganhando um colar de turmalinas. Jorginho relatava que Hedy Lamarr, bem mais inteligente do que Rita Hayworth, lhe pedira de presente um quadro de Alberto Giacometti. O mimo custava meio milhão de dólares, uma quantia que ele não tinha naquele momento e por isso a pediu emprestada ao primo banqueiro Francisco de Paula Machado, o que lhe foi negado. Como Jorginho não usava cheque nem cartão de crédito e só acreditava em dinheiro vivo no bolso, segundo lembra o filho Gabriel, Hedy Lamarr ficou sem o seu desejado Giacometti. Jorginho, anos mais tarde, comentava com os amigos que a atriz, em sua autobiografia, teria escrito, sem revelar seu nome, que tivera um caso com um sul-americano muito cafajeste. Era ele.

Jorginho também contou que passou “algumas *siestas* com uma jovem linda. Sem frescura. Desinibida. Era uma jovem de vinte anos, Norma Jean Mortenson. Além de bonita, ela era profissional”. Norma ficaria mundialmente conhecida como Marilyn Monroe.

Não eram apenas mulheres famosas que despertavam seu interesse. Frequentador dos melhores endereços nova-iorquinos, iniciou amizade com pessoas influentes dos Estados Unidos. Foi o caso de Joseph Kennedy, o pai de John, que depois assumiria a presidência da República. O velho Jo convidava-o para seus coquetéis, festas repletas de jovens, amigas das filhas, que, segundo detalha Jorginho, regalavam o patriarca dos Kennedy. Ele as apresentava, sem maiores pudores, como

suas namoradinhas, e quando o caso acabava elas passavam a ser chamadas de “sobrinhas”.

O milionário Nelson Rockefeller gostava de Jorginho e o achava engraçado.²⁰ A milionária Gloria Vanderbilt, que o conheceu em uma festa em Los Angeles, Philip Reisman, o Phil, o todo-poderoso da RKO Pictures, e Sherman Fairchild, filho de um dos fundadores da IBM, se tornaram íntimos dele. No mundo das artes, a coleção de amigos também era sortida. Conheceu o pintor catalão Salvador Dalí em Nova York, no El Morocco, e o cineasta americano Orson Welles no Rio de Janeiro. Por meio dos Kennedy, se aproximou da atriz Angie Dickinson.



Jorginho Guinle (de copo na mão), em uma recepção em sua casa, entre Ethel Mernan, Oswaldo Aranha e Anne Miller.

A atriz e bailarina Ginger Rogers dizia que Jorginho dançava melhor do que Fred Astaire.²¹ A Gina Lollobrigida e Kim Novak ele teria ensinado a dançar twist. Sobre a elite americana contou, em seu livro de memórias, que frequentava também o grupo “da sociedade”, formado por artistas como Gary Cooper, David Niven, Tyrone Power, os grandes produtores e diretores. Segundo ele, quem ganhava 1 milhão de dólares era amigo de quem ganhava 1 milhão de dólares. Quem ganhava 500 mil pertencia a outro grupo.

Jorginho não trabalhava. Pai generoso, Carlos mandava mensalmente ao filho a quantia de 3 mil dólares (cerca de 45 mil dólares, em valores de 2014). O filho ainda gozava de outro privilégio: todos o viam como um dos proprietários do Copacabana Palace, que ficara mundialmente conhecido graças ao filme *Flying Down to Rio*, com Fred Astaire, Dolores del Rio e Ginger Rogers. Jorginho então ganhava cortesia nos principais hotéis do mundo e ainda usava o equívoco para facilitar sua entrada no mundo de Hollywood. O hotel, no entanto, não era de seu pai, e sim de seu tio Octávio.

Nos Estados Unidos, o playboy aprimorou o amor pela música, herdado dos pais. Aos onze anos escutara, pela primeira vez, um disco de jazz, *Jubille Stamp*, de Duke Ellington, e entrara em transe. Três anos depois, em Paris, foi ver Ted Lewis e uma orquestra só de brancos; mesmo assim, ficou deslumbrado com o estilo *jungle*, que usava trompetes com surdina. Ao chegar a Nova York, sua primeira incursão foi na 52nd Street, o paraíso do jazz. Por dias a fio, escutou nomes como o ídolo Sidney Bechet, a orquestra de King Keppard e o sax-tenor de Bud Freeman. Ainda ouviria, no Village, a lendária Billie Holiday e os pianistas que deram início ao *boogie-woogie*.

Durante a guerra, ele e o ator Errol Flynn organizavam festas com música ao vivo em Hollywood a fim de levantar recursos para o esforço de guerra. Jorginho levou para a Califórnia grandes nomes de Nova Orleans: o trompetista Wingy Manone, o pianista Art Tatum e o baterista

Lee Young. Até 1948, não deixou de assistir aos maiores nomes do jazz americano. Ficou tão conhecido entre eles que, ao longo dos anos, recepcionaria em sua casa, no Rio de Janeiro, músicos como Ella Fitzgerald, Louis Armstrong e Sarah Vaughan. Foi na casa de Jorginho que o trompetista Harry James conheceu a obra de King Oliver, mestre de Armstrong. Nos anos 1950, por sugestão do primogênito de Carlos, Miles Davis contratou John Coltrane para tocar. O crítico musical Ricardo Cravo Albin, que esteve em algumas dessas *jam sessions*, lembra que Jorginho era um bom baterista.

Quando Roosevelt instituiu a política da boa vizinhança, entre 1933 e 1945, e se aproximou do Brasil, além do financiamento para a construção da Companhia Siderúrgica Nacional houve um incentivo ao segmento cultural. Eis que Jorginho, que já conhecia boa parte da elite dos Estados Unidos, foi convidado para fazer a ponte entre o escritório americano e o governo brasileiro, que o confirmou oficialmente como o homem de ligação entre ambos os governos. Assim, em nome da boa relação entre os dois países, as portas de Hollywood ficaram escancaradas para Jorginho e todos os donos de estúdio o convidavam para “aparecer por lá”. Em 1942, três anos após a sua chegada ao país, ele participou não só da cerimônia de entrega do Oscar, como entrou na lista dos convidados das melhores festas pós-premiação.

Sr. e sra. Jorginho Guinle

Ainda durante a Segunda Guerra, Jorginho acabou se casando, em Los Angeles, com a americana Dolores Sherwood Bosshard. À cerimônia compareceram apenas a mãe da noiva, o padrinho Errol Flynn, o poeta e diplomata brasileiro Raul Bopp e um agente de teatro. Segundo sua autobiografia, ele se casou por impulso. Havia conhecido Dolores pouco tempo antes. Ela era belíssima e fez uma paródia com um verso do poeta francês Arthur Rimbaud. Disse

Jorginho: “Por delicadeza casei, só que nada perdi, ganhei muito em felicidade e vivência”. Dolores nunca foi bem aceita por Gilda. Entre os mais íntimos, dizia que era uma “reles garçonete”, pontua Carmen Gueiros.²²

O único filho de Jorginho e Dolores, Jorge Eduardo Guinle Filho, que se tornaria um artista plástico de renome, nasceu em 1947. A família morava no Hotel Waldorf Astoria, em Nova York, porém, no mesmo ano, mudou-se para o Rio de Janeiro. Jorginho e Dolores viviam na noite e tinham pouco tempo para o filho. Jorginho, como pai, era “um poço de egoísmo”, avalia Marcos Rodrigues, companheiro de Jorge Eduardo.²³ Gilda não concordava com o estilo de vida do filho e da nora e, temendo pelo futuro do neto, passou para seu nome dois andares do Edifício Guinle, na avenida Rio Branco.

Talvez entediado pela vida de casado, Jorginho já viesse pensando, desde a criação do Festival de Cinema de Punta del Este, em 1951, que o Rio de Janeiro poderia entrar no roteiro das grandes atrizes americanas. Em 1953, a família de Carlos estava reunida na Granja Comary quando Getulio Vargas apareceu para almoçar, acompanhado do ministro da Fazenda, Horácio Lafer. A tarde foi das mais agradáveis, com um simpático jogo de futebol de homens contra mulheres. No apito, o presidente da República. Com a contribuição do juiz, as mulheres ganharam.

No momento certo, Jorginho falou com Vargas:

– Doutor Getulio, estamos organizando um festival de cinema, precisamos da sua ajuda.

Vargas olhou para seu ministro e ordenou:

– Ô, Lafer! Dá dinheiro aí aos meninos!

Jorginho adorou ter um bom motivo para voltar a Hollywood. O festival não vingou, mas, a partir de 1954, grandes estrelas começaram a vir ao Brasil durante o carnaval. O esquema Jorginho-Vargas era simples, barato e eficiente. Ele convidava as atrizes, a companhia aérea

Varig, com apoio estatal, dava as passagens e o Copacabana Palace hospedava. Foi assim que o carnaval do Rio de Janeiro atraiu a atenção da mídia estrangeira.



Getulio Vargas na Granja Comary

CPDOC/ FGV

Não foram poucas as estrelas que vieram ao país: em 1954, Mary Pickford, Joan Fontaine, Rhonda Fleming, Ann Miller, John Derek,

Cesar Romero, Walter Pidgeon, Fred MacMurray, Errol Flynn, Glenn Ford e Edgard Robinson. No ano seguinte, Susan Hayward. Até 1965, a lista foi engrossada com os seguintes nomes: Lana Turner, Anita Ekberg, Zsa Zsa Gabor, Rita Hayworth e Romy Schneider.

Todas essas personalidades perambulavam pela cidade escoltadas por Jorginho e sua controversa Dolores, e são muitas as evidências de que o casamento foi abalado pelo sucesso da “política de boa vizinhança” que Jorginho e a esposa mantinham com tão nobres visitantes, fartamente noticiada nos jornais. O colunista social José Mauro, especialista no comportamento dos anos 1950, escreveu em sua coluna que, ao ir embora de uma festa pré-carnavalesca em 1955, notou que “a bela Dolores Guinle ainda dançava, muito encantada, com Jacques Bergerac”. O problema é que a mulher do ator francês estava na mesma festa: tratava-se, nada mais, nada menos, da atriz Ginger Rogers, a grande estrela trazida por Jorginho naquele carnaval.

No dia seguinte, José Mauro intuiu que algo estava fora dos eixos: “Só uma grande ausência foi notada na macumba do Glória. A de Dolores Guinle. Depois, Jorginho explicou que sua esposa ficara em casa, doente, com dor de cabeça. Mas há uma versão segundo a qual Ginger e Dolores teriam tido um desentendimento, o que nunca conseguimos apurar”.²⁴

José Mauro ainda descreveu outro baile no Copacabana Palace como um sucesso, ressaltando que na mesa dos artistas estavam “o senador Assis Chateaubriand, que dançou um samba rasgado com Elaine Stewart, o senador Benedito Valadares, que não gosta do carnaval e que, pouco depois da meia-noite, desceu as escadarias do Copacabana e foi para casa dormir”. Segundo o colunista, Ginger Rogers dançou muito com Jorginho Guinle, e Jacques Bergerac, com a bela Dolores.²⁵ Ninguém sabe como esse baile acabou, o certo é que rumores e boatos incendiaram as imaginações.

Em outra ocasião, um dos maiores amigos de Jorginho, o colunista social Ibrahim Sued, escreveu a seguinte nota em sua coluna, posteriormente reproduzida no livro organizado por sua filha, Isabel Sued: “Colunista escandaloso veiculou a notícia de que a senhora Jorge Guinle dava beijinhos no ouvido do barão Stuckart, quando dançava com o referido cavalheiro na boate Vogue, num dos dias da semana passada... É mentira”.²⁶

Outra insinuação de que havia problemas entre Dolores e Jorginho vem da Turma dos Cafajestes, grupo definido pelo pesquisador Sérgio Cabral como “um bando de jovens bons de farra, bons de humor e bons de briga” que atuavam, basicamente, na Zona Sul. Além de terem seu QG no Copacabana Palace, esses boêmios eram uma imitação cabocla da própria turma nova-iorquina de Jorginho, composta de nomes como o playboy argentino Macoco Unzué, o armador grego Aristóteles Onassis, o galã Bruce Cabot e o cineasta Orson Welles. Para Ibrahim Sued, que integrava a Turma, todos eram “rapazes de boa família, bem instalados na vida, e que encaravam a sociedade, não levando as coisas muito a sério, exceto as profissionais, brincando, amando e brigando livremente, com certo gosto pelo perigo”.

O “cafajeste” Sérgio Peterzzoni conta que seu grupo, no mencionado carnaval de 1955, organizou uma votação para eleger o “corno quatrocentão”. Seu relato é, no mínimo, curioso: “A boca de urna indica que Jorginho Guinle é o mais forte candidato a ganhar o troféu”.²⁷ A única verdade incontestada nessa história toda é que Dolores era muito bonita. Parecia a Grace Kelly, elogia Carmen Gueiros. Naquele ano, mesmo morando no Brasil, foi eleita por Ghighi Cassini, famoso colunista social dos Estados Unidos, uma das dez mulheres mais elegantes do mundo.

Segundo Marcos Rodrigues, Dolores foi pioneira no Rio de Janeiro no uso social do preto; se enfeitava também com figas de ouro, algo impensável em sua época. Também é fato que, ainda em 1955, ela se

separou de Jorginho e foi morar na França. José Mauro, que fez o comentário mais discreto sobre o assunto, disse que quando “Jacinto [de Thormes] resolveu pôr Dolores novamente em sua lista [das dez mais elegantes], chegava ao Brasil a notícia de que Dolores Guinle havia pedido divórcio da maneira menos elegante possível. Coisas da vida!...”.²⁸

Gilda não se conformou com a maneira intempestiva como a ex-nora deixara o país. Além de ter viajado com o neto sem autorização e de colocá-lo em um internato na França, Dolores levara “emprestados” de Gilda um casaco de pele e um colar de esmeraldas, rememora Marcos Rodrigues. Nenhum dos dois jamais seria devolvido.

Carlinhos

O ano de 1955 reservava um desgosto muito maior ao casal Carlos e Gilda: a morte do filho caçula, Carlos Oliveira Rocha Guinle, o Carlinhos, três anos mais jovem que o irmão. Seu grande amigo Dorival Caymmi contava que Carlinhos sofria de problemas renais desde os oito anos e que o caso era tão grave que os médicos avisaram que dificilmente ele chegaria aos quatorze. Tais limitações foram decisivas para que seguisse um estilo de vida diferente de Jorginho.

Curioso é que Carlinhos passou a frequentar colunas sociais desde os quinze anos, muito antes de Jorginho, por ser tenista do Fluminense. O tênis, diferentemente do futebol, era um claro sinal de status. Suas primeiras fotos estampadas nos jornais eram de corpo inteiro e visavam sublinhar a elegância de sua vestimenta. Aos vinte anos, casou-se com a paulista Maria Helena Cunha Bueno, com quem teve os filhos Carlos Eduardo e Luiz Roberto, mas o casamento duraria pouco. Dedicou-se ao automobilismo e em 1950 foi campeão. Compositor, seu principal parceiro musical foi Dorival Caymmi, que conta que eles se encontravam não apenas para compor, mas também para beber madrugada afóra ou

passar de barco. Carlinhos gostava tanto do amigo que nunca hesitou em dar-lhe bons presentes. Dori, filho de Dorival, lembra que, em geral, eram todos recusados.

— Um dia ele apareceu no Leblon dirigindo um MG conversível. Chamou meu pai para dar uma volta. Era, na verdade, um presente, mas meu pai nem dirigia e não aceitou. Outra vez, eles marcaram um encontro no Aeroporto Santos Dumont. Dessa vez, meu pai ganhou um envelope cheio de dinheiro: era para comprar a casa própria. Mais uma vez, o velho não aceitou.

Juntos, Carlinhos e Dorival fizeram alguns sucessos, como “Não tem solução”, “Rua deserta”, “Tão só”, “Você não sabe amar”, e a canção mais conhecida de todas, “Sábado em Copacabana”, gravada por grandes nomes da MPB, como Dick Farney, Gal Costa e Maria Bethânia. O jornalista Sérgio Porto, o Stanislaw Ponte Preta, brincava dizendo que a música era de Caymmi e o uísque, de Carlinhos. Se a entrada de Evangelina, filha de Eduardo Guinle, no teatro brasileiro já havia sido vista como um ponto fora da curva, a presença de um Guinle na música popular brasileira também foi recebida como um sinal de mudança. O crítico do jornal *A Noite* escreveu, em junho de 1950, que “o samba estava se civilizando”, pois já era “apreciado por moços engravatados”.

Em 1953 Carlinhos casou-se na Inglaterra com a bela egípcia Irene. Dolores, mulher de Jorginho, por diversas vezes tentou criar um clima de cizânia contra ela, mas nunca conseguiu abalar a relação entre os irmãos. Carlinhos virou empresário de algum sucesso com rotina de executivo. Ao lado do sócio Celso Rocha Miranda, mantinha uma corretora, a Ajax, e fazia negócios com a carteira de exportação do Banco do Brasil, além de trabalhar na seguradora dos Guinle.

Henrique Tamm, ex-sócio da família, conta um episódio que mostra bem a relação de Jorginho com o mundo dos negócios. Como os Guinle não viam com bons olhos a vida ociosa do playboy Jorginho, certa vez o pai pediu a Carlinhos que arrumasse algo para ocupar o irmão, que logo foi empregado na seguradora. Em sua primeira reunião com a diretoria,

Jorginho ficou totalmente alheio e, quando houve uma votação, votou contra o irmão. Acharam por bem afastá-lo.

No segundo semestre de 1955, com o estado de saúde debilitado, Carlinhos viajou com a mulher para a Europa em busca de tratamento. Estava tão pessimista que fez um testamento antes de embarcar, no qual deixou apenas uma recomendação aos filhos: “Façam da honestidade para consigo sua meta na vida, pois a única opinião que conta na vida é a própria consciência; que sejam bons para com o próximo, sem esperar dele retribuição; quanto à ambição e à falta de humanidade, pensem que a vida pode ser comparada a uma estrela cadente e luminosa, pensando assim, verão que vale a pena viver”.²⁹

Morreu do coração em Roma, no dia 26 de dezembro de 1955, com 37 anos. Sua morte foi lamentada muito mais nas colunas dedicadas ao automobilismo do que nas sociais. Carlos e Gilda ficaram reclusos por um longo período. No final da década, com quase oitenta anos, as principais atividades de Carlos eram o cuidado com as orquídeas da Granja Comary e o golfe, que jogava desde jovem. A velha paixão pela música nunca foi totalmente abandonada. Ele e Arnaldo se mantiveram afastados do ambiente musical por certo tempo porque ambos acabaram se aborrecendo, em momentos distintos e por diferentes razões, com Heitor Villa-Lobos. Porém voltaram, cada um em uma época diferente, a patrocinar a música brasileira.

Sem passado

A volta de Carlos para o meio musical se deu em abril de 1961, quando se tornou presidente da Sociedade Brasileira de Teatro e Música (SBTM), o que contribuiu para revigorar o ambiente cultural da cidade. Registravam-se filas nas bilheterias do Municipal “como nos guichês que habilitam ao futebol”, noticiou o *Correio da Manhã* em 6 de maio de 1962; e pelos palcos do Rio de Janeiro desfilavam nomes de

peso, como o do violoncelista russo Rostropovich e o da pianista Guiomar Novaes, o balé *Beriozka* e até grandes naipes de jazz, como a *Modern Jazz Quartet*.

Carlos só não concordava com a preferência da SBTM pela contratação de artistas soviéticos. Assim, em março de 1967, afastou-se da entidade, mas não abandonou o Municipal: até o fim da vida ocupou sua frisa número um. Ele, que já fora o “benfeitor” de Heitor Villa-Lobos, passara a patrocinar um jovem pianista, o cearense Jacques Klein, que ganharia renome internacional.

No fim da vida, Carlos presidia o Hospital Gaffrée & Guinle, doado em 1966 para a Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, atual UFRJ. No mesmo ano, começaram os boatos de que a Granja Comary poderia ser adquirida pelo Estado. O almirante Heleno Nunes teria convencido o então ministro da Agricultura, Ney Braga, a comprá-la e oferecê-la à Confederação Brasileira de Desportos, já que as instalações eram ideais para servir ao treinamento da seleção, o que acabaria acontecendo a partir do fim dos anos 1970. Carlos morreu de ataque cardíaco, em casa, no dia 7 de fevereiro de 1969.

Havia algum tempo que a família vivia sem o antigo glamour. Até mesmo Jorginho enfrentava uma nova fase, de modo que foram sem pompa o seu segundo e o seu terceiro casamentos: em fins dos anos 1970, com a bela Ionita Sales, com quem teve a filha Georgiana; em 1982, com Maria Helena, mãe de Gabriel.

No início de agosto de 1975, morreu Gilda. Como o cunhado Guilherme, ela fumava muito e nos últimos meses de vida fugia para a casa de Ionita, que morava no mesmo prédio da praia do Flamengo, para beber uísque escondida de suas enfermeiras.

O pianista Arthur Rubinstein, de alguma forma, estava correto quando disse a Carlos, décadas antes, em 1926, que financiar Villa-Lobos seria uma forma de escrever seu nome na história. Carlos acabou dando ao compositor brasileiro muito mais do que ele esperava, e o resultado não

poderia ter sido mais positivo. Graças a seu mecenato, no primeiro concerto da segunda temporada parisiense, na Salle Gaveau, estavam presentes, entre outros, além do próprio Rubinstein, o compositor francês Maurice Ravel e o russo Sergei Prokofiev.

No dia seguinte, durante o almoço, Rubinstein perguntou:

— Viu, Carlos? Eu estava certo, não estava?

Foi por esse e muitos outros motivos que Nelson Rodrigues assim se referiu à morte de Carlos Guinle: “Está morrendo o nosso passado e, repito, um dia, acordaremos sem passado”.



Octávio Guinle

CPDOC/JB

Octávio

Guilhermina Guinle tomou um susto, quando Guilherme entrou resolutamente no jardim de inverno de sua residência e jogou na mesa alguns jornais sem nem mesmo pedir a bênção à mãe:

— O Octávio perdeu completamente o juízo — vociferou, referindo-se ao irmão de 28 anos.

— O que aconteceu?

— Mãe, os jornais não param de noticiar.

Ao acaso, pegou um dos exemplares e leu um trecho: “A polícia de Nova York efetuou a prisão de Octávio Guinle, pois ele tentou se ausentar da cidade, a fim de fugir às consequências de uma ação indenizatória proposta por senhorita americana”.

— Meu filho preso! — gemeu Guilhermina, arregalando os olhos e tapando a boca com as duas mãos.

Guilherme pegou outro jornal e leu apenas o título da reportagem: “O jovem Octávio Guinle e os 50 mil dólares de indenização a Miss Borden”.

Guilhermina começou a chorar.

Embora os jornais não explicassem em detalhes o episódio, tratava-se do seguinte: desde 1912, em consequência da morte do pai, Octávio estava nos Estados Unidos representando os interesses da Guinle & Cia. Dois anos depois se envolveu com a bela atriz americana Monica Borden, uma arrivista. Sem que ninguém na família soubesse, assinou um pré-contrato nupcial. Ao perceber sua precipitação, tentou anulá-lo; a moça,

porém, recorreu imediatamente aos tribunais. Octávio resolveu fugir do país mas foi preso, sendo solto apenas após pagar uma fiança de 50 mil dólares¹ (cerca de 1,2 milhão de dólares em valores de 2014). O escândalo correu a imprensa do Brasil, dos Estados Unidos, da França e da Argentina. Para resolver o imbróglio, Octávio se casou com Monica.

Por gerar um alvoroço de tamanha magnitude, Octávio receberia uma punição exemplar: seria deserdado pela mãe, com a anuência de Guilherme. Além disso, afora o fato de já não ter muito espaço nos empreendimentos familiares por ser o quinto filho de Eduardo Palassim e Guilhermina, ao longo de toda a vida jamais seria lembrado para ocupar um posto de comando em um negócio importante.

Contudo, seria Octávio quem imortalizaria o sobrenome da família, ao construir o emblemático Copacabana Palace Hotel, que se tornaria um símbolo dos Guinle e do próprio Rio de Janeiro, ajudando a transformar a praia em que foi erguido em uma das mais famosas do mundo. Paralelamente, o filho homem mais novo e também o mais bonito dos Guinle, que havia herdado a veia visionária da família, conseguiria perceber no carnaval carioca um dos maiores potenciais turísticos da cidade, e o incentivaria de todos os modos.

Após se casarem, Octávio e Monica Borden vieram para o Rio de Janeiro. Provavelmente, essa decisão foi imposta por Guilherme e por sua mãe, pois com o casal por perto seria bem mais fácil contornar os eventuais transtornos causados pela mulher. Para alívio da família, em 1916, dois anos após a eclosão do escândalo, Monica aceitou o divórcio, junto com uma boa indenização, e voltou para os Estados Unidos. O fato de Octávio não ser mais herdeiro serviu para facilitar a separação. Em 1922 o casamento foi anulado pelo Vaticano.

Nascido em 1886, portanto, jovem ainda, atlético, elegante, culto e viajado, não foi difícil para Octávio se ver novamente casado. A segunda mulher, Beatriz Llambi Campbell y Galvez, era argentina. Dessa vez o casamento foi discreto, em Paris. Da união, nasceu Octávio Eduardo

Llambi Campbell Guinle, o Otavinho. Nessa época Octávio morava com a família na casa de praia da mãe, na avenida Atlântica. O enorme casarão em estilo normando ocupava um quarteirão, indo da esquina da rua Figueiredo Magalhães até a Domingos Ferreira, vizinho da casa de verão da irmã Celina, depois adquirida pelo empresário Assis Chateaubriand. O casamento com Beatriz durou pouco. Otavinho, em criança, estudou no Rio de Janeiro, e apesar de frequentar a casa dos vários tios, inclusive os jantares dominicais na casa da tia Celina, diz que nunca se sentiu integrado à família.² Já rapaz, afastou-se do pai e, depois da mudança da mãe para os Estados Unidos, acabou indo morar em São Paulo com a tia Heloísa.

Em 1919, Octávio foi designado para gerenciar um novo empreendimento familiar, de dimensão menor: o Palace Hotel, na avenida Central, um prédio de quinze andares, o último construído em um dos terrenos adquiridos por iniciativa de Eduardo Guinle. O negócio era uma sociedade com o barão de Saavedra, o mesmo do Banco Boavista. Juntos, eles comandavam a Cia. Hotéis Palace, que cuidava também do Esplanada, na capital paulista, um dos símbolos da *belle époque* paulistana, ladeado pelo Theatro Municipal e pelo Edifício Glória. Com um “um amplo saguão, escadaria, galerias e salões desafogados, o Esplanada recebia visitantes com a categoria dos grandes hotéis internacionais”.³ Hoje, o belo prédio abriga a Secretaria Estadual de Agricultura e seu passado de requinte só não foi totalmente esquecido porque um de seus frequentadores, o modernista Oswald de Andrade, registrou em versos, anos mais tarde musicados pelo cantor Cazuza, seu amor pelo local.⁴



O Palace Hotel, primeiro empreendimento da família a ser gerenciado por Octávio.

GETTY IMAGES

Naquela época, o Palace Hotel se tornou o principal endereço da cultura carioca. Seus salões sediarão os mais importantes eventos do país, como a exposição do francês Gustave Brisgand em 1922, consagrado retratista da virada do século XIX para o XX. No mesmo ano, e confirmando a vocação do hotel para grandes mostras, o Palace receberia o pintor de paisagens americano Zarh Pritchard, cujos quadros já haviam sido exibidos em Nova York (1913), Tóquio (1919) e Paris (1921). Ao longo dos anos, o Palace abrigaria ainda o Salão de Arte Decorativa; da Escultura; do Livro; dos Humoristas; da Arquitetura e Jardinagem; e dos Impressionistas e Modernos. E Octávio, em pouco tempo, se destacaria como gestor. O diplomata Maurício Nabuco descreveu o hotel como “a primeira grande hospedaria do Brasil”, cujo “bar era o único no Rio onde os copos eram enxutos a mão até brilhar”. Dizia ainda que o hotel se tornou o centro dos jovens casais, “liderados

por Adalgisa Proença de Faria, cuja graciosa presença a todos empolgava”. Teria nascido lá o hábito de se tomar um aperitivo “elegante” à hora do jantar.⁵

Copacabana Palace

O ano de 1922 coincidiria com os festejos do primeiro centenário da Independência, e o governo federal queria celebrar a data com pompa. A ideia de construir um grande hotel na praia de Copacabana para hospedar os visitantes não foi de Octávio Guinle: quem anteviu a veia turística do bairro foi o então presidente Epitácio Pessoa. O Rio de Janeiro, desde os tempos da reforma de Pereira Passos, avançara a sua expansão em direção ao oceano Atlântico. Com a abertura do Túnel Novo, entre Botafogo e Copacabana, em 1906, fora dado o pontapé inicial para a urbanização do bairro; entre 1909 e 1911, haviam sido feitas obras de saneamento; dois anos mais tarde, a prefeitura pavimentara parte das ruas com macadame; na curta gestão de Paulo de Frontin como prefeito, em 1919, a avenida Atlântica fora duplicada e pavimentada.



A praia de Copacabana na época da construção do Copacabana Palace

AGÊNCIA REMINISCÊNCIAS

Copacabana, contudo, continuava pouco habitada, sem restaurantes, sem bares e muito menos vida noturna. Por isso, ao ser procurado por Epiácio Pessoa para construir um hotel de alto luxo na região, Octávio Guinle foi reticente. Ora, que visitantes endinheirados iriam para um bairro sem nada? Octávio se animou somente quando o governo brasileiro permitiu que ele abrisse um cassino no local para sustentar o empreendimento. Com tal compromisso, começou a nascer o Copacabana Palace Hotel, que deveria ficar pronto no ano do centenário.

Octávio acabou realizando parte do antigo sonho do irmão mais velho, Eduardo Guinle: comprou quase uma quadra inteira em Copacabana, à beira-mar, na avenida Atlântica, e depois contratou um velho conhecido

da família, o arquiteto Joseph Gire, para desenvolver o projeto. A inspiração seriam os grandes hotéis da Riviera Francesa, como o Carlton, em Cannes, e o Negresco, em Nice, ambos emoldurados pelas águas azuis do Mediterrâneo. Diferentemente do que acontecia na Europa, no Brasil as dificuldades para uma obra desse porte eram as mais variadas, indo da falta de mão de obra qualificada à precariedade da engenharia brasileira. Do ponto de vista estrutural, havia, por exemplo, a necessidade de se fincarem naquele areal estacas de quatorze metros, só que elas não existiam no país nem havia tecnologia para cravá-las tão fundo. Outro complicador: a necessidade de levantar uma barragem subterrânea a fim de impedir a força das marés.

O projeto previa 250 quartos, doze salões, uma piscina, restaurantes, bares, teatro e escadarias de mármore. Devido à sua complexidade, as obras aconteceram em um ritmo bastante lento. Enquanto o hotel não ficava pronto, Octávio via a concorrência aumentar. Surgia o belíssimo Hotel Glória, na orla da baía de Guanabara, também construído por Joseph Gire para as comemorações da Independência. Na majestosa avenida Rui Barbosa, debruçado sobre a enseada de Botafogo, apareceu o Hotel Sete de Setembro. Na praça Tiradentes, no Centro, subiu o Rio Hotel, este bem moderno, com elevadores, ventiladores nos quartos e telefone.

Mas o Copacabana sofreu o mais violento baque quando o governo rompeu o acordo firmado com os Guinle e proibiu a exploração dos jogos de azar em todo o país. Portanto, o hotel de Octávio — que fora financiado pela mãe e representava a chance de resgate de sua credibilidade pelo desacerto do primeiro casamento — nasceria com tudo para dar errado: sem sua base de sustentação econômica, em região isolada e enfrentando um mercado competitivo.

Quando Octávio abriu as portas do Copacabana em 13 de agosto de 1923, quase um ano depois dos festejos do centenário da independência, a história da hotelaria brasileira começaria a mudar. Octávio deu

personalidade ao empreendimento. Para ele, não bastava a beleza da arquitetura nem as minudências da decoração — cristais de Bacará, porcelana de Limoges, lustres tchecos, tapetes da Inglaterra e móveis da Europa do Norte. Para os postos-chave foram contratados os melhores profissionais do Velho Mundo, como o chef Auguste Escoffier, trazido do Savoy de Londres. Foram estes detalhes que o transformaram no hotel ícone da capital do Brasil.

Nessa época, Eduardo Guinle vivia o seu ocaso, Guilherme estava no comando da poderosa Cia. Docas de Santos como líder da família, Arnaldo já era famoso por conta do Campeonato Sul-Americano de 1919 e Carlos ainda cavava espaço, sendo celebrado pelo envolvimento com o automobilismo apenas mais tarde.

Requinte

Se em sua mansão de Botafogo o irmão Carlos era rigoroso com os empregados quanto à obediência a protocolos e etiquetas, Octávio conseguia superá-lo. Era tão detalhista que ao longo de sua vida preferiu comprar roupas nas mesmas casas, que já conheciam seus gostos e suas manias. Seus ternos eram cortados no exclusivíssimo ateliê de Anderson & Sheppard, na Street Burlington, em Londres. Os sapatos vinham da casa Lobb, na rue François I, perto de seu apartamento na avenue Foch, 42, em Paris. As gravatas borboletas, feitas sob medida, ou eram adquiridas na Douset ou produzidas na Charvet, ainda hoje uma referência para os amantes de acessórios de alto luxo, na Place Vendôme, também em Paris. Segundo seu filho José Eduardo, suas cuecas de seda pura eram ornadas com botões de ouro.

O Código de Empregados da Companhia Copacabana Palace, criado por ele, com dezoito itens sobre a conduta de seus funcionários, incluía observações até sobre como olhar e como não olhar para os hóspedes. E nada passava despercebido a Octávio, uma vez que em seus aposentos, a

suíte B, havia um sistema de escuta que permitia saber tudo o que ocorria no hotel.⁶

No dia em que as portas do Copacabana foram abertas, com apenas seis apartamentos ocupados, mas já com uma equipe de mil funcionários, as diárias custavam menos de dez dólares, com direito a pensão completa e transporte para o Centro. Alguns dias após a inauguração, o jornal *O Paiz* trouxe um artigo intitulado “A Cidade Maravilhosa” sobre o impacto causado pelo hotel no cotidiano carioca. Dizia assim: “O Rio transformou-se e não é mais uma cidade pacata e conhecida no estrangeiro apenas como a cidade panorâmica mais bela do mundo. Fala-se com entusiasmo do Rio, do Brasil, em todos os centros civilizados, como se fala da terra de promessa. E o resultado aí está. Dia para dia, o nosso progresso se acentua, nas mais variadas modalidades da eclosão de uma cidade que cresce pela terra e para o céu; que se expande, que se alarga, que se estende e se desdobra febrilmente”.

Sobre os Guinle, o jornal afirmava que “foram esses moços que, antes de quaisquer outros, sem receio de sacrificar as suas fortunas, se aventuraram a organizar a Cia. Hotéis Palace, que veio demonstrar que também entre nós há espírito e capacidade para cometimentos de tão alevantada natureza”. Ao final, o reconhecimento a Octávio: “A eles, em cuja frente está a figura inconfundível do dr. Octávio Guinle, tem todo carioca, todo brasileiro, todo bom patriota o dever de uma gratidão mais que justificada”.

Reportagem de *O Imparcial*, de 14 de agosto de 1923, saudava o Copacabana e suas “250 cabines, base de apoio para a prática de jogos náuticos como o *plaking*, o ‘cavalo-tonel’, a ‘prancha a sebo’, o ‘bate-moinho’, como nas praias inglesas e norte-americanas”. Dias antes, *O Paiz*, orgulhoso, dizia que “a praia maravilhosa, apinhada de banhistas e curiosos, fez-nos parar em êxtase contemplativo. O nosso olhar perdia-se embevecido diante da empolgante majestade do cenário: de um lado da avenida, o oceano, batido pela luz deslumbrante de um sol glorioso, com

a imensa praia pintalgada de lindas e provocantes silhuetas de banhistas femininas e um *ferret-opus* de gente alegre que salta, pula, corre e ri, numa encantadora despreocupação. Do outro lado, a imponência avassaladora do formidável palácio do Copacabana Palace Hotel”.

Octávio começava a virar o jogo: o filho posto de lado mostrava ser tão capaz como empresário quanto os irmãos. Atuando em um ramo até então sem prestígio na sociedade brasileira, viu seu hotel aos poucos se tornar endereço obrigatório dos principais visitantes da cidade. Em 1930, quando trouxe da Europa o chef tcheco Fery Wünsch, contratado como maître sênior, a cozinha do hotel se consagrou. Diplomado pela Escola de Hotelaria de Praga, ele trabalhara na Wagons Lits Express European, na linha Paris-Varsóvia; fora comandado pelo lendário chef Leon Colombier, no Plaza Athenée, em Paris; fora maître no La Toronde, no Cairo; servira no palácio Abdine, do rei Fuad El Awal, pai do rei Farouk, playboy de fama internacional.



Copacabana Palace

GETTY IMAGES

A partir dos anos 1930, hóspedes famosos ajudaram a consolidar a reputação do hotel mundo afora. Foi o caso do físico Albert Einstein em sua passagem pelo Brasil. O hotel foi cenário também do tórrido romance de Edward, príncipe de Gales, tio da atual rainha Elizabeth II, com a uruguaia Negra Bernardez. O *affaire* durou poucos dias, mas os banhos de mar do casal serviram de tema de conversa durante muito tempo. Portanto, não eram apenas Carlos e seu filho Jorginho que davam dimensão internacional ao nome da família. O hotel emprestava charme à praia e ao bairro, que ganhava os primeiros arranha-céus, saudados como propulsores da contemporaneidade e sinônimos de modernidade. Só uma coisa não ia bem: com os cassinos proibidos, o hotel enfrentava problemas financeiros.

Apenas em 1933, com Getúlio Vargas no poder, o jogo voltou a ser legalizado. Finalmente, os requintes pensados por Octávio transformaram suas mesas de jogo em referência nacional, atraindo, num piscar de olhos, grandes empresários, políticos e militares de alta patente. Como se preparara desde 1923 para abrigar a jogatina, por algum tempo o Copacabana reinou soberano. Ainda não existiam o Cassino Atlântico, aberto em 1935, nem o Cassino da Urca, de 1936; o Beira-Mar simplesmente não decolara. Até o seu fechamento, em 1946, todos os principais cassinos do Brasil — Águas de Lindoia (SP), Poços de Caldas (MG) e do Guarujá (SP) — tiveram o Copacabana como modelo.

O cassino de Octávio oferecia diferentes jogos: roleta, bacará, *boulier*, campista, trinta-quarenta e cavalinhos. Às quartas e sextas-feiras, quando o ingresso dava direito a uma garrafa de champanhe e ao show noturno, exigia-se do cliente traje a rigor, exceto no andar térreo, o “necrotério”, ao qual o público mais modesto tinha acesso gratuito.⁷ Há quem diga que o cassino era arrendado, pois para Octávio bastava a participação nos lucros para que pudesse dedicar seu tempo à hotelaria, sua verdadeira paixão.⁸ Os concessionários seriam Ernesto G. Fontes e Antenor

Mayrink,⁹ cujos representantes saíam dali, no fim da noite, com malas cheias de dinheiro.¹⁰ Entre os familiares conta-se que o arrendamento teria sido ideia de Guilhermina, católica fervorosa que condenava o jogo.

Em 1938, o hotel inauguraria a primeira grande sala de shows de Copacabana: o Golden Room, que receberia atrações da Europa e dos Estados Unidos. Por seus camarins passariam nomes como Edith Piaf, Marlene Dietrich, Nat King Cole, Amália Rodrigues. O empreendimento chegava ao ápice. Os números comprovam o sucesso do cassino, o verdadeiro pulmão do negócio, que, em treze anos de existência, movimentou mais de 1 bilhão de dólares.¹¹

Existem fortes indícios de que o governo Vargas teria ajudado de várias formas o Copacabana. O maior concorrente de Octávio, Joaquim Rolla, dono do Cassino da Urca, ambicionava abrir um estabelecimento maior, na praia Vermelha, ao pé do Pão de Açúcar, cartão-postal da cidade. No entanto, conforme se comenta, Rolla teria recebido uma visita nada simpática do então chefe de polícia do Rio de Janeiro, o temido Filinto Müller, e achou prudente abandonar a ideia.¹² O fato é que durante o período em que os jogos de azar foram legais no Brasil, o Copacabana se consolidou como único hotel-cassino da capital da República.



Banhistas na praia de Copacabana

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA

O melhor carnaval do mundo

Octávio não foi apenas um grande empreendedor do turismo carioca, mas também do brasileiro, quando ainda não havia nenhuma preocupação governamental com o setor. Como o Estado não fazia a sua parte, Octávio e o irmão Carlos ocupavam os espaços de forma independente. Entre 1924 e 1926, o Copacabana comprou vários espaços nos jornais paulistanos. Eram anúncios de primeira página que divulgavam o empreendimento como “o predileto da família brasileira”. Até um “baile paulista” com a “distribuição de valiosas prendas” foi organizado. O Copacabana era o “local ideal para o paulista passar o inverno (...), uma vida de prazeres com as suas festas e, sobretudo, a sua elegante concorrência”.¹³

Para desenvolver o turismo, Octávio entrou para o Touring Club do Brasil, lançando mão de expediente semelhante ao de Carlos, que se

associara ao Automóvel Club do Brasil para, através da estrutura da entidade, fomentar o automobilismo e a construção de estradas. Como de praxe na família, aproximou-se de certos jornais e chamou a atenção para o tema. Em janeiro de 1932, foi convidado a integrar a Comissão Executiva de Organização do Carnaval Carioca, que aconteceria no início de fevereiro. Não houve tempo hábil para muitas mudanças, mas, pela primeira vez na história da cidade, o evento foi pensado de forma pragmática, seguindo a tese de Octávio: “O carnaval é uma fonte de riqueza pública, como são os lagos e as montanhas na Suíça, as ruínas das civilizações extintas na Itália, e assim por diante”.¹⁴

Segundo *A Noite*, naquele ano o carnaval “assumiu aspectos inéditos de brilhantismo e animação”. Satisfeito com o resultado, Octávio resolveu criar uma campanha nacional em prol do turismo sob o lema “É preciso tornar o Brasil conhecido dos brasileiros”.¹⁵ Para ele, o Rio de Janeiro, por ser a mais bela cidade da América do Sul, deveria receber muito mais turistas do que Buenos Aires. Por isso, em várias entrevistas, dizia frases como “Viajar dentro do país é um modo inteligente de ser patriota” ou “No Velho Mundo, aprendi a querer bem a minha pátria”.¹⁶

Para viabilizar suas ideias, organizou o primeiro cruzeiro turístico econômico do país. Conseguiu, com a Companhia de Navegação Lloyd Brasileiro, estatal que fazia a ligação marítima entre cidades diversas, um desconto de 40% nos preços das passagens do navio *Almirante Jaceguay*. O passeio sairia do porto de Rio Grande, no Rio Grande do Sul, e teria como destino final a cidade de Manaus, no Amazonas. Em cada parada, os passageiros visitariam os pontos locais de maior potencial turístico. A novidade foi um verdadeiro acontecimento. Nos vários portos em que a excursão Jaceguay chegava, havia ampla cobertura jornalística. Deu tão certo que Octávio pensou em arrendar toda a frota do Lloyd. Mesmo não tendo conseguido alugar os navios, organizou excursões como Cataratas de Iguaçu e Ouro Preto (1933), Viagem Maravilhosa à Amazônia

(1934) e Rio Grande do Sul para os Festejos do Centenário da Revolução Farroupilha (1935).

Nacionalista, mas não provinciano. Octávio acreditava que, para aumentar o fluxo de estrangeiros, era importante incentivar viagens a outros países. Logo, excursões foram organizadas também para os Estados Unidos e o Japão. A confirmação de seu êxito empresarial no setor veio em 1937, quando o governo argentino copiou seu modelo de viagens para desenvolver Bariloche. O governo do Rio Grande do Norte também usou os métodos de Octávio para impulsionar o turismo local. No Rio de Janeiro, suas estratégias ainda hoje balizam a vida turística da cidade.

Em fins de 1932, Octávio foi chamado pela prefeitura para organizar o carnaval seguinte. Na reunião, com o objetivo de manter um movimento constante de visitantes ao longo do ano, convenceu o prefeito, Pedro Ernesto, de que havia necessidade de se criar um calendário carioca de eventos que incluiria corridas internacionais de carros e de lanchas e regatas, além de concursos de elegância automobilística. Através do Touring Club, arrendou o cais da praça Mauá, então principal porta de entrada de visitantes no país, e montou ali um escritório para “incrementar as correntes turísticas estrangeiras”.



Rita Hayworth se diverte no Baile do Copa.

ARQUIVO/ESTADÃO CONTEÚDO

O carnaval daquele ano, tendo como seus grandes organizadores Pedro Ernesto, Herbert Moses (presidente da Associação Brasileira de Imprensa) e Octávio, deixou alguns legados, além da marchinha de Lamartine Babo “Linda morena”, cantada por Mário Reis. A avenida Rio Branco foi decorada e no sábado de carnaval, dia 25 de fevereiro, foi fechada para o desfile de blocos.

As agremiações Caçadores de Veado, Você Me Acaba, Sou do Amor, Tomara Que Chova, Chora Chora, Filhos de Carlitos, Eu Sozinho, Respeita as Caras, Não Posso Me Amofinar e De Língua Não Me Vence seriam julgadas nos seguintes quesitos: conjunto, harmonia, originalidade, enredo, evolução, estandartes e humorismo. Pela primeira vez, o desfile seria transmitido pelas rádios Educadora e Mayrink Veiga.

Banhos de mar a fantasia foram organizados na “linda praia de Ramos”, na Zona Norte, houve “prélios de serpentinas na rua 28 de Setembro”, em Vila Isabel, baile infantil no Teatro João Caetano, no Centro, batalha de confete na rua Carlos de Vasconcelos, Tijuca.¹⁷ Em homenagem a Lamartine Babo, escolas de samba desfilaram na praça Onze e os bailes esquentaram nas ruas Maxwell, Bela, Santa Luzia, 24 de Maio, José Higino, São Clemente e Gonzaga Bastos.

A organização espacial dos festejos, no entanto, foi duramente criticada por alguns jornais: o fechamento da avenida Rio Branco não foi bem-visto e a decoração, considerada “bizarra”. Mesmo assim, aquele carnaval, cujo slogan era “No limiar da folia”, arrebatou foliões. Octávio produziu ainda os bailes do Fluminense e, claro, os do Copacabana Palace, já tradicionais desde a sua inauguração, assim descritos por Afonso, de *O Paiz*, no artigo “Os bailes do Copa”: “Os estrangeiros — e havia ali às centenas — que tiveram a fortuna de assistir ao baile de sábado no Copacabana Palace Hotel, só com a visão maravilhosa dessa festa compensavam fartamente as maçadas e despesas da viagem até o Rio de Janeiro!”¹⁸

Muitas dessas iniciativas de Octávio ainda hoje marcam o carnaval carioca. A praça Onze continua ligada ao desfile das escolas de samba, assim como a avenida Rio Branco, os festejos na avenida 28 de Setembro são dos mais animados e o sentimento de folia segue vivo.

Brocoió

O fim da Era Vargas, em 1945, trouxe alguns percalços. Com a redemocratização e o fim da censura na imprensa, as críticas ao velho caudilho, agora explícitas, começaram a respingar nos Guinle, que haviam sido próximos do ditador e por ele foram diversas vezes beneficiados. Assim, conforme acontecera com Guilherme e Carlos, Octávio também foi atingido. O primeiro alvo de seus desafetos foi o

Palace. O velho hotel, suplantado em muito pelo Copa, e estando em uma das regiões mais valorizadas da cidade, acabou sendo posto abaixo e no local, em parceria com os irmãos, foi construído um novo prédio comercial. A simples construção desse edifício acabou tomando uma enorme proporção na imprensa.

Em setembro de 1946 o jornalista José Martinelli, do *Correio da Manhã*, denunciou que a prefeitura havia feito vista grossa para o não pagamento do imposto de transmissão da venda do Palace com o intuito de “beneficiar os Guinle”, e “o caso teria contado com o apoio de Henrique Dodsworth”, então prefeito. Como nunca houve venda, pois o terreno era da família, essa crítica não se justificava. Já o restante dela, sim: “Não sendo mais prefeito, também não pode mais comprar novos ‘brocoiós’, nem fazer decretos de amizade”.



Sede da propriedade em Brocoió, na ilha particular de Octávio Guinle

A referência à palavra “brocoió” nesse trecho do texto vinha carregada de veneno. É que, como o irmão Eduardo Guinle, Octávio também teve seu momento de delírio e resolveu se dar o luxo de ter um palácio próprio, no seu caso, na ilha de Brocoió, em plena baía de Guanabara. O jornalista Magalhães Correa, do *Correio da Manhã*, que, com a intermediação de amigos, conseguiu autorização para conhecer a propriedade, assim a descreveu: “A impressão de quem chega é de surpresa. A perspectiva do parque todo gramado, com grupos arbóreos, canteiros ao fundo e três terraços, sobrepostos, com lanços de escadarias; ao centro, o edifício em estilo normando dominando o cenário é fantástico, parece um castelo de fadas, um sonho materializado”.¹⁹

Tratava-se de uma construção misteriosa, pois nem a família sabia os motivos que levaram Octávio a mandar erguer aquela espécie de Taj Mahal. Luiz Eduardo, filho de seu terceiro casamento, credita tamanha extravagância ao amor do pai por Beatriz, a segunda esposa. Mas Otavinho não tem a mesma opinião. Para ele, a mansão foi construída sem nenhum objetivo definido.²⁰

A luxuosa residência era desconhecida do público e não se sabe nem mesmo que dificuldades operacionais e de engenharia Octávio enfrentou para fazer a obra naquela bela ilha isolada. A primeira menção ao palacete de Brocoió na imprensa brasileira se deu em outubro de 1936, quando morreu a mãe de Getúlio Vargas e o presidente ali se recolheu a fim de se restabelecer. Em seu diário íntimo, Getúlio escreveu que pela manhã foi com a esposa, dona Darcy, para a ilha de Brocoió, pertencente a Octávio e oferecida por seu irmão Carlos, onde o resto da família os esperava. “Nessa ilha encantadora, passei uns dias de recolhimento e de repouso que me eram necessários naquele momento”, anotou.²¹

Coincidentemente, nos estertores do Estado Novo, a ilha foi vendida. Na verdade, a crítica no *Correio da Manhã* à compra de Brocoió pela prefeitura do Rio de Janeiro visava atingir o ditador Vargas, mas também os Guinle. Argumentando que seu objetivo era abri-la para a

“recreação da população”, o prefeito Dodsworth pagara 6 milhões de cruzeiros. A ilha, no entanto, nunca foi aberta ao público.

Fim dos cassinos

Outro alvo das críticas aos interesses de Octávio era o cassino, já que a jogatina também estava vinculada, de certa forma, ao período varguista. O irmão do ex-presidente, Beijo Vargas, era um jogador contumaz. Nos principais cassinos da cidade, o do Copacabana Palace e o da Urca, várias vezes colocou seu enorme revólver sobre o pano verde, conforme diversos relatos sobre o modo como intimidava os crupiês.

Mesmo antes da redemocratização, o debate sobre a inconveniência da legalidade dos cassinos já estava na pauta da sociedade brasileira. A Igreja católica e os conservadores alegavam que o jogo colocava em risco a integridade da família. Quando o presidente Eurico Gaspar Dutra decretou o fim dos cassinos, em 30 de abril de 1946, o Copacabana perdeu sua base de sustentação. Aos sessenta anos, tendo os irmãos a vida estabilizada — Eduardo Guinle já havia morrido —, Octávio foi obrigado a reinventar seu negócio.

Para salvar o empreendimento, no lugar ocupado pelas quadras de tênis construiu outro prédio, o Anexo, em bases mais modestas, sem o requinte do corpo principal do hotel. Além de aumentar o faturamento, ele acreditava que a iniciativa resolveria um problema recorrente: a superlotação. Com portaria e recepção independentes, as novas instalações permitiam que os hóspedes, em especial políticos e homens de negócios, recebessem visitas nos quartos. Até a mudança da capital do país para Brasília, em 1960, o Copacabana era o ponto de encontro de grandes personalidades; o restaurante também continuava sendo um dos mais bem frequentados da cidade. Um dos clientes e grande amigo dos

Guinle, o jornalista Assis Chateaubriand, acabou por batizá-lo de Bife de Ouro, numa ironia aos preços cobrados.



Fachada do teatro do Copacabana Palace

GUILHERME BASTOS / AGÊNCIA O GLOBO

Além da readequação do hotel, a vida pessoal de Octávio também mudaria. Nos anos 1940, ele se casou com Maria Izabel Rodrigues Pereira, a dona Mariazinha. Da união, nasceram Luiz Eduardo, em 1943, e José Eduardo, em 1949. A família morou até 1951 na esquina da avenida Atlântica com a Figueiredo Magalhães. A casa havia sido de Guilhermina e pertencia desde 1925 aos irmãos de Octávio. Como este não era herdeiro, a família se mudou para o hotel, a princípio provisoriamente, mas a comodidade de morar em meio a tantos serviços acabou falando mais alto. Instalados na suíte B, eles eram atendidos, principalmente, pelo casal de camareiros portugueses Cacilda e Artur e

pelo copeiro Joaquim. Os meninos aprenderam a nadar com a nadadora olímpica Maria Lenk.

Em meados do século XX, os Guinle já eram famosos de fato. Mesmo tentando levar um estilo de vida discreto, havia uma aura em torno de qualquer um do clã. O fato de a família de Octávio residir em um hotel dificultava-lhe viver como as outras famílias. “Muitas vezes, nossas refeições eram feitas nos restaurantes do hotel, sob o olhar dos hóspedes”, lembra Luiz Eduardo.²² Tanto que Octávio, a esposa e os filhos evitavam o contato com eles, mesmo os que moravam no prédio, caso do concorrente Joaquim Rolla, do cantor Mário Reis e do comediante Jô Soares.

Outra novidade na vida de Octávio por essa época foi o estreitamento da relação com o irmão mais velho, fundamental no processo de adequação do Copacabana aos novos tempos. Assim como ajudara Eduardo Guinle nos momentos difíceis, Guilherme fazia empréstimos escriturados a Octávio, que acabaram transformando os dois irmãos em sócios — situação que teria consequências posteriormente nos destinos do Copacabana, já que os herdeiros de Guilherme, que nada entendiam de hotelaria, passaram a opinar sobre a administração do hotel.

Cultura

Se Carlos e Arnaldo apoiavam os músicos brasileiros, Octávio teria uma forte relação com o teatro. Diferentemente dos irmãos, que desde jovens investiram na música, ele só começou a ter influência no cenário teatral carioca no fim da década de 1940. Paschoal Carlos Magno, importante teatrólogo, gostava de contar que foi dele o pedido para revitalizar as instalações do cassino do hotel, que possuía um palco e estava “reduzido a depósito de bagagens, trastes velhos e passagem de artistas e empregados”. Um ano após o pedido, em 1948, a revitalização estava finalizada e se chamava Teatro Copacabana. Com

entrada independente pela avenida N.S. de Copacabana, nos fundos do hotel, era modernamente equipado e o maior da Zona Sul. Tendo como marca a sofisticação, seu público era recebido por funcionários de luvas brancas. Suas quinhentas poltronas eram forradas de couro verde e todas as salas, refrigeradas.

Também teria partido de Paschoal Carlos Magno o seguinte pedido: “Não chame, por enquanto, companhias estrangeiras para seu teatro. Ao menos por um ano, durante a estação de julho a setembro, dê uma oportunidade aos nossos elencos”.²³ A resposta de Octávio foi ao melhor estilo Guinle: “Esta sempre foi a minha intenção, desde que ordenei as obras”.²⁴ De fato, no teatro do Copacabana Palace, muitos talentos da dramaturgia brasileira tiveram sua primeira oportunidade, caso do ator Paulo Autran, que estava no palco na estreia da primeira peça ali encenada, *A noite de 16 de janeiro*, de Ayn Rand.

O teatro funcionou até 1959, quando uma lâmpada explodiu. Durante cinco horas o fogo consumiu suas dependências. Com prejuízos incalculáveis (só o aparelho de ar-condicionado custara 8 milhões de cruzeiros), só voltaria a ser aberto após a morte de seu criador. Octávio foi intensificando sua relação com um grupo teatral que funcionava no Patronato da Gávea, de nome Tablado, iniciativa da jovem e talentosa Maria Clara Machado, que também era ajudado pelos irmãos Guinle. Guilherme, pouco antes de morrer, chegou a contribuir para a realização do filme *Pluft, o fantasminha*, realizado em 1961 por Romain Lesage.

Nos anos 1950 o Copacabana Palace ganhou um charme a mais, quando sua piscina passou a ser frequentada pela Turma dos Cafajestes, que chamava Octávio de “tio”. Para o jornalista Sérgio Cabral, eles “eram os sucessores da geração dos cassinos”.²⁵ Já para o jornalista Ricardo Boechat, “coube-lhes o papel atrevido e impune de contestadores da moral vigente”.²⁶ Não existe nenhum registro de que a convivência de “tio” Octávio com os Cafajestes tenha sido tensa, apesar das diferentes

visões de mundo. Nem mesmo quando, liderados pelo sobrinho Jorginho e apoiados por Nelson Baptista, Antenor Mayrink Veiga, Horácio Carvalho e Armando Serzedello Corrêa, eles consumiram, em uma única noite, todas as preciosidades da adega de Brocoió.



Piscina do Copacabana Palace, frequentada pela turma de Jorginho Guinle

JOSÉ MEDEIROS / ACERVO INSTITUTO MOREIRA SALLES

Octávio era dono da maior coleção de vinhos raros do Brasil, entre os quais se incluíam os clássicos Château Petrus e Château d'Yquem. Nem assim soube-se de alguma reação impolida por parte dele, cuja personalidade era aglutinadora. “Ele conhecia muito bem todos os rapazes da turma e não ficava aborrecido”, conta Luiz Eduardo. Segundo José Eduardo, o pai era o mais carismático dos irmãos. “Tio Carlos era

muito simpático, tia Celina, muito discreta, tio Guilherme, muito prosa, meu pai era o melhor de todos”, dizia.

A generosidade de Octávio foi confirmada pelo mais antigo funcionário do hotel, Jorge Freitas. Ele não conheceu o patrão, mas quando foi admitido ainda ecoavam entre os funcionários algumas histórias: “Era demissão na certa: unha suja, roupa desalinhada, meias claras (o uniforme era escuro). Mas ele era muito humano”.²⁷

Em 1968, quando morreu de enfisema pulmonar, aos 81 anos, Octávio, de quem nunca se esperou nada, deixou um legado que eternizaria a fama de sua família. O porto de Santos, o palácio Laranjeiras, o Sul-Americano de 1919, o Circuito da Gávea ou a Granja Comary não ficaram associados aos Guinle. Todos esses feitos, realizados ao longo de quase um século, seriam eclipsados pelo mítico Copacabana Palace. Ainda hoje, independentemente da idade, da condição social e da região do Brasil, não há quem não vincule o sobrenome Guinle ao hotel de Octávio.

Celina e Heloísa

Ainda adolescente, o escritor Alceu de Amoroso Lima, mais conhecido como Tristão de Ataíde, passou pela estação ferroviária de Petrópolis no momento exato em que Celina Guinle, quinze anos, filha de Eduardo Palassim e Guilhermina Guinle, desembarcava do trem que vinha do Rio de Janeiro. De longe ficou admirando. Ela era muito mais do que um sobrenome conhecido como sinônimo de riqueza. Tinha beleza, vivacidade, elegância. Com graça e modéstia, subiu em uma deslumbrante carruagem conduzida por um cocheiro de cartola e uniforme impecável, puxada por uma parelha de cavalos negros de raça pura. Boquiaberto, ele jamais esqueceria essa cena, que se passou em 1902.

Celina nasceu em 1887 e sua irmã, Heloísa, em 1890. As duas foram educadas dentro dos padrões da elite na virada do século XIX para o XX: se tudo desse certo, realizariam casamentos com homens de sua classe social, seriam excelentes donas de casa, esposas dedicadas, mães exemplares, católicas praticantes e caridosas. Se os irmãos conheceram a notoriedade, não havia nenhuma chance de elas se tornarem conhecidas do grande público, já que deveriam se inspirar na discrição da mãe. Nem tudo, porém, foi seguido à risca.

Heloísa

Heloísa nunca recebeu os mimos que, em geral, os caçulas recebem dos pais, principalmente sendo mulher. Tudo leva a crer que, diferentemente dos irmãos, ela não fosse muito bonita, já que não há registro de nenhum elogio sobre sua aparência. Casou-se com um primo, Samuel Ribeiro, aos 25 anos, idade então considerada tardia para o matrimônio. Samuel e Heloísa foram viver em São Paulo, no bairro de Higienópolis, onde ela ganhou entre os familiares o apelido de tia Heloisona, para se distinguir da prima paulista Heloísa Ribeiro. Moravam em um casarão na rua Maranhão, 371. O terreno, de mais de 3 mil metros quadrados, ia até a rua Piauí. A vida do casal era pacata, e o marido, alto funcionário público, cultivava hábitos simples. Seu hobby era a marcenaria e ele fabricava pequenos móveis e objetos na carpintaria que mantinha em casa.

Heloísa buscava agradar a todos, em especial às crianças. A sobrinha Maria Helena F. Guinle recorda que costumava receber de Heloísa, no dia de seu aniversário, uma pilha de presentes mais alta do que a cabeceira de sua cama. José de Paula Machado, Guinle da quarta geração, tem lembrança semelhante. Já o sobrinho (pelo lado dos Ribeiro) Marcos Ferreira da Rosa, diz que nenhuma criança saía da casa de Heloísa sem um presente, que ela buscava no segundo andar da residência.

Ainda que os irmãos, em diversas ocasiões, tenham envolvido a caçula e o marido em alguns negócios, como na época da compra das ações da CSN, as idas dos Guinle a São Paulo eram esporádicas, gerando um afastamento natural. O mais importante empreendimento do qual Heloísa e Samuel participaram foi o loteamento de Cumbica. Ainda durante a Segunda Guerra, o governo federal decidira construir uma base aérea e um futuro aeroporto em São Paulo. O terreno escolhido, no distrito de Cumbica, em Guarulhos, a aproximadamente 25 quilômetros da capital,

pertencia aos Guinle em sociedade com o cunhado Samuel. A família doou ao Estado uma gleba avaliada, na época, em 7 mil contos de réis para a construção da base, na verdade, do futuro aeroporto, e em seu entorno lançou um dos maiores empreendimentos imobiliários da história do Brasil.



Helóisa Guinle acompanhada de seu marido, Samuel Ribeiro, e os dois filhos

MARCOS FERREIRA DA ROSA

A campanha publicitária do negócio alardeava que o município sediaria o mais importante aeroporto do país, o que só aconteceria, de fato, nos anos 1980. Guarulhos também seria cortada pela Via Dutra, nova rodovia ligando São Paulo e Rio de Janeiro, valorizando a região. O empreendimento foi dividido em três partes: residencial, comercial e industrial. Os 3 mil lotes residenciais foram vendidos num piscar de

olhos e as taxas de valorização chegaram a bater a casa dos 40%. Algo absolutamente extraordinário.

O casal, que não tinha filhos, viu sua situação financeira prosperar mais ainda. Após ficar viúva, em 7 de setembro de 1952, Heloísa, segundo depoimentos das famílias Ribeiro e Guinle, passou a andar rodeada por um séquito um tanto bizarro de mulheres e padres. Segundo o sobrinho Marcos Ferreira da Rosa, o interesse de muitos deles era ganhar presentes ou simplesmente “filar a boia”.¹ Heloísa comprava “às dúzias para depois dar aos outros”. Para ela, dar casas era como dar “um ramo de flores”. “Era dona de um gênio do cão, porém excelente pessoa.”²

Os Guinle e os Ribeiro contam que a filha mais nova de Eduardo Palassim era particularmente explorada por um padre chamado Caetano de Vasconcelos, que morou grande parte de sua vida na casa da rua Maranhão. Já monsenhor Victor Ribeiro Nickelsburg, sobrinho e afilhado de Samuel e Heloísa, que também viveu na casa e fizera voto de pobreza, doava para a Igreja tudo o que eventualmente recebia dos padrinhos. Com o tempo, as relações de Heloísa com os Guinle foram se esgarçando. Quando morreu, foram sua secretária particular, Alzira Kawall, e a filha desta, Regininha, que herdaram a maior parte de seus bens.³

Celina

A trajetória de Celina seguiria um rumo bem diferente da de Heloísa. Seus quatro filhos — Heloísa, Francisco Eduardo, Cândido e Linneo — se tornariam os grandes herdeiros da fortuna dos Guinle, pois lhes coube o comando dos dois maiores empreendimentos da família: o porto de Santos e o Banco Boavista. Seu casamento provocou frisson na alta sociedade. No início de abril de 1911, a imprensa contava, com alarde, que o navio *Aragon*, que acabara de atracar no porto do Rio de Janeiro,

trazia a bordo Guilherme, Carlos, Arnaldo e Octávio Guinle. Os quatro irmãos, que estavam fora da cidade representando os negócios da família na Bahia, nos Estados Unidos e na Inglaterra, retornavam para comparecer ao casamento de Celina com Linneo de Paula Machado.

Como o casal moraria no palacete da rua São Clemente, circulou o boato de que fora o velho Cândido Gaffrée quem dera a mansão a Celina, em mais uma insinuação de que ele fosse seu verdadeiro pai, talvez por Celina ser baixa, como ele. Segundo diversas fontes, no entanto, ela era a preferida de Eduardo Palassim e foi ele quem lhe deu, ainda em 1908, a bela residência. A noiva era rica. E o noivo?

Linneo era paulista de Rio Claro. Seu pai era o médico Francisco Vilella de Paula Machado e sua mãe, Sebastiana Augusta de Mello Franco, descendia do primeiro barão de Araraquara e do visconde do Rio Claro. Dessa linhagem nobre veio a principal herança da família: a fazenda São José. Como nessa primeira década do século XX os Guinle ainda buscavam ascensão social, um casamento com um jovem de ascendência nobre era bastante bem-vindo. Segundo algumas fontes, a união de Linneo e Celina também foi muito celebrada pelos Paula Machado.⁴

Apesar de manter hábitos típicos do interior e estranhos aos Guinle, como pitar cigarro de palha, Linneo havia frequentado desde jovem os melhores ambientes de Paris. Aos dezesseis anos foi estudar no Lycée Janson de Sailly. Em 1900, ingressou na École des Hautes Études Commerciales. Os Paula Machado eram produtores de café, mas a verdadeira paixão de Linneo eram os cavalos. Ainda na capital francesa, começou a ir a hipódromos e tomou gosto pela criação de puros-sangues; estudou zootecnia e pesquisou sobre a doença “cara inchada”, que comprometia a alimentação dos equinos no Brasil. Ao retornar, adquiriu uma fazenda em Ribeirão Preto e assumiu o comando do haras da fazenda São José.



Celina (de preto), já viúva, em uma solenidade do Jockey Club

ARQUIVO / AGÊNCIA O GLOBO

Em 1909, instalou-se na capital federal, onde conheceu Celina e começou a participar do cotidiano do turfe no Jockey Club Fluminense, na Zona Norte (sem vínculo com o clube de futebol tricolor). Seus cavalos logo chamaram a atenção. A vida social no Rio de Janeiro, na virada do século XIX para o XX, gravitava em torno do turfe. Ir ao Prado era uma diversão aristocrática de enorme prestígio e fazia parte da rotina das melhores famílias. O Jockey era, sem nenhuma dúvida, um trampolim social para os recém-enriquecidos.⁵

Apesar do elevado status dos Paula Machado, havia uma abissal diferença de padrão econômico entre os dois clãs: enquanto os Guinle movimentavam fortunas, os familiares do noivo possuíam apenas algumas

propriedades. Tanto que Celina e Linneo se casaram em regime parcial de bens, excluídos os trazidos pelos nubentes para a sociedade conjugal ou adquiridos ao longo do matrimônio por herança ou legado. Foi firmado ainda um pacto conjugal em que uma cláusula garantia que a inventariança dos bens do cônjuge falecido caberia ao cônjuge sobrevivente. O noivo foi agraciado com um cargo no comando da Cia. Docas de Santos.

O noivado se deu em setembro de 1910 e o casamento, em 24 de abril do ano seguinte, de manhã, no palacete da rua São Clemente, com todos os irmãos presentes e poucos convidados: os padrinhos Paulo de Frontin, Cândido Gaffrée e o cardeal Arcoverde. Em seguida, foi servido um almoço e por volta das quinze horas os recém-casados seguiram para a estação Leopoldina. Um trem especialmente preparado para eles partiria às 15h30 para Petrópolis. Antes de embarcar, a noiva ganhou uma *corbeille* recheada de mimos, entre eles, segundo os jornais, “valiosas e ricas joias”.

O primeiro ano de vida do casal foi marcado por duas mortes: de Eduardo Palassim, pai de Celina, e, menos de quinze dias depois, de Francisco Vilella de Paula Machado, pai de Linneo. Com o casamento, o cotidiano de Celina mudou radicalmente, pois de repente ela se viu tendo de administrar várias residências. Os Guinle Paula Machado viviam em trânsito entre a rua São Clemente, no Rio de Janeiro, a avenida Ypiranga, em Petrópolis, a fazenda São José, em São Paulo, e a residência da rue de Grenelle, em Paris, um dos endereços mais sofisticados da cidade. Linneo continuava sendo, acima de tudo, um criador de cavalos. Em 1913, ele e Celina viajaram para a Europa com um único objetivo: adquirir reprodutores. Trouxeram alguns garanhões. Com um plantel cada vez mais apurado, Linneo começou a se destacar como grande produtor.

Graças à sua reputação no setor, em 1918 o presidente Venceslau Brás fez uma legislação específica para regulamentar a atividade de criador de

cavalos. Nascia a Comissão Central dos Criadores de Cavalo Puro-Sangue, com poderes para determinar o Stud Book Nacional, ou seja, o gerenciamento oficial da criação de animais de raça brasileiros. Com isso, Linneo ganhou prestígio nacional, o que o incentivou em sua luta pelo desenvolvimento do turfe, pois ele acreditava que a capital da República carecia de um hipódromo moderno à altura da criação de cavalos. Acabou sendo nomeado, em 1919, para presidir a comissão encarregada de propor mudanças nos estatutos do Jockey Club Fluminense. Dois anos depois, era eleito presidente do clube por unanimidade.

Em 1921, o casal se voltou para o que seria a grande obra de sua vida: a construção da sede do Jockey Club Fluminense, na Gávea. Existiam várias agremiações de corrida de cavalo no Rio de Janeiro, todas na Zona Norte: Derby Club, no Maracanã, Jockey Club, no Engenho Novo, e outras mais populares, como Prado Vila Isabel e Prado Guarani, em São Cristóvão, estes últimos com preços convidativos para os menos endinheirados. A concorrência favorecia os hipódromos menos sofisticados, então os clubes da elite proibiram que os cavalos que frequentavam as cocheiras populares pisassem nas suas. A rivalidade pela conquista do público mais requintado do turfe acabaria se cristalizando entre o Jockey Club Fluminense, presidido por Linneo, e o Derby Club, comandado por Paulo de Frontin, velho amigo dos Guinle e padrinho de casamento de Linneo e Celina.

Amigo de velha data de Linneo, o prefeito do Rio de Janeiro, Carlos Sampaio, acreditava que a cidade precisava de um hipódromo moderno. Concordava com o local sugerido por Linneo: as margens da lagoa Rodrigo de Freitas, região então pouco valorizada na Zona Sul. O ideal seria a troca simples do terreno do Jockey Club Fluminense, na rua São Francisco Xavier, na Zona Norte, pelo da lagoa. O fato de ser ligado aos Guinle ajudou o marido de Celina a obter a autorização para a permuta na Assembleia Legislativa. O contrato foi assinado em 1922. Nessa

época, Carlos Guinle ainda nem sonhava com o Circuito da Gávea, que passaria pela região da lagoa e o consagraria na década de 1930.

O lançamento da pedra fundamental da nova e majestosa sede do Jockey, cujos custos eram astronômicos, foi um ato político, com a presença do presidente da República, Epitácio Pessoa, e de diversos ministros de Estado. Linneo, que nunca antes tivera tanto dinheiro, gastava de forma temerária e com o beneplácito da esposa.

Segundo Jotabê, cronista do *Diário Carioca*, “para a construção do Jockey, na Gávea, Linneo caucionou as ações que os Guinle de Paula Machado tinham da Cia. Docas de Santos, com o aval de Celina. Foi chamado de louco, pois estava destruindo o patrimônio dos filhos”.⁶ O cronista escreveu ainda que, com 2,8 mil contos, Linneo teria falado com o engenheiro Mário Ribeiro: “Vamos parar as obras na Gávea e fazer umas reformas em S.F. Xavier. Quando for possível, continuaremos a Gávea”. Mário teria fechado a cara: “Para a construção da Gávea, conte comigo de graça. Para as reformas de S.F. Xavier, procure outro, pois eu nem por mil contos farei”. Alguns dias mais tarde, conforme relatos de Jotabê, Celina teria convidado Mário Ribeiro e a esposa para jantar. Em dado momento, teria perguntado sobre a construção do hipódromo, e Mário teria dado como resposta que estava paralisada. Linneo então sorriu amarelo, mas Celina teria sido enfática, alegando ser tarde para voltar atrás. “De maneira alguma pode haver um recuo. O clube tem um patrimônio que lhe assegura uma operação de maior vulto ainda. Não tema, os nossos filhos não serão sacrificados e, se forem, paciência, mas vocês não podem parar”, teria dito ela.

Em 1922, Linneo e Celina já tinham três filhos. Ele colocava em risco a herança dos meninos e da esposa, sem que Guilhermina e Guilherme fizessem nenhuma objeção. Quem sabe se apequenaram diante de Linneo, um descendente do primeiro barão de Araraquara?

O Hipódromo da Gávea foi inaugurado em 11 de julho de 1926, com a presença do presidente da República, Arthur Bernardes, mas o mal-estar

com Paulo de Frontin, presidente do Derby, antigo defensor dos Guinle na luta contra a Light, continuava. Ele ficara aborrecido com o apoio do governo e da família Guinle ao novo Jockey, já que não havia espaço para dois hipódromos na cidade competindo por um mesmo público. Linneo propusera a fusão dos dois clubes, mas Paulo de Frontin entendia que o seu Derby era muito mais robusto financeiramente do que o Jockey, pois não trazia dívidas de financiamento, e recusara.

Não existem registros de que Guilhermina e Guilherme tenham repreendido Linneo nem quando ele arriscou a antiga amizade da família com os Frontin. Nem tampouco que tenham tentado mediar o caso. Assim, a paz entre Linneo e Paulo de Frontin só foi selada em 1932, com a intermediação dos dirigentes do Jockey de São Paulo. Os dois clubes cariocas acabaram se fundindo e dessa forma nasceu o Jockey Club Brasileiro. Como prêmio de consolação, Paulo de Frontin foi declarado seu presidente de honra.

A construção do Hipódromo da Gávea trouxe mais glamour aos Guinle do que a do estádio do Fluminense, uma vez que o turfe era o esporte da elite, enquanto o futebol foi se identificando cada vez mais com as camadas populares. Não é exagero afirmar que Linneo teve para o turfe a mesma importância que Arnaldo para o futebol. E seu haras, o São José & Expedictus, se tornou um celeiro de campeões. De suas cocheiras saíam cavalos como os lendários Virginie, African Boy e Itajara.

Ponto de encontro e liderança

Com a morte de Guilhermina, em 1925, a casa de Celina naturalmente se tornou o ponto de encontro, em especial aos domingos. Heloísa morava longe e os outros irmãos viajavam muito. Arnaldo, por exemplo, estava em São Paulo quando a mãe morreu. Na morte do pai, ele e Octávio também não estavam na cidade. Carlos passava longas temporadas fora. Apesar da riqueza e da quantidade de

empregados circulando pela mansão, Celina procurava dar um ar de simplicidade ao ambiente que cativava os visitantes. “Dona Celina era uma pessoa discreta e extremamente religiosa. Certa vez, me convidou para tomar chá. Havia tudo do bom e do melhor, sem contar a beleza das louças, a prataria e o mordomo de luvas. Mas uma coisa me chamou muito a atenção: os biscoitos caseiros ficavam numa lata comum, como na minha casa”, revela a amiga Ana Maria Silva de Abreu.⁷

Dona Marina Araújo, presidente do Banco da Providência, não a conheceu intimamente, mas era sua vizinha em Botafogo. “Eu via dona Celina, diariamente, atravessar a rua para ir à missa das seis horas, na igreja de Santo Inácio. Ela, sempre muito bem-vestida e usando chapéu”, relata.⁸ É bem verdade que, em alguns momentos, o catolicismo exacerbado de Celina não uniu, apartou. Arnaldo, por exemplo, só pôde frequentar a casa da São Clemente com Madeleine após casar-se com ela.

Os cavalos de Linneo seguiam fazendo sucesso. Foi assim no domingo 27 de setembro de 1942, quando a potranca Dorila venceu o GP Francisco Vilella de Paula Machado. Tão logo o páreo acabou, ele foi até a sala de imprensa do hipódromo e falou com os jornalistas: “Quando amanhã eu desaparecer, o meu filho Francisco Eduardo continuará a minha obra”. Na noite do mesmo dia, a família, então composta de quatro filhos — Francisco Eduardo, Cândido, Linneo e Heloísa —, se reuniu para o tradicional jantar. Supersticiosa, Celina ficou apreensiva, pois havia treze pessoas à mesa, mas o clima era de festa. No dia seguinte, Linneo embarcou em um voo da Panair do Brasil em direção a São Paulo. Velho amigo de Santos Dumont, ele não tinha o menor receio de voar; no entanto, o avião caiu na altura de Santo Amaro. Ninguém sobreviveu. Celina jamais permitiria que treze pessoas se sentassem à sua mesa novamente.

A viúva e os filhos receberam uma herança considerável. Quando o inventário foi concluído, em janeiro de 1944, os bens estavam avaliados em aproximadamente 34 milhões de cruzeiros. Eram vários prédios,

cavalos de corrida e de criação e títulos de sociedades — Cia. Docas de Santos, Belgo-Mineira, *Jornal do Commercio*, Lycée Français, Companhia de Seguros Atlântico, Companhia Siderúrgica Nacional, Companhia Carbonífera do Araranguá e outras empresas do setor bancário, além de 4 mil dólares nos cofres do National City Bank, em Londres. A herança incluía a residência parisiense, que era enorme e fora usada durante a guerra como centro para refugiados, fazendas e dinheiro em espécie.

Celina consolidou sua liderança na família quando, após a viuvez, o mais poderoso dos Guinle da segunda geração, o irmão Guilherme, mudou-se de mala e cuia para sua casa. A mudança contribuiu também para o estreitamento das relações do tio com os filhos de Celina. E, sem Linneo, Celina dedicou-se mais às ações de caridade, muitas vezes ao lado de dom Jaime Câmara, cardeal que passou a vida defendendo o bem-estar dos menos favorecidos, como quando abriu uma entidade em Botafogo de apoio material e espiritual às empregadas domésticas. Em junho de 1948, o cardeal resolveu fazer uma grande celebração de Páscoa com moradores de diversas favelas cariocas, como Barreira do Vasco, Jacarezinho, São Carlos, Rocinha, Salgueiro, Querosene, Formiga e Providência, e mais de 6 mil pessoas se reuniram no campo de São Cristóvão. No dia da cerimônia, lá estava Celina, uma senhora da elite carioca na condição de presidente da Ação Social Arquidiocesana — algo impensável em meados do século XX.

Celina fazia parte, junto com Elizinha Moreira Sales, Maria Cecília Fontes e Gilda Sampaio, de um seletto grupo de mulheres que, “se quisessem, poderiam capitanear igrejinhas ou corriolas próprias”, no entanto, preferiram evitar a “evidência colunística e mundana, levando vida menos exibicionista e mais discreta”.⁹ Em uma das obras assistenciais que mantinha, a Casa da Criança, ela encomendou um projeto ao arquiteto Oscar Niemeyer para a construção da sede. Em 1957, embarcou no mutirão para construir o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, tornando-se sua sócia remida. Assim como Guilherme,

contribuiu para a construção da Pontifícia Universidade Católica do Rio (PUC-Rio) e participou com os irmãos da fundação da Editora Agir, em 1944, para a publicação de obras católicas. O responsável por sua linha editorial seria Alceu Amoroso Lima. Não por coincidência ele era professor na PUC-Rio e fazia parte da Ação Católica, movimento que desde 1938 visava aumentar a influência da Igreja na sociedade.

Em 1955, Celina também teria atuação de relevo no Congresso Eucarístico realizado no Rio de Janeiro. Era o início do movimento de redescoberta da dimensão social da fé, que se consagraria mais tarde no Concílio Vaticano II, evento definido pelo papa João Paulo II como “um momento de reflexão global da Igreja sobre si mesma e sobre as suas relações com o mundo”. No Rio de Janeiro, a I Assembleia Geral do Episcopado Latino-Americano aconteceria concomitante ao congresso. Os católicos brasileiros estavam na vanguarda de um novo momento na história da Igreja, e Celina era um deles.

A organização do congresso demandava um esforço coletivo e os cardeais estrangeiros foram acomodados nas casas dos católicos ricos. O cardeal Cerejeira, de Lisboa, ficou com a família do banqueiro Antônio Sarda; Roberto Marinho, dono de *O Globo*, hospedou o nova-iorquino Spellmann; Celina, o cardeal francês Gerlier, de Lyon. Suas doações — um berilo azul-esverdeado de 190 gramas e 121 pedras de tamanho comum, entre ametistas, topázios, águas-marinhas, esmeraldas, rubis e brilhantes — viabilizaram a realização do congresso, pois estimularam dezenas de doações entre outras católicas da alta sociedade.

Dom Helder Câmara, primeiro secretário da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e bispo auxiliar do Rio de Janeiro, muito próximo do cardeal Jaime Câmara, destacou-se na organização da Assembleia dos Religiosos Latino-Americanos, outro evento paralelo ao Congresso Eucarístico. Segundo o ex-ministro do Supremo Tribunal Federal, Célio Borja, foi inspirado em uma frase de Celina — “A pior pobreza é a pobreza envergonhada” — que dom Helder teve a ideia de

criar o Banco da Providência, com a finalidade de angariar fundos para “um mundo mais justo e humano”. Dom Helder era o grande incentivador da fundação, mas era em torno de Celina que as questões financeiras eram equacionadas.¹⁰ Tanto que, dois anos mais tarde, nascia a Feira da Providência, que passou a levantar fundos para o banco e rendeu a Celina a Grã-Cruz da Ordem do Santo Sepulcro e da Ordem de São Gregório do Vaticano da Santa Sé, em 1958.

Em seus últimos anos de vida, Celina sofreu uma dura perda. Em 14 de setembro de 1963, morreu sua filha Heloísa de Paula Machado Libânio, subitamente, em casa, na rua Guilhermina Guinle, em terreno contíguo à casa de Celina. Heloísa, a Isá, atuava ao lado da mãe em diversas obras sociais. Na década seguinte, o filho Cândido, que morava com a família no palacete da rua São Clemente, se mudou. Em 1971, Celina ainda apareceria nas colunas sociais devido a uma fratura em uma das pernas. A dificuldade de locomoção acabou comprometendo sua saúde, e três anos depois, aos 86 anos, ela morreria, deixando onze netos.

Após a sua morte, Alceu Amoroso Lima escreveu no *Jornal do Brasil*, em 9 de agosto de 1974, que Celina nunca pretendia ser uma grande dama da sociedade, nacional e internacional, como de fato o era. “Pelo contrário”, escreveu, “procurou sempre não aparecer, apagar-se, fazer o bem na sombra, embora fosse mulher de inteligência vivíssima.” Segundo Alceu, tratava-se de uma conservadora inesgotável, com o salão sempre aberto, ao menos até a morte do marido e de Guilherme. “Tinha uma voz estridente. Discutia com qualquer um, impávida a todas as contraditas e inabalável em sua fé”, completou.

Os descendentes de Celina se tornaram muito mais ricos do que seus sobrinhos. Além de terem recebido os bens dos pais e quase toda a herança do tio Guilherme (que, junto com Celina, fora privilegiado no testamento de Cândido Gaffrée), assumiram o lugar do tio à frente dos maiores negócios da família, a Cia. Docas de Santos e o Banco Boavista.

Portanto, seriam os Guinle de Paula Machado os maiores responsáveis por dar continuidade à saga de seus antepassados.



Sede da Companhia Docas de Santos

MARC FERREZ / ACERVO DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL - BRASIL

OS HERDEIROS

Aconteceu em um dia qualquer de 1965, e depois dele nada seria como antes.

Carlos e Gilda Guinle esperavam, impacientes. Ela, sentada ao piano, dedilhava trechos de *Polonaises* de Chopin; ele folheava displicentemente a revista *Manchete*. As fotos de uma recepção oferecida pelo governo militar no palácio do Itamaraty, na nova capital da República, o irritaram e ele pensou em voz alta:

– Tudo em Brasília é de estética duvidosa. Os palácios, a decoração, as mulheres, as fardas. Um festival de mau gosto!

Gilda, sem parar de tocar, imediatamente comentou:

– No tempo do Washington Luís você era um defensor da nova capital. Dizia que era importante ocupar o interior brasileiro, promover o progresso, alavancar negócios, lembra?

Quando ele ia replicar, o mordomo entrou na sala, avisando:

– Eles já acabaram.

Incontinenti, o casal se dirigiu ao extraordinário salão do apartamento tríplice, na praia do Flamengo. Um de seus quadros preferidos, *Jacob busca los ídolos domésticos en la tienda de Raquel*, obra de grandes proporções (2,78m x 3,98m), do espanhol Bartolomé Murillo, fora vendido e acabara de ser retirado. Para Carlos, a venda era dolorosa também por ter sido um péssimo negócio. Através da prestigiada galeria Wildenstein de Nova York, o Museu de Arte de Cleveland, em Ohio, Estados Unidos, adquirira a principal pintura de sua coleção pela bagatela de 200 mil dólares. Antes da assinatura dos papéis, ele recebera uma oferta muito

mais alta mas declinara, alegando que sua palavra precisava ser honrada.¹

E então, no lugar da fantástica obra de arte, ficara aquela inconveniente e gigantesca mancha na parede. As pernas de Gilda bambearam. Ela se sentou e pediu uma dose dupla de uísque ao mordomo. O casal ficou em silêncio, sem saber o que dizer, e Gilda tentou esconder as lágrimas. Até que Carlos reuniu forças e disse, com voz visivelmente artificial:

— Fique tranquila, vamos pintar a sala, comprar outros quadros e dar uma festa para celebrar a nova decoração.

Ambos sabiam que seria impossível adquirir outra tela do mesmo valor e com as mesmas dimensões. Considerando todas as pinacotecas dos irmãos Guinle, essa era a pintura mais exclusiva.

Os Guinle precisaram de muito tempo para consolidar sua fortuna, seu poder e sua fama. Passo a passo, construíram uma fortaleza, em cujas bases estava fincado o porto de Santos; tal qual uma muralha de proteção para todos os seus negócios, ergueram o Banco Boavista; no topo resplandecia o Copacabana Palace, com todo o seu charme. Agindo como hábeis estrategistas, criaram a imagem de indestrutíveis: ótimas relações com o poder, acesso fácil aos meios de comunicação e atuação em setores diversos da vida nacional. Assim como os senhores de castelos, eram muitas vezes vistos como abençoados pela Providência e, portanto, fadados à felicidade. Mas foi com a chegada dos novos tempos, tornando obsoleta a cidadela medieval, que tudo ruiu.

Por incrível que pareça, o primeiro grande revés sofrido pela terceira geração da família se deu justamente no campo político, aquele em que a maioria de seus antepassados havia sido *expert*. Enquanto o Rio de Janeiro foi a capital federal, a porta do gabinete de todos os presidentes da República sempre esteve aberta para os filhos de Eduardo Palassim e Guilhermina. Arnaldo era acolhido calorosamente até para anunciar um simples convite para jogos do Fluminense. Carlos usava suas idas ao palácio do Catete para promover o Circuito da Gávea. Nos tempos de Getúlio, as relações se estreitaram ainda mais. Mesmo o playboy

Jorginho tinha acesso à sala da Presidência: no carnaval de 1960, por exemplo, Juscelino Kubitschek o recebeu para cumprimentar sua bela acompanhante, a atriz hollywoodiana Kim Novak. “Eles se divertiram muito, porque os dois eram de origem tcheca”, afirma Jorginho em sua biografia.

Com a capital do Brasil transferida para Brasília, em abril de 1960, a mais de mil quilômetros de distância, tornou-se, porém, impossível colocar em prática a velha máxima da matriarca Guilhermina, segundo a qual é “fundamental estar perto do comando político do país”. E seus filhos não souberam contornar a tempo essa virada nas peças do jogo. Nem sequer o talentoso Guilherme, que estava então à frente da família e acompanhou a construção da cidade no Planalto, foi capaz de perceber como os negócios ficariam mais difíceis longe dos protagonistas do poder. Os Guinle não souberam aquilatar a profundidade da transformação econômica e social pela qual o Brasil passava — entre 1957 e 1961, a riqueza do país crescia a uma taxa de 7% ao ano.

Também faltou aos netos de Guilhermina a capacidade de enxergar oportunidades que seus antepassados provavelmente não teriam deixado escapar. Os Guinle, que amavam os automóveis, não anteviram, por exemplo, que seria bastante interessante firmar sociedade com empresas como a Volkswagen, a Ford ou a General Motors. Pioneiros na construção de estradas, não tiveram a sagacidade de perceber que o Brasil seria em breve cortado por uma malha rodoviária robusta e que seria bastante vantajoso se envolver de peito aberto com esse segmento. Ou seja, os erros de estratégia fizeram com que o “polvo” dos Guinle, além de ficar distanciado do centro nervoso da política nacional, não acompanhasse os novos tempos. De certa forma, é como se a família tivesse perdido a capacidade tentacular.

Assim como a pavimentação de seu prestígio se dera de forma lenta, ao longo de gerações, o caminhar para a decadência seguiria ritmo semelhante. Após terem perdido, em meados dos anos 1950, o bonde da

história durante o desenvolvimentismo de JK, com o golpe militar de 1964 o porto de Santos, base de sua fortuna, seria atacado de modo fatal. Acionariamente, ele era controlado pelos filhos de Celina, em especial pelo segundo filho homem, Cândido Guinle de Paula Machado. Sobre ele, que era o sobrinho mais próximo do poderoso tio Guilherme, dizia-se que “só aprendeu a amarrar os sapatos aos quinze anos de idade. Até então, os empregados sempre fizeram o serviço por ele”.² Com tal falta de iniciativa, soa natural que Cândido não tenha tido o mesmo nível de eficiência do tio para enfrentar a guerra aberta pelos militares contra a família.

Durante a ditadura, com o beneplácito do regime e o apoio do governador paulista, Ademar de Barros, velho inimigo dos Guinle, o almirante Júlio de Sá Bierrenbach foi designado para impor o que foi chamado de “ordem no porto”. A finalidade da intervenção era punir os Guinle pelos diversos benefícios governamentais obtidos durante décadas. De forma arbitrária, os militares decretaram um confisco e a Cia. Docas de Santos perdeu, com uma simples penada, parte de seu patrimônio: a empresa não poderia mais corrigir contabilmente os valores de seus bens, que acabariam desvalorizados pela inflação. A punição foi tão severa que, pela primeira vez em sua história, os Guinle deixaram seus 7 mil acionistas sem o pagamento dos dividendos.

A herança se esvai

A família não se abalou com a passagem do Império para a República: caminhou incólume pela ditadura Vargas e driblou as críticas durante o período democrático. Após o golpe militar, contudo, não soube dançar conforme a música. Para se proteger, tentou se respaldar em alguns setores da mídia: um artigo em defesa da saúde financeira do porto de Santos escrito pelo banqueiro Mário Henrique Simonsen, depois ministro da Fazenda do presidente Ernesto Geisel, foi

publicado no *Diário de Notícias*, em 2 de novembro de 1969, e editoriais diversos alertando para as consequências do equívoco cometido contra o porto saíram em *O Globo* e no *Jornal do Commercio*. Todos redundaram inócuos.

Não foram apenas os problemas com os militares que fizeram os Guinle perderem o entusiasmo pelo porto. Em novembro de 1980, após 92 anos, a concessão chegou ao fim e suas instalações passaram ao controle estatal. Ao contrário do que acontecera por quase um século, agora não parecia mais haver motivo para investir em sua expansão. E o término de suas atividades teve um efeito arrasador, em termos financeiros, sobre os herdeiros de Eduardo Guinle, Guilherme, Carlos, Octávio e Celina.

Após a morte de Carlos e Gilda, seu primogênito, Jorginho, resolveu adotar o seguinte lema: “Não temos a mesma quantidade de dinheiro de um Rockefeller ou de um Vanderbilt: o truque é parecer um deles”. O estratagema deu certo por algum tempo — enquanto durou sua herança. O tríplex de 3 mil metros quadrados foi vendido para o armador José Carlos Fragoso Pires. Depois, foram torrados apartamentos diversos, obras de arte e terrenos em Teresópolis. Até ações judiciais não julgadas foram negociadas.

A venda da Granja Comary já havia sido caótica. Jorginho chamara os amigos para um último fim de semana em Teresópolis e o almoço fora no melhor estilo caviar e champanhe. Seu filho, Jorge Eduardo Guinle Filho, não queria ir, mas o pai insistiu, pois seria o momento de escolher móveis e objetos de arte. Na segunda-feira, um caminhão saiu da Granja levando o “lote” do rapaz, que, no entanto, nunca chegou a seu destino, como revelou seu companheiro, Marcos Rodrigues.³ Inexplicavelmente, os bens de Jorginho e de seus herdeiros sumiram sem que ninguém se movesse para tentar reavê-los.

Gabriel Guinle, filho caçula de Jorginho, conta que nos últimos anos de vida o pai foi pedir dinheiro ao primo banqueiro Francisco de Paula Machado. Não era mais para presentear atrizes famosas, mas sim para ter

o que comer. A resposta, no entanto, foi a de sempre: “Não!”. Jorginho dizia, segundo o filho: “Meu primo beija dinheiro. Ele é tão pão-duro, em sua mão fechada, mesmo se ele cruzar o oceano Atlântico um Alka-Seltzer não dissolve”.⁴

Por essa época, Jorginho se vestia com roupas puídas e se tratava em hospital público. O colunista social Jeff Thomas, no início dos anos 1990, registrava: “Jorginho é meu amigo de longa data. Teve, como se sabe, um vidão de playboy, ao longo do qual ele mesmo calcula ter gasto uns 20 milhões de dólares. Agora vive — ou sobrevive? — das poucas rendas que sobraram”.⁵ No dia de sua morte foi acolhido de favor em uma suíte do Anexo no Copacabana, pois “não queria morrer e ir para o céu, e sim morrer no céu”.⁶

Nem o ramo do proscrito Eduardo Guinle chegaria ao século XXI em situação de tamanha penúria como a dos filhos de Carlos e Gilda. Os netos do primogênito de Guilhermina tocaram a vida com os bens herdados em Nova Friburgo, entre eles o Park Hotel, e no Rio de Janeiro, os imóveis do Parque Guinle. Também sobreviveram algumas obras de arte do palacete do avô, preservadas como símbolo do passado glorioso.

O Boavista

Herdeiro do legado de Guilherme Guinle, o núcleo de Celina sempre foi o mais rico. Seu filho, o banqueiro Francisco de Paula Machado, aquele que negava dinheiro ao primo Jorginho, cuidava da segunda joia da coroa dos Guinle, o Banco Boavista. A instituição foi o único empreendimento da família que tirou proveito do bom momento econômico dos anos JK. Em 1964, também se adequou e manteve o prestígio, após a reforma do sistema bancário, quando as velhas e

tradicionais práticas de empréstimo e câmbio deram lugar às sofisticadas operações do *open market*.

A partir dos anos 1980, com o aumento da inflação, os bancos passaram a ganhar muito com os depósitos à vista realizados pelos clientes e, para isso, era fundamental uma política de ampliação do número de agências pelo país. O Boavista se empenhou mas só conseguiu implementar uma tímida expansão fora do Rio de Janeiro, enquanto os concorrentes se espalhavam por outros estados de forma agressiva. Foi quando, competindo com grandes conglomerados estruturados nacionalmente, o banco de Guilherme começou a bambear.

Para agravar o quadro, no governo do presidente Fernando Henrique Cardoso o setor foi aberto ao capital externo, acirrando a concorrência e comprometendo de forma irreversível a saúde financeira do Boavista. Finalmente, o banco foi vendido em 1997 — pelo valor simbólico de um real — ao consórcio formado pelo grupo nacional Monteiro Aranha, dos empresários Olavo e Baby Monteiro de Carvalho, o grupo lusitano Espírito Santo e o banco francês Crédit Agricole. Em maio de 2002, Olavo Monteiro revelou em entrevista: “Os últimos anos não foram os mais brilhantes na trajetória de quase noventa anos do Monteiro Aranha. Uma jogada infeliz, a aquisição do Banco Boavista, mergulhou o grupo no que parecia ser ‘um poço sem fundo’”.⁷

Beneficiados por sucessivas heranças, os Guinle de Paula Machado seguiram, no entanto, donos de um respeitável patrimônio. No início do século XXI, ainda sobreviviam regamente vendendo bens herdados do tio Guilherme.

Já sem o porto, alguns Guinle da terceira geração resolveram aproveitar-se do estímulo dado pelo regime militar ao desenvolvimento de uma indústria genuinamente brasileira de informática: ao longo de oito anos, de 1984 até 1992, empresas nacionais não sofreriam com a concorrência das multinacionais. Assim, como nos tempos áureos da família, descendentes de Celina e Eduardo Guinle uniram-se e criaram a

empresa Elebra, que chegou a ser uma das maiores do ramo no país. Porém, não conseguiram prever que, com o fim da reserva de mercado e a abertura para as firmas estrangeiras de informática, a disputa poderia ser mortal. A Elebra não resistiu.

O Copacabana

Havia ainda um último bastião de resistência: o Copacabana Palace. O hotel mergulhara em uma séria crise após a morte de Octávio, em 1968. Sua viúva, dona Mariazinha, que não havia sido preparada para gerenciar o empreendimento, recebeu-o em situação financeira difícil. O negócio não pertencia mais apenas a ela e aos filhos, já que Octávio havia contraído empréstimos com Guilherme e essa dívida acabara se transformando em sociedade, que, por sua vez, fora herdada pelos sobrinhos Paula Machado.

A primeira decisão de dona Mariazinha foi cortar despesas. Na gestão de Octávio, o Copacabana tivera a maior taxa de empregados por apartamento do planeta. Sem contar que a estrutura incluía galinheiro, açougue, carpintaria, gráfica, oficina de restauração e estofamento, entre outros setores, algo que, no fim do século XX, era desnecessário.

Os cortes, no entanto, foram praticamente neutralizados pela política de incentivo a investimentos internacionais na área turística implantada nos anos 1970 pelos militares, que tirou do hotel o monopólio da hospedagem de luxo. Doravante, ele passaria a concorrer com outros cinco estrelas na mesma praia, entre eles o Méridien, o Othon e o Rio Palace, projetados a partir de uma concepção mais moderna de hotelaria. Um exemplo de como o Copacabana estava defasado residia no fato de não haver aparelhos de ar-condicionado nos quartos.

Com esforço, dona Mariazinha realizou uma grande reforma, e não tardou a pipocarem ofertas de compra. Uma das ideias acalentadas por seus filhos era erguer no terreno prédios comerciais, um deles de 32

andares. Com o tombamento da construção pelo Iphan, por iniciativa do regime militar, o projeto de demolição teve de ser abandonado e o hotel continuou vivendo de sua fama, que ainda atraía personalidades como o roqueiro Mick Jagger, Gianni Agnelli (dono da Fiat) e o cineasta americano Steven Spielberg.

Em 1982, o empresário da noite Ricardo Amaral tentou reviver os dias de glória do Golden Room, que havia encerrado suas atividades por falta de público em 1970, e promoveu alguns espetáculos, mas sem o encanto de outros tempos. O Copacabana Palace, “laje básica” da família, como definiu Georgiana Guinle,⁸ filha de Jorginho, acabou sendo vendido em 1989, após uma difícil negociação com o empresário americano James Blair Sherwood.

Durante as conversações, as diferenças entre os herdeiros de Octávio e os de Guilherme se evidenciaram. Verdadeiros gerentes do hotel, Luiz Eduardo e José Eduardo, filhos de Octávio, acreditavam que só o negócio com Sherwood salvaria o empreendimento, mas seus primos não tinham tanta certeza disso, o que quase interrompeu a transação. Sua concretização impediu que o hotel fosse descaracterizado e, após um milionário investimento de quase 50 milhões de dólares — o dobro do que fora pago por sua aquisição —, o Copacabana foi, enfim, modernizado, com a ampliação do número de quartos, instalação de um *business center* e isolamento de som externo. Com sua venda, o glamour dos Guinle chegava ao fim.

Como nenhuma outra

Na história recente do país algumas poucas famílias enriqueceram de forma tão espetacular quanto os Guinle. Uma estirpe 100% brasileira, explorando concessões públicas, montou o maior império nas telecomunicações do país; um clã de italianos construiu o mais sólido conglomerado empresarial do continente; uma linhagem de suíços

tem, em seu portfólio, entre outros bens, a maior cervejaria do mundo. Mas nenhuma dessas famílias influenciou tanto a formação da identidade brasileira e muito menos ergueu em torno do seu nome uma aura tão forte de sofisticação.

Como nenhum outro clã, os Guinle, desde o fim do século XIX, souberam se mostrar como grupo capitalista moderno. Assim, quando Getúlio chegou ao poder, em 1930, e quis dar ao Brasil uma dimensão mais urbana e cosmopolita, afastando as velhas elites produtoras de café, ninguém conseguiu desempenhar tão bem esse papel como eles, passando a imagem de responsável pelo engrandecimento do novo país que surgia. Na segunda metade do século seguinte, no entanto, os Guinle se tornaram tão arcaicos quanto as elites agrárias que outrora ajudaram a tirar de cena.

Em sua fase de ouro, cravaram marcos arquitetônicos como o Park Hotel, em Nova Friburgo, a Granja Comary, em Teresópolis, e o Copacabana Palace, no Rio de Janeiro, entre outros exemplos. Em termos musicais, promoveram Pixinguinha, Villa-Lobos e a Orquestra Sinfônica Brasileira. Nos esportes, transformaram o futebol em paixão nacional e despertaram o gosto do brasileiro pelo automobilismo. Doaram um riquíssimo patrimônio aos museus de todo o Brasil. Portanto, apesar de tudo, os ecos do passado ainda conferem prestígio ao sobrenome Guinle.

Em fins do século XX, quando não havia mais nada para ser doado, a família deu uma última demonstração de generosidade. Como o bairro de Botafogo fora tomado por um surto imobiliário que botou abaixo centenas de casas, deixando as crianças das redondezas sem espaço para brincar, Celina abriu para elas os jardins de sua magnífica residência, na rua São Clemente.

O genial Nelson Rodrigues, em “À Sombra das Chuteiras Imortais”, foi definitivo: “(...) o dinheiro não explica a grande e obsessiva presença dos Guinle na vida brasileira. O que realmente fascinava era uma certa

atmosfera, ou, sei lá, um certo comportamento social e humano, a soma de certos valores espirituais”.⁹

Notas

1.

EDUARDO PALASSIM GUINLE

- ☞1. A propriedade fica na esquina da rua São Clemente com a atual rua Guilhermina Guinle, cuja continuação se chama rua Eduardo Guinle, numa homenagem ao casal.
- ☞2. O valor inicialmente calculado para a construção do porto de Santos era de, aproximadamente, **3,8** mil contos de réis.
- ☞3. Empresas com mais de **30** mil-réis de capital eram consideradas grandes, e o da Aux Tuileries era de **25** mil-réis. Ver: C. Honorato, *O polvo e o porto*.
- ☞4. C. Honorato, op.cit.
- ☞5. O total teria sido de **29** mil-réis. Ver: C. Honorato, op.cit.
- ☞6. M. de los Rios, *O Rio de Janeiro imperial*.
- ☞7. Depoimento dado ao autor em **2013** pela historiadora Ana Laura Leitzke.
- ☞8. J. Guinle, *Um século de boa vida*.
- ☞9. Não foi possível encontrar a documentação sobre as subempreitadas das ferrovias que Eduardo Palassim e Cândido Gaffrée construíram. Ver: C. Honorato, op.cit.
- ☞10. G. Sanglard, *Entre os salões, a saúde e a ciência no Rio de Janeiro, 1920-1940*.
- ☞11. C. Honorato, op.cit.
- ☞12. Depoimento dado ao autor em **2013** por Marcos Ferreira da Rosa.
- ☞13. O professor de história americano J.D. Needell diz, em *Belle époque tropical*, que Eduardo Palassim deu um “golpe de proporções inacreditáveis”. Questionado sobre o tema pelo autor em **2012**, Needell desconversou e alegou problemas com a tradução na versão brasileira de seu livro.
- ☞14. “O capital das Docas equivalia ao somatório dos capitais sociais de dezessete grandes indústrias têxteis do Rio de Janeiro e de São Paulo (...). Caso utilizemos os dados das **43** indústrias têxteis em todo o Brasil a que temos acesso ao capital social, fundadas entre **1834** e **1895**, encontraríamos um total de **27.817:000\$000**, apenas **30%** maior do que o capital da Cia. Docas de Santos”, C. Honorato, op.cit.
- ☞15. C. Honorato, op.cit.

- ☞**16.** Depoimento dado ao autor em 2013 por Carlota Gaffrée, sobrinha-neta de Cândido. Os Guinle de baixa estatura eram Carlos, Arnaldo e Celina.
- ☞**17.** Depoimento dado ao autor em 2012 por Henrique Tamm.
- ☞**18.** G.M. Barros, *Guilherme Guinle — 1882.1960*.
- ☞**19.** Depoimento dado ao autor em 2013 por Mylton Severiano da Silva, biógrafo de Jorginho Guinle.
- ☞**20.** G. Sanglard, op.cit.
- ☞**21.** A crise econômica do início do período republicano, entre 1894 e 1895, ficou conhecida como Crise do Encilhamento.
- ☞**22.** C. Honorato, op.cit.
- ☞**23.** M.L.C. Gitahy, *Ventos do mar*.
- ☞**24.** C. Honorato reproduz a seguinte citação de Newton Oliveira em *O polvo e o porto*, p.131: “Em 1894, quando os preceitos industriais da Ford ainda estavam em seus primórdios, já podemos observar no Brasil formulações tão acabadas que, num só lance, pretendem enquadrar e estimular a mão de obra. É a partir dessa constatação que defendemos o ponto de vista de que a Cia. Docas de Santos, na sua implantação, constitui um caso de fordismo *avant la lettre*”.
- ☞**25.** A.L.D. Lanna, op.cit.
- ☞**26.** M.L.C. Gitahy, *Ventos do mar*.
- ☞**27.** A.L.D. Lanna, op.cit.
- ☞**28.** Site do porto de Santos, disponível em: <www.portodesantos.com.br/>. Acesso em: 30 set 2014.
- ☞**29.** C. Honorato, op.cit.

2.

EDUARDO GUINLE

- ☞**1.** R.C. de M. Cattan, *A família Guinle e a arquitetura do Rio de Janeiro*.
- ☞**2.** Depoimento dado ao autor em 2013 por Carmen Gueiros, afilhada de Carlos Guinle.
- ☞**3.** Idem.
- ☞**4.** Idem.
- ☞**5.** Depoimento dado ao autor entre 2012 e 2013 por Teresa Guinle Peixoto e Maria Helena Flores Guinle.

- ☞6. Depoimento de César Guinle colhido no acervo da Casa de Rui Barbosa.
- ☞7. C. Lessa, *O Rio de todos os Brasís*.
- ☞8. R.C. de M. Cattan, op.cit.
- ☞9. C. Hansen, *Guinle e Cia. e CBEE*.
- ☞10. Depoimento dado ao autor em 2012 por Ruy Solberg.
- ☞11. R. Castro, *O Anjo Pornográfico*.
- ☞12. Idem.
- ☞13. P. Francis, *Diário Carioca*, 1955.
- ☞14. Segundo o site <<http://geneall.net/pt/>> (acesso em: 20 ago 2014), o casal teve doze filhos: Eduardo Guinle Neto, Heloísa Maria Guinle, Celina Maria Guinle, Tereza Maria Guinle, Guilherme Eduardo Guinle, Branca Maria Guinle, Arnaldo Eduardo Guinle, Francisco Eduardo Guinle, Jorge Eduardo Guinle, Mario Eduardo Guinle, Paulo Eduardo Guinle e Gilberto Eduardo Guinle.
- ☞15. L. Vidal, *As lágrimas do Rio*.

3.

GUILHERME

- ☞1. *Gazeta de Notícias*, 28 de dezembro de 1919.
- ☞2. G.M. Barros, *Guilherme Guinle — 1882.1960*.
- ☞3. Depoimento de Floresta de Miranda, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*.
- ☞4. Idem.
- ☞5. G.M. Barros, op.cit.
- ☞6. A.M. Saens, *Light vs CBEE*.
- ☞7. Idem.
- ☞8. G.M. Barros, op.cit.
- ☞9. Idem.
- ☞10. Idem.
- ☞11. Idem.
- ☞12. Idem.
- ☞13. Depoimento de Macedo Soares ao CPDoc.

- ☞**14.** O interventor era uma pessoa de confiança do presidente, nomeada para o governo de cada estado.
- ☞**15.** G.M. Barros, op.cit.
- ☞**16.** Depoimento de Macedo Soares ao CPDoc.
- ☞**17.** G.M. Barros, op.cit.
- ☞**18.** Depoimento de Macedo Soares ao CPDoc.
- ☞**19.** Trecho disponível em: <www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/getulio-vargas/discursos-1/1943/03.pdf>. Acesso em: 22 ago 2014.
- ☞**20.** G.M. Barros, op.cit.
- ☞**21.** Idem.
- ☞**22.** Depoimento dado ao autor em 2013 por Carmen Gueiros.
- ☞**23.** A magnífica residência, cujo jardim se confundia com a vegetação da Mata Atlântica, hoje abriga o Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro, no Parque da Cidade, Gávea.
- ☞**24.** Depoimento dado ao autor em 2013 por Carmen Gueiros.
- ☞**25.** G.M. Barros, op.cit.
- ☞**26.** Idem.
- ☞**27.** Idem.
- ☞**28.** Depoimento de Macedo Soares ao CPDoc.
- ☞**29.** Idem.
- ☞**30.** G.M. Barros, op.cit.

4.

ARNALDO

- ☞**1.** Depoimento dado ao autor em 2013 por Carmen Gueiros.
- ☞**2.** João do Rio, *Pall Mall Rio*.
- ☞**3.** P. Coelho Neto, *História do Fluminense*.
- ☞**4.** N. Rodrigues, *O Globo*, 1963.
- ☞**5.** Depoimento dado ao autor em 2013 por José Eduardo Guinle.
- ☞**6.** Depoimento dado ao autor em 2013 por Luiz Eduardo Guinle.
- ☞**7.** Depoimento dado ao autor em 2013 por Octávio Guinle, o Otavinho.
- ☞**8.** Depoimento dado ao autor em 2013 por Maggui de Broux.

- ☞**9.** Catálogo da Coleção dr. Arnaldo Guinle — Ernani Leiloeiro.
- ☞**10.** Depoimento de Floresta de Miranda, *Revista do Instituto Histórico Brasileiro*.
- ☞**11.** O conjunto Os Oito Batutas, também conhecido como Os Batutas, era formado por apenas sete integrantes: Pixinguinha, Donga, Raul Palmieri, Nelson Alves, China, José Alves e Luis de Oliveira.
- ☞**12.** S. Cabral, *Pixinguinha — Vida e obra*.
- ☞**13.** Idem.
- ☞**14.** Em 1929, Villa-Lobos repassaria essas pesquisas ao escritor modernista Mário de Andrade.
- ☞**15.** M. Negwer, *Villa-Lobos*.
- ☞**16.** Depoimento enviado por e-mail ao autor em 2012 por S. Cabral.
- ☞**17.** *Diário Carioca*, 1955.
- ☞**18.** R. Castro, *O Anjo Pornográfico*.
- ☞**19.** F. de Miranda, *Diário Carioca*, 1955.

5.

CARLOS

- ☞**1.** Depoimento dado ao autor em 2013 por Carmen Gueiros.
- ☞**2.** C. Nabuco, *Oito décadas*.
- ☞**3.** Depoimento dado ao autor em 2013 por Cesarina Riso.
- ☞**4.** C. Nabuco, op.cit.
- ☞**5.** *O Paiz*, 1926.
- ☞**6.** *O Paiz*, 1928.
- ☞**7.** Idem.
- ☞**8.** Getúlio Vargas, *Diário*.
- ☞**9.** *Correio da Manhã*, 1940.
- ☞**10.** *Correio da Manhã*, 1936.
- ☞**11.** A. Rubinstein, *My Many Years*.
- ☞**12.** Idem.
- ☞**13.** J. Guinle, *Um século de boa vida*.
- ☞**14.** R.C. de M. Cattán, *A família Guinle e a arquitetura do Rio de Janeiro*.

☞**15.** Muniz Sodré, disponível em:

<www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/fd260820031.htm>. Acesso em: 20 set 2014.

☞**16.** Nos melhores cabarés da cidade, como o Chez Florence, o “papel” era vendido no banheiro por cinquenta francos. J. Guinle, *Um século de boa vida*.

☞**17.** J. Guinle, op.cit.

☞**18.** Idem.

☞**19.** Idem.

☞**20.** Idem.

☞**21.** Idem.

☞**22.** Depoimento dado ao autor em 2013 por Carmen Gueiros.

☞**23.** Depoimento dado ao autor em 2013 por Marcos Rodrigues.

☞**24.** J. Mauro, *Café-Society Confidencial*.

☞**25.** Idem.

☞**26.** I. Sued, *Ibrahim Sued*.

☞**27.** S. Peterzzoni, *Rio, pra não chorar*.

☞**28.** J. Mauro, op.cit.

☞**29.** Depoimento dado ao autor em 2013 por Henrique Tamm.

6.

OCTÁVIO

☞**1.** *Correio da Manhã*, 5 fev 1914.

☞**2.** Depoimento dado ao autor em 2013 por Octávio Guinle, o Otavinho.

☞**3.** D.D. Danon e B.L. de Toledo, *São Paulo*.

☞**4.** “Balada do Esplanada”: “Ontem de noite eu procurei/ Ver se aprendia como é que se fazia/ Uma balada, antes de ir pro meu hotel/ É que esse coração/ Já se cansou de viver só/ E quer então/ Morar contigo no Esplanada

Contigo no Esplanada/ Pra respirar/ Abro a janela/ Como um jornal/ Eu vou fazer a balada/ Fazer a balada/ Do Esplanada e ficar sendo o menestrel/ E ficar sendo/ O menestrel do meu hotel/ Do meu hotel/ Mas não há poesia em um hotel/ Nem mesmo sendo/ O Esplanada, um grande hotel/

Há poesia na dor, na flor, no beija-flor/ Na dor, na flor, no beija-flor, no elevador/ No elevador.”

- ☞5. M. Nabuco, *Reflexões e reminiscências*.
- ☞6. R. Boechat, *Copacabana Palace*.
- ☞7. Idem.
- ☞8. Idem.
- ☞9. Depoimento dado ao autor em 2013 por Luiz Eduardo Guinle.
- ☞10. Idem.
- ☞11. R. Boechat, op.cit.
- ☞12. J. Perdigão e E. Conradi, *O rei da roleta*.
- ☞13. *O Estado de S. Paulo*, 14 mai 1924.
- ☞14. *A Noite*, 2 fev 1932.
- ☞15. *A Noite*, 14 mai 1932.
- ☞16. Idem.
- ☞17. *Correio da Manhã*, 19 fev 1933.
- ☞18. *O Paiz*, 1924.
- ☞19. *Correio da Manhã*, 3 jan 1937.
- ☞20. Depoimento dado ao autor em 2013 por Octávio Guinle, o Otavinho.
- ☞21. Getúlio Vargas, *Diário*.
- ☞22. Depoimento dado ao autor em 2013 por Luiz Eduardo Guinle.
- ☞23. *Correio da Manhã*, 1948.
- ☞24. Idem.
- ☞25. S. Cabral, Introdução, in S. Petterzoni, *Rio, pra não chorar*.
- ☞26. R. Boechat, op.cit.
- ☞27. Depoimento dado ao autor em 2013 por Jorge Freitas.

7.

CELINA E HELOÍSA

- ☞1. Depoimento dado ao autor em 2013 por Marcos Ferreira da Rocha.
- ☞2. Idem.
- ☞3. Idem.
- ☞4. Depoimento dado ao autor em 2013 por Luiz Eduardo Guinle.
- ☞5. J. Needell, *Belle époque tropical*.
- ☞6. *Diário Carioca*, 11 out 1955.

- ☞7. Depoimento dado ao autor em 2013 por Ana Maria Silva de Abreu.
- ☞8. Depoimento dado ao autor em 2013 por Marina Araújo.
- ☞9. J. Mauro, *Café-Society Confidencial*.
- ☞10. Depoimento dado ao autor em 2013 por Marina Araújo.

OS HERDEIROS

- ☞1. Depoimento dado ao autor em 2013 por Marcos Rodrigues.
- ☞2. *Veja*, 10 out 1997.
- ☞3. Depoimento dado ao autor em 2013 por Marcos Rodrigues.
- ☞4. Depoimento dado ao autor em 2013 por Gabriel Guinle.
- ☞5. Jeff Thomas, *O crepúsculo dos socialites*.
- ☞6. Depoimento dado ao autor em 2013 por Claudia Fialho.
- ☞7. Disponível em <www.istoedinheiro.com.br/noticias/negocios/20020313/nova-investida-olavo/19973.shtml>. Acesso em: 23 ago 2014.
- ☞8. Disponível em: <<http://lulacerda.ig.com.br/2011/08/page/29/>>. Acesso em: 25 ago 2014.
- ☞9. *O Globo*, 9 fev 1969.

Bibliografia

Livros

- ABIUSO, Marina e Soledad Vallejos. *Amalita la biografia*. Buenos Aires: Sudamericana, 2013.
- ALONSO, Angela. *Joaquim Nabuco*. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.
- AMERICANO, Jorge. *São Paulo atual — 1935-1962*. São Paulo: Melhoramentos, 1963.
- APOLANT, Juan Alejandro. *Génesis de la familia uruguaya*. Montevideu: IHG Del Uruguay, 1966.
- ANDRADE, Oswald de. *Um homem sem profissão*. São Paulo: Globo, 2000.
- BARBOSA, Francisco de Assis. *Retratos de família*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.
- BARMAN, Roderick J. *Princesa Isabel do Brasil. Gênero e poder no século XIX*. São Paulo: Unesp, 2002.
- BARRETO, Lima. *Os Bruzundangas*. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- BARROS, Geraldo Mendes. *Guilherme Guinle — 1882-1960*. Rio de Janeiro: Agir, 1982.
- BEAUX, Armindo. *Franceses no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Metrópole, s/d.
- BEDÊ, Waldyr Amaral. *Volta Redonda na Era Vargas (1941-1964)*. Volta Redonda: SMC/PMVR, 2004.
- BELL, Quentin. *On Human Finery*. Nova York: Schocken Books, 1976.
- BENCHIMOL, J.L. *Pereira Passos — Um Haussmann tropical*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes/Departamento Geral de Documentos e Informação Cultural, 1992.
- BOECHAT, Ricardo. *Copacabana Palace — Um hotel e sua história*. São Paulo: DBA, 2009.
- BRACONAY, Claudio Maria. *La Legión Francesa en la defensa de Montevideo*. Montevideu: Claudio Garcia & Cia., 1945.
- BUARQUE, Paulo Jorge. *Linneo de Paula Machado — 1880.1942. Perfil biográfico*. Rio de Janeiro: Gráfica e Editora de Livros Ltda., 1980.
- CABRAL, Sérgio. *Pixinguinha — Vida e obra*. Rio de Janeiro: MEC/Funarte, 1978.
- CALDEIRA, Jorge. *Mauá — Empresário do Império*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

CARVALHO, Elysio de. *Esplendor e decadência da sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Garnier, 1911.

CASTRO, Ruy. *O Anjo Pornográfico*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

CERQUEIRA, Bruno da Silva Antunes de (org.). *D. Isabel I a Redentora*. Rio de Janeiro: Instituto D. Isabel, 2006.

CHAVS, Nina. *Paris via Varig*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

COELHO NETO, Paulo. *História do Fluminense*. Rio de Janeiro: s/e, 1969.

COLL, Steve. *Os Bin Laden. Uma família árabe no século americano*. São Paulo: Globo, 2008.

CORRÊA, Sérgio Nepomuceno Alvim. *Orquestra Sinfônica Brasileira*. Rio de Janeiro: Funarte, 2004.

COSTA, Lucio. *Arquitetura*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

COSTA, Sergio Correa da. *Crônica de uma guerra secreta*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

DANON, Diana Dorothea e Benedito Lima de Toledo. *São Paulo — Belle époque*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1974.

DUARTE, Paulo Queiroz. *Os voluntários da pátria*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1992.

DUMAS, Alejandro. *Montevideo, ó, una Nueva Troya*. Montevideu: Imprenta y Librería Del Plata, 1893.

DUPREY, Jacques. *Voyage aux origines Française de l'Uruguay*. Montevideu: Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay, 1952.

_____. *Voyage aux origines de l'Uruguay*. Montevideu: Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay, 1952.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1994.

FIALHO, A. Veiga. *A compra da Light*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

FRAGOSO, Augusto Tasso. *História da guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*. Rio de Janeiro: Bibliex, 2009.

FREITAS, Zoé Chagas. *Palácio das Laranjeiras*. Rio de Janeiro: Banerj/Sobreart, 1982.

FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 2003.

GAULD, Charles Anderson. *The Last Titan: Percival Farquhar, American Entrepreneur in Latin America*. Stanford: Stanford University, 1964.

GERSON, Brasil. *História das ruas do Rio*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2000.

- GITAHY, Maria Lúcia Caira. *Ventos do mar: Trabalhadores do porto, movimento operário e cultura urbana em Santos, 1889-1914*. Santos: Unesp, 1992.
- GRANDIN, Greg. *Fordlândia*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.
- GUIMARÃES, Cêça de. *Lucio Costa*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.
- GUINLE, Jorge. *Um século de boa vida*. São Paulo: Globo, 1997.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Quando o Brasil era moderno*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.
- HONORATO, Cezar. *O polvo e o porto. A Cia. Docas de Santos (1888-1914)*. São Paulo/Santos: Hucitec, 1996.
- ISABELLE, Arsenio. *Immigration et colonisation dans Le Rio Grande do Sul — La Republique de l'Uruguay et tout bassin de La Plata*. Montevidéo: s/e, 1850.
- JOÃO DO RIO. *Pall Mall Rio*. Rio de Janeiro: Villas Boas, s/d.
- LANNA, Ana Lúcia Duarte. *Uma cidade na transição. Santos: 1870-1913*. São Paulo/Santos: Hucitec, 1996.
- LEMEISZEK, Cláudio de Leão. *Bagé — Relatos de sua história*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997.
- LESSA, Carlos. *O Rio de todos os Brasís — Uma reflexão em busca de autoestima*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- LLOSA, Mario Vargas. *La fiesta del chivo*. Montevidéo: Santillana, 2011.
- LOBATO, Monteiro. *O escândalo do petróleo e ferro*. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- LOBO, Hélio. *Docas de Santos — Suas lutas e realizações*. Rio de Janeiro: Typ. Jornal do Commercio, 1936.
- LOTTMAN, Herbert R. *A dinastia Rothschild*. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- MARMIER, Xavier. *Crônicas de Buenos Ayres y Montevideo en la Guerra Grande*. Montevidéo: Arca, 2006.
- MARTINS, Luiz Dodsworth. *Presença de Paulo de Frontin*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1966.
- MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira, vol.II (1794-1855)*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- MAURO, José. *Café-Society Confidencial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.
- MIRANDA, José Tavares de. *Boas maneiras e outras maneiras*. São Paulo: Bestseller, 1965.

MORAES, Frederico. *Cronologia das artes plásticas no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

MORALES DE LOS RIOS. *O Rio de Janeiro imperial*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

MOLICA, Fernando. *O inventário de Julio Reis*. Rio de Janeiro: Record, 2012.

MORAIS, Fernando. *Chatô — O rei do Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

NABUCO, Carolina. *A sucessora*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

_____. *Oito décadas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

NABUCO, Maurício. *Reminiscências sérias e frívolas*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1969.

_____. *Reflexões e reminiscências*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

NEGWER, Manuel. *Villa Lobos — O florescimento da música brasileira*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

O'DONNELL, Julia. *De olho na rua — A cidade de João do Rio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. *A invenção de Copacabana*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

PERDIGÃO, João e Euler Conradi. *O rei da roleta — A incrível história de Joaquim Rolla*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012.

PEREDA, Setembrino E. *Los extranjeros en la Guerra Grande*. Montevideu: El Siglo Ilustrado, 1904.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A burguesia gaúcha*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

PETTERZONI, Sérgio. *Rio, pra não chorar*. Rio de Janeiro: Catau, 1995.

PONGETTI, Henrique. *O carregador de lembranças*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1962.

PORTO ALEGRE, Achylles. *Homens ilustres do Sul*. Porto Alegre: Livraria Selbach, s/d.

_____. *Palavras ao vento*. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1925.

PRIORE, Mary Del e Victor Andrade de Melo (orgs.). *História do esporte no Brasil*. São Paulo: Unesp, 2009.

REICH, Cary. *The Life of Nelson Rockefeller — Worlds to Conquer 1908-1958*. Nova York: Doubleday, 1996.

RUBINSTEIN, Arthur. *My Many Years*. Londres: Hamish Hamilton Paperback, 1980.

SALIS, Eurico. *História de Bagé*. Porto Alegre: Globo, 1955.

SAMPAIO, Antonia de Oliveira. *Escrevendo a história de nossos antepassados*. Pelotas: Pallotti, 2004.

- SANDER, Roberto. *Sul-Americano de 1919. Quando O Brasil descobriu o futebol*. Rio de Janeiro: Maquinária Editora, 2009.
- SANGLARD, Gisele. *Entre os salões, a saúde e a ciência no Rio de Janeiro, 1920-1940*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). *História da vida privada no Brasil 4*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- SINGER, Paul. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1977.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa brasileira no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.
- SPALDING, Walter. *Pequena história de Porto Alegre*. Porto Alegre: Sulina, 1967.
- SUED, Ibrahim. *30 anos de reportagem*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- SUED, Isabel (org.). *Ibrahim Sued — Em sociedade tudo se sabe*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- TEIXEIRA, Palmira Petratti. *A fábrica do sonho — Trajetória do industrial Jorge Street*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- THOMAS, Jeff. *O crepúsculo dos socialites — Ascensão e queda*. Rio de Janeiro: Gráfica Portinho Cavalcanti, s/d.
- _____. *Soçaité boia-fria — O livro maldito dos colunáveis*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- TORTEROLO, Leogard Miguel. *La Légion Française a Montevideo*. Montevideo: Imprimerie de L'État Major de l'Armée, 1921.
- VANDERBILT II, Arthur T. *Fortunes Children — The Fall of the House of Vanderbilt*. Nova York: Quill William Morrow, 1989.
- VARGAS, Getúlio. *Diário*. Rio de Janeiro: Siciliano/FGV, 1995.
- VERSEN, Max von. *História da Guerra do Paraguai*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.
- VIDAL, Laurent. *As lágrimas do Rio — O último dia de uma capital — 20 de abril de 1960*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- VILLETE, Michel e Catherine Viullermont. *From Predators to Icons*. Londres: ILR Press, 2009.
- WÜNSCH, Fery. *Memórias de um maître de hotel*. Rio de Janeiro: Edição Particular, 1983.

Trabalhos acadêmicos

ABREU, Martha. “Histórias musicais da Primeira República”. Artigo publicado na revista *ArtCultura* do Instituto de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, jan-jun 2011.

BARBOSA, Marco Aurélio Gomes. *A organização profissional contábil no Estado do Rio Grande do Sul no período de 1882 a 1947*. Trabalho apresentado na 10ª Mostra de Produção Universitária da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), out 2011.

BASTOS, Rafael José de Menezes. “Les Batutas, 1922 — Uma antropologia da noite parisiense”. Artigo publicado na revista *Vibrant*, vol.4, 2007.

CATTAN, Roberto Correia de Mello. *A família Guinle e a arquitetura do Rio de Janeiro — Um capítulo do ecletismo carioca nas duas primeiras décadas do Novecentos*. Dissertação de mestrado. Departamento de História, PUC-Rio, 2003.

COELHO, Wladimir Tadeu Silveira. “Monopólio estatal do petróleo no Brasil — A criação da Petrobras”. Artigo publicado na revista *História, Imagem e Narrativas*, abr 2009.

COSTA, Fernando Nogueira da. *Bancos e crédito no Brasil — 1945-2007*. Disponível em: <<https://fernandonogueiracosta.files.wordpress.com/2010/01/bancos-e-credito-no-brasil-fernando-n-costa-bbs.pdf>>. Acesso em: 24 ago 2014.

FERNANDEZ, Renato Lanna. *Fluminense FootBall Club — A construção de uma identidade clubística no futebol carioca (1902-1933)*. Dissertação de mestrado em História, Política e Bens Culturais. FGV, mar 2010.

FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz. *A Biblioteca de Rui Barbosa — Uma concepção de cidadania*. Disponível em: <http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212979382_ARQUIVO_AbibiotecadeRui.cidadania.pdf>. Acesso em: 24 ago 2014.

FERRER, Francisca Carla Santos. *Brasil e Uruguai — A “fronteira viva” como estopim para a eclosão da Guerra do Paraguai*. Trabalho publicado na revista *História* da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), n.3, 2010.

HANSEN, Cláudia Regina Salgado de Oliveira. *Guinle e Cia. e CBEE — Os Guinle no setor de eletricidade brasileiro do século XX*. Dissertação de mestrado. Departamento de História, UFF, 2012.

LIMA, Lúcia de Meira. *O Palace Hotel — Um espaço de vanguarda no Rio de Janeiro*.

Disponível em:

<http://www.casaruibarbosa.gov.br/escritos/numero01/FCRB_Escritos_1_5_Claudia_Oliveira.pdf>. Acesso em: 24 ago 2014.

MELO, Victor A. de. *Possíveis representações sobre o turfe na sociedade carioca do século XIX*.

Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd9/turf91p.htm>>. Acesso em: 25 ago 2014.

MOLINA, Wagner de Souza Leite. “A reestruturação do sistema bancário brasileiro nos anos 90 — Menos concorrência e mais competitividade?” *Intellectus*, Revista Acadêmica Digital das Faculdades Unopec, 24 ago 2014.

NEVES, Natalia Hunstock. *Cassinos brasileiros e sua relação com o turismo — Do glamour das roletas à clandestinidade*. TCC. Graduação em Turismo da UFF, 2009.

OLIVEIRA, Marcio Piñon. *A indústria elétrica no Brasil no início do século XX — A Companhia Brasileira de Energia Elétrica e a atuação do grupo Guinle e Cia. na produção do urbano e suas redes técnicas*. Trabalho apresentado no Simpósio Internacional Globalización, Innovación y Construcción de Redes Técnicas Urbanas en América y Europa, 1890-1930, Barcelona, jan 2012.

SAENS, Alexandre Macchine. *Light vs CBEE — Energia elétrica na formação da indústria brasileira — 1906-1920*. Tese de doutorado. Unicamp, 2008.

SARMENTO, Carlos Eduardo. *Regras do jogo — Uma história institucional da CBF*. Pesquisa do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDoc/FGV), 2006.

Jornais

A Estação ☞ *A Manhã* ☞ *A Noite* ☞ *A Reforma* ☞ *Correio da Manhã* ☞ *A Crítica* ☞ *Diário Carioca* ☞ *Diário da Noite* ☞ *Diário de Notícias* ☞ *Diário Popular* ☞ *O Estado de S. Paulo* ☞ *Gazeta de Notícias* ☞ *Jornal da Tarde* ☞ *Jornal do Brasil* ☞ *L'Étoile du Sud* ☞ *Le Patriote Français* ☞ *O Globo* ☞ *O Imparcial* ☞ *O Jornal* ☞ *O Malho* ☞ *O Paiz* ☞ *Revista da Semana* ☞ *Última Hora*

Depoimentos

☞ Museu da Imagem e do Som: Donga, Marcos Carneiro de Mendonça e Pixinguinha

- ☞ Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDoc): Edmundo de Macedo Soares e Silva
- ☞ Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro: Carlos Lacerda

Instituições de pesquisa

- ☞ Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro
- ☞ Arquivo Nacional
- ☞ Biblioteca Nacional
- ☞ Fundação Casa de Rui Barbosa
- ☞ Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
- ☞ Museu Conde de Linhares
- ☞ Museu da Imagem e do Som
- ☞ Mitra da Arquidiocese de Porto Alegre
- ☞ Museu Dom Diogo de Souza — Bagé
- ☞ Vila Santa Thereza — Bagé
- ☞ Archivo General de la Nación — AGN/Uruguay
- ☞ Biblioteca Nacional de Uruguay
- ☞ Museo Histórico Nacional — Casa de Juan Antonio Lavalleja (Montevideu)
- ☞ Franklin D. Roosevelt Library

Publicações

- ☞ *Les français en Uruguay*. Montevideu: Chambre de Commerce Française, 1935.

Catálogos

- ☞ Coleção dr. Arnaldo Guinle — Ernani Leiloeiro
- ☞ Leilão do mobiliário — Copacabana Palace

Fontes eletrônicas

- ☞ Bancos e créditos no Brasil. Disponível em:
<<http://fernandonogueiracosta.files.wordpress.com/2010/01/bancos-e-credito-no-brasil-fernando-n-costa-bbs.pdf>>. Acesso em: 27 set 2014.

- ☞ Os Guinle de Paula Machado vendem o Boavista. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/100997/p_122.html>. Acesso em: 29 nov 2012.
- ☞ Publicidade do Banco Boavista. Disponível em: <<http://www.rogeriosteinberg.com.br/publicitario/o-banco-boavista-%C3%A9-uma>>. Acesso em: 18 dez 2013.
- ☞ Venda do Banco Boavista. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/istoedinheiro-temp/161/financas/161boavista.htm>>. Acesso em: 17 dez 2013.
- ☞ Situação do Banco Boavista. Disponível em: <www.istoedinheiro.com.br/.../10451_A+NOVA+INVESTIDA+DE+OLAVO>. Acesso em: 17 dez 2013.
- ☞ Faturamento do Porto de Santos em 2013. Disponível em: <www.portogente.com>. Acesso em: 20 set 2014.
- ☞ Genealogia da família. Disponível em: <<http://www.geneall.net>>. Acesso em: 2 ago 2014.

Agradecimentos

O sonho de escrever sobre a família Guinle só se concretizou porque Jorge Oakim, Livia de Almeida e Bruno Porto abraçaram de modo incondicional e entusiasmado este projeto. Além disso, Kathia Ferreira, também da Intrínseca, me ajudou a contar de forma clara e objetiva esta história de mais de 170 anos que atravessa cinco gerações e envolve dezenas de personagens.

Tudo começou nos anos 1980, quando tive o prazer de trabalhar com Marcos Carneiro de Mendonça, historiador e primeiro goleiro da seleção brasileira. Em muitas conversas, ele narrava deliciosas passagens de sua vida como atleta do Fluminense. Até que um dia mencionou a relação triangular entre Eduardo Palassim, Guilhermina e Cândido Gaffrée. Desde então, passei a acreditar que a trajetória dos Guinle merecia ser registrada. Anos mais tarde, a filha de Marcos, a crítica teatral Bárbara Heliodora, ajudou a localizar os manuscritos do pai no chamado Acervo do Cosme Velho, hoje no Arquivo Nacional. Assim, foi aberto o caminho para se levantar uma parte importante da história da família.

Encontrar os rastros do obscuro passado gaúcho dos Guinle só foi possível com o auxílio de Luis Antonio de Assis Brasil, do padre Miguel F. do Espírito Santo e da historiadora Ana Laura Leitzke. Em Bagé, contribuíram Carlota, Márcia, Roberto e Airton, todos da família Gaffrée, e o historiador Claudio Antunes Boucinha. Em Santos, colaboraram no levantamento dos dados Flavio Viegas e o pesquisador Alessandro Atanes. No Rio de Janeiro, Luiz Fernando Gaffrée Thompson participou da pesquisa. Gisele Sanglard foi generosa ao abordar a intimidade do casal Eduardo Palassim e Guilhermina Guinle. Ex-companheiro de

Faetec, Cezar Honorato, além de ter me esclarecido algumas questões sobre o porto de Santos, forneceu valiosas informações sobre a gestão dos Paula Machado na Cia. Docas.

A professora Sonia Lopes, da Uerj, historiadora da educação brasileira, me passou dicas sobre a formação dos meninos Guinle. Dr. Álvaro Pessôa, amante das orquídeas, me introduziu na relação de Guilherme Guinle com o mundo das coleções. Lauro Neto localizou, com presteza, vários depoentes.

Carlos Eduardo Guinle da Rocha Miranda, neto de Eduardo Guinle, me pôs em contato com sua irmã, Teresa Castelo Branco, para conversar sobre o cotidiano no palacete do avô. Mas, de todos os netos, foi Maria Helena Flores Guinle a mais envolvida com este livro, sempre pronta a acrescentar dados e sugestões. Recebi subsídios de Ruy Solberg, sobrinho de Branca Guinle, e Ana Maria Santeiro, cuja mãe foi secretária de Eduardo Guinle.

O jornalista Roberto Sander foi grande parceiro, apontando o caminho das pedras na atuação de Arnaldo Guinle no Fluminense, onde contei, somente, com a colaboração de Gil Carneiro de Mendonça. Sobre a paixão de Arnaldo pela música, colaboraram Turíbio Santos, Vasco Mariz e Sérgio Cabral. Foi o pesquisador Luiz Antonio de Almeida, do Museu da Imagem e do Som, que me inteirou da relação de Arnaldo com Antonieta Fleury de Barros, fato confirmado por sua sobrinha, Maggui de Broux.

Cesarina Riso e Carmen Gueiros, e o marido desta, José, conviveram intimamente com Carlos e Gilda Guinle. Os três ajudaram a recompor o cotidiano do casal. Também foi de grande valor na reconstrução do ambiente familiar dessa parte da família o depoimento de Marcos Rodrigues.

As recordações, gentilmente comigo compartilhadas, dos filhos Georgiana e Gabriel, da amiga Claudia Fialho e do escritor Mylton Severiano da Silva serviram para a compreensão da personalidade de Jorginho Guinle. E não teria sido possível escrever sobre Carlinhos

Guinle sem as conversas com Henrique Tamm, seu sócio. Stella Caymmi me colocou em contato com seu tio Dori, na Califórnia, que revelou algumas das histórias sobre a amizade entre Carlinhos e Dorival Caymmi.

Luiz Eduardo, José Eduardo e Otavinho foram atenciosos quanto à pesquisa sobre seu pai, Octávio Guinle. Colaboraram nos estudos sobre o Copacabana Palace Julio Rego e Jorge Freitas, este funcionário símbolo do hotel.

O arquiteto Jorge Hue ajudou a abrir as portas da casa dos Guinle de Paula Machado. José, neto de Celina, não hesitou em me receber. Para compreender o engajamento religioso de Celina contei com os depoimentos de Ana Maria Silvado P. de Abreu, Marina Araujo e Célio Borja.

Marcos F. da Rosa desvendou o curioso mundo de sua tia Heloísa, em São Paulo. Ele também contou as velhas mágoas dos Ribeiro para com os Guinle, por conta da construção do porto de Santos, ainda no século XIX.

A todos vocês, o meu muito obrigado.

Sobre o autor

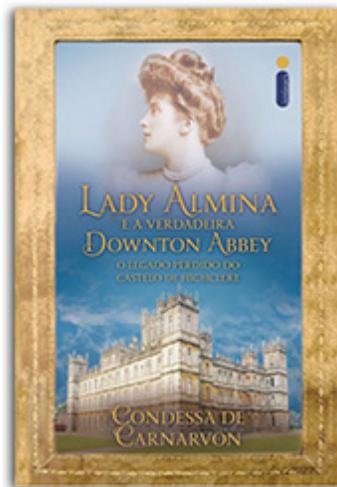


CLÓVIS BULCÃO é historiador formado pela PUC-Rio. Nascido em Botafogo, divide seu tempo entre o magistério e a literatura. Professor do tradicional Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro, é autor de um romance histórico e quatro livros de não ficção, incluindo *Padre Antônio Vieira: um esboço biográfico* (2008).

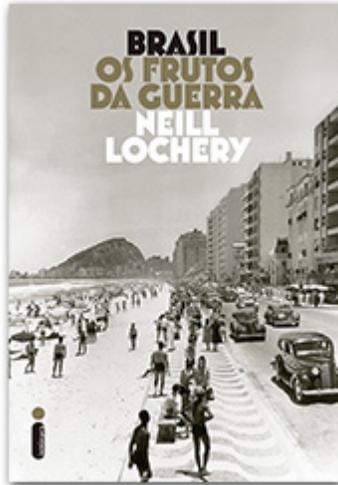
Leia também



A lebre com olhos de âmbar
Edmund de Waal



Lady Almina e a verdadeira Downton Abbey
Condessa de Carnarvon



Brasil: Os frutos da guerra
Neill Lochery



ESTE LIVRO FOI EDITADO
NO OUTONO DE 2015, NA CIDADE DE SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO.
FORAM USADOS TIPOS COUCHIN, CRIADOS POR GEORGES PEIGNOT
EM 1912, A PARTIR DE GRAVURAS
DE NICOLAS COCHIN.